

Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré

Vanda Pantoja

**Belém-Pará
janeiro/2006**

Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré

Vanda Pantoja

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, da Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, para obtenção de grau de mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Raymundo Heraldo Maués.

Belém-Pará
janeiro/2006

Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré

Vanda Pantoja

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, da Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, para obtenção de grau de mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Raymundo Heraldo Maués.

Comissão Examinadora

Prof^o Dr. Raymundo Heraldo Maués (orientador)

Prof^o Dr^o Isidoro Maria Alves (examinador externo)

Pro^a Dr^a Marilú Márcia Campelo (examinador da casa)

Prof^a Dr^a Maria Angélica Motta-Maués (suplente)

Belém-Pará
janeiro/2006

À Lucinha e Gil
Pelo amor e dedicação

RESUMO

Este trabalho discute a organização de uma das maiores festas religiosas do Brasil: o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, Pará. Usando o Paradigma do Mercado Religioso e a Teoria da Dádiva, proponho avaliar a celebração, tomando como ponto de partida uma análise da Diretoria da Festa, que é a instituição que promove a celebração religiosa. O propósito desta avaliação é apontar a convergência entre as duas teorias. Ao longo do trabalho, discuto a gênese e a expansão da celebração, assim como a relação entre a Diretoria da Festa e os devotos de Nossa Senhora de Nazaré.

Palavras-chave: Círio de Nazaré, Mercado Religioso, Reciprocidade, Dádiva, Catolicismo.

ABSTRACT

This work discusses the organization of one of the larger saint's Catholic feasts of Brazil: the Círio of Our Lady of Nazareth, in Belém, Pará. Using the Religious Market Paradigm and the Gift Theory, I propose to evaluate the celebration, taking as point of departure an analysis of the Diretoria da Festa, which is the institution that promotes the religious celebration. The purpose of this evaluation is to point out the convergence between the two theories. Throughout the work, I discuss the genesis and the expansion of the celebration, and the relation between the Diretoria da Festa and the devotees of Our Lady of Nazareth.

Key words: Círio de Nazaré, Religious Market, Reciprocity, Gift, Catholicism.

Sumário

AGRADECIMENTOS	00i
APRESENTAÇÃO	001
O interesse pelo tema	001
Os escritos sobre o Círio	003
Procurando suportes	003
O trabalho de campo	004
Capítulo I – CÍRIO DE NAZARÉ: mito de origem, expansão e organização da celebração Mariana em Belém	014
Os mitos de origem da celebração	015
De manifestação marginal a culto oficial: a “invenção do Círio”	020
Do largo à fronteira: as territorialidades das celebrações marianas	025
Sobre a celebração na atualidade	034
“A maior procissão do mundo”	041
Capítulo II –“OS AGENTES PROMOTORES” DA CELEBRAÇÃO MARIANA EM BELÉM: as dimensões do Círio de Nazaré	053
Dimensões religiosa, econômica e política da celebração do Círio	057

A organização formal do Círio e os agentes envolvidos	062
Instâncias organizativas religiosas e leigas: na “ideologia do controle”	064
Instâncias organizativas religiosas e leigas: “ideologia do controle” x “ideologia da communitas”	067
A corda do Círio: na ambigüidade do símbolo	070
Capítulo III –RECIPROCIDADE E MERCADO NO CÍRIO DE NAZARÉ	079
Gestão do sagrado sob a ótica do mercado: o bem como produto	080
O Paradigma do Mercado Religioso em Berger	081
O “novo” Paradigma do Mercado Religioso: Finke, Stark & Iannacone	082
Demanda e oferta: a proposta de convergência de Guerra	085
Considerações sobre a gestão da celebração do Círio à luz da teoria do mercado religioso: problemas e possibilidades	086
Projeto Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré – POCN: lucrar para melhor evangelizar ou evangelizar visando o lucro?	087
A DF, o IBMC e o Devotos de Nossa Senhora de Nazaré	099
Considerações sobre projetos POCN e DNSN à luz da teoria do Mercado Religioso	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS ou, a propósito do “velho” e dos “novos” paradigmas de análise para a celebração do Círio	105

Lista de quadros

Quadro I – Diretorias da Diretoria da Festa de Nazaré e suas respectivas funções	035
Quadro II – Calendário litúrgico do Círio 2004	038
Quadro III – Manifestações associadas ao Círio de Nazaré	040
Quadro IV -Dados sobre o número de participantes na procissão do Círio ao longo do tempo	042
Quadro V – Cronologia das novas romarias e dos novos espaços incorporados à festividade do Círio de Nazaré a partir dos anos oitenta do século XX	045
Quadro VI – Seqüência de realização das principais romarias do Círio de Nazaré	047
Quadro VII – Entidades realizadoras do Círio de Nazaré	066
Quadro VIII - Situação da corda do Círio nos anos de 1994 a 2005	073
Quadro IX – Empresas Patrocinadoras Oficiais nos Círios de 2003, 2004 e 2005	089

Lista de esquemas

Esquema I – Agentes promotores do Círio de Nazaré	055
Esquema II – Agentes promotores do Círio e possibilidade de interesses	056
Esquema III - Dimensões da festa	057

Gravuras

Gravura representando o achado da imagem 018

Lista de fotos

Foto I – Detalhe da decoração interior de um dos bares do Arraial de Nazaré	032
Foto II – Aspecto do Arraial de Nazaré no Círio 2005	033
Foto III – Ciclistas aguardando o início da Moto Romaria	049
Foto IV – Círio 2003. Pequenos barcos de transporte de pessoas ou de pesca na Romaria Fluvial. Foto GEEC.	051
Foto V – Cartaz de anúncio turístico da Romaria Fluvial exposto no interior da Basílica de Nazaré	052
Foto VI – Diretores da festa e clero à frente da Procissão do Círio	062
Foto VII - Abertura Oficial do Círio 2005. Presença de autoridades políticas e religiosas	065
Foto VIII – Integrantes da Associação Promesseiros da Corda	069
Foto IX– Formato da estrutura da “cabeça da corda”	078
Foto X - Propaganda da cervejaria Cerpa fazendo menção à celebração do Círio 2003	092
Foto XI - Propaganda da cervejaria Cerpa fazendo menção à celebração do Círio 2004	093
Foto XII - Propaganda da cervejaria Cerpa fazendo menção à celebração do Círio 2005	094
Foto XIII – Centro Social de Nazaré apresenta back light dos patrocinadores	098
Foto XIV – Promesseiro do interior do Estado carrega cruz de madeira em pagamento de dívida à Santa.	111
Foto XV – Grupo de peregrinos oriundo de Salinópolis	112

*Nazaré chegou por aqui já era santa
e aqui já era aqui no mesmo lugar
se acorrou para beber água a chuva caiu
resolveu ficar
tirou palha, envira, cipó, galinho de pau
fez uma casinha arrumou cozinha e quintal
assou peixe, fez avoado, tirou açai
sem nada magoar
Naza, Nazarezinha, Nazaré Rainha
Nazaré, mãe da terra, mãezinha me ajuda a
cuidar.*

(Almir Gabriel, Nazaré “Zouk da Naza”)

Agradecimentos

Sou grata a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para realização deste trabalho. Peço desculpas àquelas que, por razões “de tese”, eu possa ter esquecido aqui.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico– CNPq, pelo concessão de bolsa de estudo que me permitiu uma dedicação maior à pesquisa durante o curso de graduação e de mestrado.

Ao meu professor e orientador Raymundo Heraldo Maués deixo aqui registrada minha profunda admiração, ele divide comigo a responsabilidade de, ao longo de minha trajetória acadêmica, ter o compromisso de produzir conhecimento de uma forma sensível e sobretudo responsável.

À professora Marilú Márcia Campelo pela disposição em me acompanhar desde a leitura do projeto até redação final de alguns capítulos. Suas dicas e indagações foram fundamentais para eu entender a natureza de meu trabalho.

À professora Angélica Motta-Maués pela serenidade, respeito e “confiança dada” a meu trabalho ao longo de nossa convivência durante as disciplinas do curso.

Ao professor Isidoro Alves pela grande contribuição através de seus escritos sobre o Círio.

À Rosangela, sempre solícita e simpática na secretaria do DEAN.

Ao Paulo Roberto, ou Paulinho, pela companhia nos almoços e simpatia na secretaria do DEAN.

Ao professor visitante Mark Harris pelo olhar não familiar.

Aos colegas de aula, pela companhia durante os dois anos de formação.

Aos componentes diretos e indiretos do Grupo de Estudo Espaço e Cultura – GEEC pela valiosa contribuição durante nossos encontros.

Como este trabalho, de certa forma, é uma extensão de meu Trabalho de Conclusão de Curso contínuo, sendo grata a algumas pessoas que estão há algum tempo na minha vida e, de alguma forma, já fazem parte dela, entre outras agradeço ao Cincinato Marques Junior por sua AMIZADE, às vezes sumida, às vezes assumida, desde a graduação; ao Marcos Alexandre Pimentel da Silva, por sua companhia nos momentos bons e ruins que passei, ou melhor que compartilhamos ao longo desses anos; ao grande amigo Edgar Monteiro Chagas (meu Boizinho), pelo prazer da companhia e respeito demonstrado na casa e na rua; ao Rodolfo Braga que, talvez sem saber, ajudou-me muito quando se dispunha a ouvir meus problemas.

À “equipe Marajó” na pessoa de Edgar Monteiro Chagas, Karla Oliveira, Carla Belas, Liliam Barros e Paulo de Carvalho, colegas de trabalho por ocasião da pesquisa de campo para o Inventário Nacional de referências Culturais do Marajó. Esta pesquisa me proporcionou o prazer de conhecer os Círios do Marajó.

De forma especial, agradeço ao Tony Leão Costa, meu amor-companheiro, por *estar na vida* comigo.

Ao meu filhotão Joãozinho (Tatazinho) por me realizar profundamente no ofício-paixão da maternidade.

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do CFCH-UFPA, Belém-PA -
Brasil)**

Pantoja, Vanda

Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré /
Vanda Pantoja; orientador, Raymundo Heraldo Maués. - 2006

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais, Belém, 2006.

1. Círio de Nazaré – Belém (PA). 2. Artigos religiosos – Belém (PA) –
Comercialização. 3. Catolicismo. 4. Cultos. I. Título.

CDD - 20. ed. 394.2682098115

Apresentação

O interesse pelo tema

Meu interesse pela devoção a Nossa Senhora de Nazaré em Belém surgiu durante o curso de graduação em Geografia na UFPA, entre os anos de 1999 e 2004. Em 2000 me tornei bolsista de Iniciação Científica do Departamento de Antropologia no projeto “*O pentecostes e a Virgem de Nazaré: a renovação carismática em Belém-Pa*”, coordenado pelo antropólogo Raymundo Heraldo Maués.

Dado meu contato concomitante com a Antropologia e a Geografia tive o desejo de contemplar as duas áreas de conhecimento em meu Trabalho de Conclusão de Curso, surgiu assim meu interesse pela religiosidade como forma de construir um diálogo entre Geografia e Antropologia¹.

O contato com a professora Zeny Rosendahl da Universidade do Estado do Rio de Janeiro me permitiu ter acesso à parte do material já publicado sobre “Geografia da Religião”², fato que me auxiliou na compreensão das relações entre religião e espaço, assim como me possibilitou uma espécie de orientação à distância que envolvia envio de livros e comentários sobre alguns de meus textos, o que mais tarde seria meu projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso. Assim, a relação da celebração do Círio de Nossa Senhora de Nazaré com alguns espaços da cidade de Belém foi tema de meu trabalho final de curso; geograficamente falando eu estive preocupada com os territórios e as territorialidades da celebração do Círio.

O interesse pela Geografia Cultural ficou cada vez mais intenso e eu sentia uma grande preocupação em compreendê-la teoricamente, pensando nisso, juntei-me a um grupo

¹ Não posso me furtar aqui de pontuar o quanto foi difícil para mim compreender que era possível o diálogo entre ambas as áreas de conhecimento. Até porque parece que há um interesse, às vezes velado às vezes não, de ambas as partes, em demarcar nitidamente esses “territórios” de atuação, transitar entre as duas me colocava em uma situação ambígua e por isso, indefinida.

² Geografia da Religião é um dos temas de interesse da Geografia Cultural, sub-ramo de estudo dentro da Geografia ainda pouco explorado no Brasil. O mais representativo lócus de pesquisa de Geografia Cultural é o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura – NEPEC, formado desde 1993 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro que tem a frente a professora Zeny Rosendahl e o professor Roberto Lobato Corrêa.

de alunos do curso de Geografia, coordenados pelo Prof^o, Cincinato Marques Junior, que estavam de alguma forma preocupados em discutir temas acerca de manifestações da cultura popular, identidade e religião; formamos o GEEC – Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura³. O grupo se encontrava uma vez por semana para discutir sobre teoria em Geografia Cultural e, apesar de ter existido por pouco tempo, foi o período em que eu mais aprendi sobre teoria geográfica, isto porque a Geografia Cultural não é uma ciência distinta da Geografia, não tem um objeto específico e não manipula categorias que não sejam do conhecimento comum dos geógrafos, o que a diferencia das “outras” geografias que fazemos como a Econômica, a Política, a Agrária ou a Urbana é a sua grande afinidade com a Antropologia, sobretudo em sua perspectiva interpretativa, isto é, é uma abordagem que está preocupada com os sentidos que os homens atribuem às suas produções, estejam estas materializadas ou não no espaço, mas que sejam capazes de orientar práticas e motivar (re)ações dos grupos humanos em questão⁴.

Pode-se dizer, *grosso modo*, que grande parte das motivações teóricas da Geografia Cultural, mais especificamente nas abordagens sobre religiosidade, a literatura de fundo, isto é, os princípios teóricos e, às vezes, metodológicos são todos de natureza sócio-antropológico. Èmile Durkheim, Max Weber e Clifford Geertz são as grandes referências para a Geografia Cultural.

Esta é a versão que lanço mão para esclarecer sobre o interesse de uma geógrafa pela Antropologia e mais ainda pela devoção a Nossa Senhora de Nazaré como objeto de estudo.

Assim, dando continuidade a uma pesquisa que teve início na Iniciação Científica, neste trabalho estou preocupada em compreender o processo de organização do Círio tendo

³ Os alunos que efetivamente fizeram parte do grupo além de mim foram: Edgar Chagas Júnior, Walter do Carmo Cruz, Wallace Pantoja, Celso Sinimbu, Téo Mesquita e Rodolfo Braga. O professor que nos coordenava era Cincinato Marques Júnior.

⁴ Essa abordagem abre um leque de possibilidades de análise sobre temas de tradição na Geografia, diferenciando-se das abordagens tradicionais porque leva em consideração os significados das práticas sociais, que por sua vez resultam em uma valoração diferenciada do espaço para os grupos humanos.

em vista a implementação pela Diretoria da Festa, daqui pra frente DF⁵ do projeto “Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré”-POCN⁶ no ano de 2003, assim como uma série de outras práticas que, paralelo ao POCN, agregam ao processo de organização da festividade uma privilegiada preocupação com a captação de recurso para a realização da mesma, tendo como fio condutor para tanto a devoção.

Os escritos sobre o Círio

A literatura que se tem produzido sobre o Círio o tem destacado como um fenômeno social de grande importância. Seja enfatizando essa importância pela ótica da Geografia Humana, a partir da mobilidade ou “transumância” entre o interior e a cidade provocada por ocasião do Círio como verificou Eidorfe MOREIRA (1971); seja produzindo uma literatura a partir do que se relatou a respeito do Círio na imprensa escrita como fez Heraldo MONTARROYOS (1992); ou, a partir de um ponto de vista estruturalista, concebendo o Círio como um momento ritual que através de sua dimensão simbólica é revelador da estrutura de um amplo sistema de relações sociais como realizou ALVES (1980); seja relatando uma história do Círio de cerca de duzentos anos como fez ROCQUE (1981); ou, a partir de um ponto de vista antropológico, como fez MAUÉS (1995) que concebe o Círio de Nazaré, também, como exemplo da tensão que caracteriza o catolicismo como um todo, sendo, em muitos momentos essa tensão revelada através de relações conflituosas entre os agentes representantes de duas concepções que se tem acerca do catolicismo: de um lado a concepção eclesiástica (oficial), que diz respeito ao catolicismo pensado pelas autoridades religiosas, e do outro, o catolicismo popular, praticado e vivenciado pelas pessoas comuns.

Procurando suportes

Além da literatura específica sobre meu objeto de estudo, autores como Peter Berger (1980), discutindo acerca da entrada na esfera da religião das práticas consideradas

⁵ A DF é a instituição responsável pela organização de todas as modalidades de eventos do Círio reconhecidos como oficiais pela Igreja. Informações detalhadas sobre a DF se encontram no primeiro capítulo e ao longo do trabalho.

⁶ Tratarei detalhadamente desse projeto no terceiro capítulo desse trabalho.

típicas do mundo moderno ocasionando o que o autor chama de crise de plausibilidade, Mauss (2003) ao tratar sobre reciprocidade em seu famoso texto ensaio sobre o dom: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas”, Karl Polanyi (2000), discutindo sobre as várias formas de troca existentes ao longo do desenvolvimento das sociedades, Leonildo Silveira Campo (1997) em seu estudo sobre o marketing aplicado às Igrejas Pentecostais, além de outros foram fundamentais para se pensar o trabalho que ora escrevo.

Se por um lado essa nova(?) forma de gerenciar a celebração me apresentou no decorrer da pesquisa, instrumentos para uma análise conhecida na Sociologia da Religião como Paradigma do Mercado Religioso, notadamente nas abordagens de Berger (1980), Finke & Stark (1988) e Iannaccone (1995), por outro lado, não pude deixar de observar que a DF não se encontra apenas preocupada em manter-se em situação confortável, frente às outras formas religiosas, no mercado de bens simbólicos, há, sobretudo, uma preocupação que está bem próxima da obrigação de retribuir a graça outrora alcançada ou prestes a ser atendida pelos deuses. Dessa forma, minha análise se utiliza tanto da abordagem do Paradigma do Mercado, quanto da Teoria da Reciprocidade de Mauss (2003), para tratar sobre a organização do Círio. Temas paralelos surgiram ao longo da pesquisa, dos quais não pude me furtar; a exemplo do desejo de controle da DF em relação à celebração como um todo, assim como a atuação dos leigos comuns no processo de organização da festa; trato dos mesmos, sem, no entanto, serem estes os focos centrais de minha análise.

O trabalho de campo

A pesquisa realizada nos anos de 2001 e 2002 para realização do TCC foram trabalhos de campo de acompanhamento dos eventos externos do Círio, isto é, da celebração já pensada e posta às ruas pela DF, foi principalmente no ano de 2003⁷ que tive

⁷ O trabalho de campo do ano de 2001 e 2002 consistiu basicamente de observação de alguns eventos relacionados à celebração como Auto do Círio, Trasladação, Festa da Chiquita e Procissão do Círio. No ano de 2003, já com a formação do GEEC houve a realização, logo após o Círio, de um seminário que tinha como tema “Círio de Nazaré: Religião, Espaço e Cultura”. Para realização do seminário foi realizado um grande trabalho de campo, inclusive fotográfico, que envolveu cerca de 20 alunos além de um certo aparato material como carros e câmera de fotografia digital o que possibilitou o acompanhamento das principais atividades ligadas ao Círio como: Traslado, Romaria Rodoviária, Auto do Círio, Romaria Fluvial, Moto-Romaria, Arrastão do Pavulagem, Trasladação, Procissão do Círio, e Círio das Crianças. Todas essas celebrações serão explicadas ao longo de trabalho.

oportunidade de entrar em contato com os bastidores da organização da Festa, nesse momento que surgiu o interesse por conhecer mais detalhadamente como se organiza o Círio de Nazaré. No Círio de 2004, já inserida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, direcionei minha atenção para a DF como “entidade” privilegiada no processo de organização do Círio, e passei a direcionar o trabalho de campo dos eventos do Círio para os bastidores de sua organização.

Tendo em vista a importância do trabalho de campo em minha pesquisa relato aqui um pouco de minha experiência relativas às reuniões de preparação do Círio do anos de 2004 e 2005 realizadas pela Guarda de Nazaré⁸ no CSN.

Realizei inúmeras visitas aos vários eventos considerados como componentes da “quadra nazarena”⁹, no entanto, não posso dizer o mesmo quanto à transformação dessas visitas em trabalho de campo, na estrita acepção do termo. Muitas vezes eu me deparava com tanta informação no campo, sentia que tudo era importante mas não conseguia me conduzir para uma avaliação analítica dos dados, no máximo eu produzia algumas anotações sem saber muito bem aonde aquilo me conduziria.

Isso foi para mim motivo de muito incomodo durante o primeiro ano de minha pesquisa (e talvez ainda seja); as conversas com alguns colegas de turma aliviavam minha tensão (ou a aumentavam) visto que alguns deles padeciam dos mesmos problemas. Em

⁸ A Guarda é formada por um grupo de voluntários, todos masculinos, de cerca de setecentos homens que passam por um processo de “aprendizado” de cerca de dois meses antes de serem considerados integrantes do grupo. Esse rito de iniciação diz respeito basicamente à formação de uma conduta moral cristã e exemplar. A constituição de uma guarda para Nazaré, ou Guarda de Santa como é comumente chamada, pode ser entendida como mais um capítulo de uma série de intervenções que denotam o desejo dos organizadores do Círio em discipliná-lo. O idealizador da Guarda foi o padre Barnabita Giovane Incampo que esteve à frente da Basílica de Nazaré na década de 1970.

(...) eu reparei que ao redor da berlinda havia muitos macumbeiros que por uma tradição, promessa que eles fazem, eles misturam tudo, macumba e religião(...) com os Guardas de Nossa Senhora de Nazaré ficou mais fácil porque guardas conscientizados espiritualmente com eles podiam contar que substituíam o que não era católico, que era católico mas freqüentava duas religiões praticamente, substituí-los para garantir que ao redor da berlinda houvesse pessoas conscientes, cristãs, católicas que podia dirigir pacificamente a serviço de Nossa Senhora.(Pe. Giovane Incampo. Entrevista em junho 2004).

⁹ Esse é o termo como se referem tanto o clero como os leigos comuns ao tempo em que ocorre a festividade de Nossa Senhora de Nazaré, outro termo utilizado é “quinzena festiva” em alusão também ao tempo da festa que teria a duração de duas semanas. Na atualidade o tempo da festa já ultrapassa os vinte dias (retomaremos

uma de minhas conversas com a professora Carmem Isabel, então minha “colega” em uma das disciplinas optativas do PPGCS, sobre minhas “crises” no trabalho de campo ela me disse com bastante calma: “todo problema é teórico”. Ouvi sua frase curta mas cheia de conteúdo e voltei a visitar os livros e textos.

Acredito que a partir disso minhas visitas de campo estiveram mais próximas de um trabalho de campo, pois perdi um pouco a ansiedade por fazer anotações e me esforcei em tentar compreender e analisar os dados, não posso dizer que funcionou perfeitamente, mas, o presente trabalho é esforço nesse sentido.

A priori eu não tinha conhecimento algum acerca do processo de preparação do Círio. No ano de 2003 o GEEC – Grupo de Estudo Espaço e Cultura - preparou um seminário que tinha como tema principal o Círio, nosso coordenador, Cincinato Marques Junior, foi o responsável, por ocasião desse seminário, de me levar à primeira reunião de preparação do Círio, que na verdade não era a primeira mas a última antes da realização da Procissão do Círio. Nessa ocasião não pude deixar de perceber o quão grandioso é o processo de organização do mesmo¹⁰.

Após o Círio de 2003 fui informada pelos guardas de Nazaré que reuniões como a que eu participei, com a presença da Polícia Militar, Exército, Bombeiros, Cruz Vermelha, Prefeitura Municipal e demais órgãos envolvidos, aconteciam apenas uma vez de forma pública, na véspera do Círio e a mesma tinha como função apresentar o “esquema” de organização da festa para os mais envolvidos em sua realização, para que os mesmos pudessem ficar informados de tudo que acontecerá durante a procissão do Círio através do que a organização chama de “Operação Círio”. No entanto, para além dessa muitas outras reuniões acontecem durante a maior parte do ano, especialmente as que são realizadas pela Guarda de Nazaré. Dessa forma, no ano seguinte freqüentei as reuniões de preparação do

este tema mais a frente já que está ligado ao fenômeno de expansão do Círio, item importante para minha investigação).

¹⁰ O que mais me chamou atenção em princípio foi a grande quantidade de pessoas presente nesta reunião assim como o luxo em que se constituía o espaço no qual acontecia a reunião, com paredes alcochoadas, forradas de tecido aveludado e cadeiras com assentos macios e espaçosos. Posteriormente, quando passei a

Círio 2004, realizadas pela Guarda de Nazaré todas as quintas-feiras dos meses de agosto e setembro que antecederam o Círio.

As condições em que colhi a maior parte das informações que relato e analiso em meu trabalho foram reconhecidas, até por meus informantes, como especiais. Começamos por um dado simples mas de extrema importância: eu sou mulher¹¹.

Meu universo de pesquisa é cem por cento composto de homens, e não há nisso apenas uma questão de gênero, há sobretudo uma questão cultural que se revela de grande força moral, já que meus informantes além de homens apresentam, em sua maior parte, uma profunda formação cristã católica, inclusive, esse fato contribuiu muito para que meu acesso à algumas informações fosse dificultado e, em alguns casos, impedido. Isso se explica pelo fato de a DF ser uma instituição de natureza religiosa da qual somente homens podem fazer parte e, conseqüentemente, freqüentar suas reuniões, detalhe de grande importância para mim já que este trabalho tem como preocupação central a compreensão do processo de organização do Círio. Dado esse impedimento no decorrer da pesquisa resolvi implementar outras formas de estabelecer contato com DF.

Em princípio pensei em estabelecer contato com a Diretoria via esposas dos diretores, visto que estas, mesmo não freqüentando as reuniões, têm uma atuação bastante acentuada em alguns momentos de preparação da celebração, decidida a trilhar por esses caminhos iniciei por pensar nas possíveis formas de aproximação; nesse estágio comecei a freqüentar bastante o CSN sempre na expectativa de que uma grande idéia surgisse e me indicasse uma forma eficaz de indiretamente participar do processo de organização do Círio¹². Nesse processo de visitas constantes ao Centro Social de Nazaré, daqui pra frente CSN, resolvi conhecer o espaço do mesmo e eis que em uma dessas incursões cheguei até a sala da Guarda de Nazaré.

freqüentar as reuniões da Guarda, não pude deixar de notar o contraste entre os espaços, apesar da sala da Guarda ser espaçosa é mal iluminada, quente e possui cadeiras de assento duro.

¹¹ Ao realizar pesquisa de campo na década de 1970 que resultaria em sua dissertação de mestrado Isidoro Alves relata que assistiu às reuniões da DF. (Cf. ALVES, 1980, p. 18).

¹² Creio que estes foram os momentos mais difíceis da pesquisa, pois que estava em jogo a minha aproximação com meu objeto de estudo.

Nesse mesmo período eu estava coletando dados para a realização do trabalho final de uma das disciplinas do PPGCS¹³, para a qual eu desejava escrever um texto sobre a Guarda. Tendo um bom motivo para me aproximar dos guardas, bati à porta, me apresentei aos mesmos, esclareci sobre minha condição de pesquisadora, lhes falei sobre meus objetivos e iniciei minha frequência às suas reuniões não totalmente convencida de que, para além do artigo da disciplina já mencionada, eles seriam no primeiro momento da pesquisa minhas principais fontes de informações sobre o processo de organização do Círio.

Minhas conversas informais com alguns guardas, principalmente com o senhor Ivan¹⁴, me puseram, em junho de 2004, em contato com o padre Giovanni Imcampo, pároco da Basílica de Nazaré nos anos setenta e idealizador da Guarda por ocasião de sua gestão.

As razões que motivaram o religioso a instituir um coletivo denominado de Guardas de Nossa Senhora de Nazaré me levaram a entendê-la em sua importância para o Círio como um todo, e à constatação final de que seria através deles que eu me aproximaria o mais possível da DF¹⁵. Tendo em vista sua importância para minha pesquisa, comecei a frequentar em agosto de 2004 as reuniões de preparação do Círio do ano em questão¹⁶.

É importante pontuar a situação que encontrei ao participar da primeira reunião da Guarda e as impressões que me assaltaram durante a mesma. As reuniões da Guarda são realizadas no terceiro andar do CSN na Sala da Guarda. É uma sala ampla que acomoda tranquilamente os cerca de 400 guardas que costumam frequentar as reuniões. Estes são todos homens comuns, com exceção dos que compõem a coordenação e diretoria, são ex-militares, seguranças, vendedores, aposentados e estudantes; são alegres, falantes, e muito atenciosos quando solicitados.

¹³ Trata-se da disciplina obrigatória do PPGCS “Organização Social e Parentesco”.

¹⁴ Os nomes dos guardas não foram alterados pois não vejo, neste caso, necessidade para tanto. Em alguns casos nos quais ocultei o nome do indivíduo o substituí pelo da instituição que representa pois acredito que a opinião ou informação em questão diz mais respeito ao guarda enquanto instituição que ao guarda enquanto indivíduo.

¹⁵ As razões que levaram o padre Giovanni Imcampo a instituir a Guarda de Nossa Senhora de Nazaré são sucintamente apontadas por mim em um texto escrito para a disciplina Organização Social e Parentesco intitulado “Guardas de Nazaré e promesseiros da corda: encontros e desencontros no Círio de Nazaré”. Isidoro Alves em seu “O Carnaval Devoto” comenta sobre a Guarda e a caracteriza como um dos instrumentos de controle postos em prática pela DF (cf. Alves, 1981 p. 34).

Na primeira reunião que participei, como havia pedido permissão para a coordenação, alguns diretores já me conheciam e sabiam da minha condição de pesquisadora, no entanto, raramente estes participam das reuniões, isso significa que para os guardas comuns eu era uma mulher estranha em meio a uma reunião da qual somente participam homens.

Nas reuniões seguintes, sempre que possível, escolhia um guarda e sentava próximo, na primeira oportunidade puxava assunto, mesmo sabendo que naquele momento eu desejava mais observar que fazer entrevistas. Nesse processo conheci um guarda que também era estudante universitário, passei a me sentar sempre a seu lado, fui tomada pelos outros com sua amiga e aos poucos foram se acostumando com minha presença.

A Guarda não participa das reuniões da Diretoria, no entanto, como ambas estão diretamente vinculadas ao símbolo mais representativo de toda a devoção, a imagem da santa, as principais decisões relativas à realização das procissões são repassadas aos guardas durante as reuniões via Diretoria da Guarda.

Eu participei de reuniões com cerca de quatrocentas pessoas nas quais eu era a única mulher e isso para aqueles homens faz muita diferença, pois todas as vezes que algum deles, se encontrando ao meu lado, deixava escapar “conversas de homem”¹⁷ olhava para mim imediatamente; era um grande esforço, quase sobre humano para eles, conjugar sua espontaneidade com um desejado comportamento “tipo ideal” de guarda que eles querem repassar para quem não é guarda¹⁸. Nos últimos dois encontros de preparação para o Círio 2004, realizada nos dias nove e dezesseis de setembro, as reuniões foram realizadas separadamente por equipes de acordo com o número de estações presentes na nova forma da corda¹⁹, escolhi o grupo denominado de “cabeça da corda” para fazer acompanhamento,

¹⁶ É bom lembrar que meu contato com a Guarda já datava de mais ou menos abril/maio de 2004.

¹⁷ Conversa de homem seria falar sobre futebol, mulheres, ou qualquer outro assunto que não fosse o Círio.

¹⁸ Nos referimos aqui às tipologias ideais propostas por Weber, que aplicadas a um guarda seriam humildade, respeito, boa conduta e honestidade, principalmente, já que são características de um comportamento que deriva de Maria. Os guardas são, ou deveriam ser, segundo sua direção, os modelos masculinos de Maria.

¹⁹ O novo formato da corda do Círio está relacionada à alteração implementada pela DF no Círio de 2004, de acordo com esta mudança a corda tem alterado tanto seu formato quando a forma de sua condução. É nesse contexto que passam a existir as estações da corda que em 2004 foram sete: “núcleo da corda” ou da berlinda,

sua escolha está relacionada a importância desse grupo para a boa realização da procissão do Círio, já que para o mesmo foram escolhidos os guardas aparentemente mais fortes e, em sua maior parte ex-militares²⁰.

Apesar de minha presença nesse grupo ter sido autorizada pelo coordenador da Guarda, o chefe desse grupo se sentia pouco a vontade com minha presença, principalmente nos momentos que necessitava dar instruções aos guardas de como proceder com os promesseiros da corda²¹ durante as procissões do Círio e Trasladação.

Acredito que o fato de eu fazer anotações o impedia de falar certas coisas com receio de que suas palavras pudessem sair daquele ambiente e que ele pudesse perder o controle sobre as mesmas. Apesar das diferenças evidentes dentro do próprio coletivo da Guarda entre “dominantes” e “dominados”²², há um pensamento partilhado coletivamente sobre o simbolismo da Guarda como instituição que, de certa forma, pretende ter o controle no momento da Procissão do Círio, mas que apesar desse desejo não pretende ser confundida em seus atos com os policiais militares presentes no cortejo²³, já que se entende como uma instituição de caráter religiosa²⁴.

O receio de perda de controle sobre os enunciados também se aplica a um membro da DF que quando procurado por mim exigiu que a entrevista não fosse gravada. Mas para além dessa questão, muitas vezes tive a impressão de que era muito difícil para eles lidarem comigo pelo fato de eu ser mulher, e essa atitude de dificuldade era levada ao extremo

“estações 1,2,3,4, 5” e “cabeça da corda”. Eu frequentei as reuniões da equipe denominada cabeça da corda. (ver esquema da antiga e nova disposição da corda em anexo).

²⁰ Essas informações foram colhidas por mim no decorrer das reuniões nas quais o coordenador do grupo, exaltando sobre a importância do mesmo, mencionou as características que ressaltou.

²¹ Promesseiros da corda são entendidos por mim como todas as pessoas que vão (seguram, puxam?) à corda do Círio seja por pagamento de promessas ou não. Para a DF o termo promesseiros da corda está mais relacionado aos indivíduos que compõem uma associação que de certa forma “controla” a corda durante a procissão do Círio (este assunto será tratado por mim com mais detalhes no segundo capítulo desse trabalho).

²² Há uma grande diferença de classe entre a Diretoria da Guarda e os guardas como um todo. Isso porque a direção da Guarda é indicada via DF que, também, ao longo do tempo tem mantido em sua direção pessoas “influentes e bem relacionadas”.

²³ A presença da Polícia Militar no cortejo é muito criticada por alguns promesseiros devido, principalmente, à sua “truculência”. Não apenas os policiais mas todo aparato responsável pela manutenção da segurança pública se faz presente tanto na procissão do Círio como nos outros eventos que compõem a celebração.

desde a tentativa de ignorar minha presença, fingir que eu não existia, até a recusa em olhar para mim quando falavam comigo. Essas atitudes foram mais percebidas por mim como relacionadas aos diretores da Festa e da Guarda que aos guardas como um todo, questão que não desejo aqui explorar mas apenas pontuar.

Os promesseiros da corda são pouco citados nas reuniões da Guarda. Membros da DF e da Guarda preferem o termo “romeiro”, pois é mais generalizante e de certa forma despersonaliza o promesseiro da corda; romeiro para eles são todos os que acompanham a procissão seja, promesseiro ou não, e quando os mesmos são mencionados é quase sempre na condição de adversário.

Como nem todas as informações que necessitamos podem ser aferidas a partir somente das reuniões da Guarda, já que decisões que dizem respeito a outros níveis da organização, a exemplo da questão do projeto Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré - POCN, que é neste trabalho nosso foco central, fogem à competência da Guarda, outros meios foram utilizados para obtenção de informações, sendo as principais a participação em reuniões de preparação abertas ao público, entrevistas com membros da DF como diretores e ex-diretores, coordenador e ex-coordenadores, como com membros da associação Promesseiros da Corda, demais pessoas ligadas à Diretoria de uma forma geral e consultas às de reunião da DF.

As consultas às atas de reuniões da DF foram fontes de investigação privilegiada para mim já que, pelo fato de eu não ser diretor, não posso ter acesso direto às reuniões da Diretoria. Assim desde meu primeiro contato com Antonio Flávio Pereira Américo (coordenador da DF 2005/2006) expus a ele a necessidade que minha pesquisa exigia de consultar as atas de reunião da DF, em respostas ouvi uma afirmativa, mas, para médio prazo. Em uma de minhas incursões pelo CSN em abril de 2005 recebi autorização para consultar as mesmas, ocasião em que fui apresentada ao Diretor Secretário, que dali em diante trataria o assunto comigo. No dia 13/05/2005 tive acesso às atas das reuniões realizadas no ano de 2004, e a informação de que somente estas poderiam ser por mim

²⁴ Percebi em alguns momentos da pesquisa um grande orgulho dos guardas como um todo ao saberem que

acessadas. O Diretor Coordenador apesar de ter dado poderes para o Diretor Secretário tratar comigo, deu ordens a secretária para restringir-me as atas, sem a ciência do Diretor Secretário. Nesse sentido, o mesmo sentiu-se diminuído e retirou-se dizendo que eu tratasse direto com o Coordenador. Argumentei novamente sobre necessidade de mais atas com o Diretor Coordenador e este, creio, para não alongar a conversa concordou.

Para minha surpresa quando retornei na semana seguinte fui informada secamente pela secretária que acessaria apenas as atas de 2002, 2003 e 2004, ainda assim, incompletas já que as outras haviam se “perdido”. As condições em que consultei as atas também merecem ser mencionadas. Eu as consultei na Secretaria do CSN na presença de duas secretárias que lá trabalham e de quem mais necessitasse usar a sala (diretores e esposas), dessa forma, sentia-me incomodada pelo barulho constante de conversas e toques de telefone e, mais ainda, pela sensação sempre presente de que estava sendo observada. No entanto, estas mesmas condições contribuíram, por outro lado, para que eu obtivesse informações que creio não obteria em outras condições.

Tendo em vista a celebração do Círio de Nazaré em Belém ser uma das mais antigas festas de santo, no primeiro capítulo *“Círio de Nazaré: mito de origem, expansão e organização da celebração mariana em Belém”* apresento os fatos e mitos que norteiam a gênese da devoção em Belém, percebendo-a não com uma relação isolada mas sobretudo como uma manifestação que pode ser analisada a partir de um contexto mais geral, relativo à introdução do catolicismo nas Américas. Apresento a DF e suas respectivas Diretorias Executivas, pontuo algumas considerações sobre o crescimento espacial da celebração, demonstrando a introdução de novas procissões à mesma. Finalizo o primeiro capítulo refletindo acerca das razões que explicariam o surgimento das novas procissões.

Esta indagação me leva a tratar no segundo capítulo sobre os *“Agentes promotores” da celebração mariana em Belém: as dimensões do Círio de Nazaré*”. Discuto a respeito dos interesses políticos, econômicos e religiosos presentes simultaneamente na celebração.

“essa menina tá fazendo um trabalho sobre a Guarda” (notas de campo).

O interesse divergente dos diferentes agentes presentes no processo de organização do Círio, me leva a discutir no terceiro capítulo, “*Mercado e reciprocidade no Círio de Nazaré*”, os projetos Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré – PONC e Devotos de Nossa Senhora de Nazaré – DNSN, evidenciando as nuances de mercado e de reciprocidade presentes na celebração a partir dos mesmos.

Nas considerações finais, partindo do significado que a celebração adquire para os diferentes agentes promotores da mesma, ênfase sobre a complementaridade entre as duas teorias que lancei mão para entender a organização do Círio.

I - CÍRIO DE NAZARÉ: mito de origem, expansão e organização da celebração mariana em Belém

*Foi em mil e setecentos
Parecia até miragem
Encontrada ali no tempo
Aquele bela imagem...*

(Apolo Monteiro Barros. Círio de Nazaré-
Literatura de cordel, 2004).

Círio é a forma como se denomina a principal procissão do conjunto de celebrações envolvidas no culto a Nossa Senhora de Nazaré em Belém, é também como se nomeia os quase vinte dias de homenagens à padroeira da cidade. Assim, círio é tanto uma nomenclatura específica a uma procissão, quanto a um conjunto de celebrações religiosas, ou não, que acontecem a partir da segunda sexta-feira do mês de outubro²⁵.

A celebração envolve procissões, missas, feiras de brinquedos regionais, arraial, festas, encenações teatrais, salões de arte, *show* pirotécnico, musicais e muitas outras manifestações. O Círio é um acontecimento de grande importância não apenas para os devotos²⁶ de Nossa Senhora de Nazaré, mas para os paraenses como um todo que, de uma maneira ou de outra, participam da festa que é o Círio.

Os mitos de origem da celebração do Círio

Não pretendo neste trabalho discorrer sobre a história do Círio ao longo de mais de três séculos de devoção, visto que esta análise privilegia um recorte temporal que parte da década de 1980, com ênfase nos anos de 2003, 2004 e 2005. No entanto, ao longo do trabalho será necessário ter referências, mesmo que gerais, de aspectos fundamentais da história da devoção em Belém, que auxiliarão no alcance dos objetivos propostos. Dessa forma, dois recortes são essenciais: o achado da imagem, supostamente no último ano do século XVII, e a oficialização do culto na última década do século XVIII. Passemos a eles.

Vainfas & Almeida de Souza (1999) em artigo onde analisam a introdução do catolicismo nas Américas Portuguesa e Espanhola entendem que as supostas manifestações de Nossa Senhora, para indígenas ou mestiços nas Américas, estariam relacionadas ao processo de sincretismo ou mestiçagem entre as crenças européias e ameríndias que então

²⁵ Neste trabalho quando me referir ao evento como um todo chamarei de Círio, e ao evento específico chamarei de Procissão do Círio.

²⁶ Uso a palavra devoto como uma derivação do substantivo devoção definido, segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico, a partir de cinco formas, ao nosso ver complementares: 1) Ato de dedicar-se ou consagrar-se a alguém ou algo; 2) Sentimento religioso; 3) Culto, prática religiosa; 4) Dedicção íntima; 5) Objeto de especial veneração.

se encontravam²⁷. Os autores não descartam a possibilidade de um uso ideológico, por parte do colonizador, das aparições da Virgem no novo mundo, estas poderiam ser utilizadas como instrumento facilitador do processo de dominação e controle dos colonizados. No entanto, é bom lembrar que esta é uma das interpretações possíveis em se tratando das aparições, uma outra, seria a de que as aparições de Nossa Senhora para mestiços ou indígenas, ao invés de representarem o desejo de controle ideológico do colonizador revelariam uma espécie de resistência dos povos colonizados que, proibidos ou impossibilitados de praticar seus ritos teriam resignificado seus antigos deuses, tendo como base princípios cristãos, sobretudo católicos.

Quando consideradas separadas essas duas interpretações levam a diferentes leituras do fenômeno do sincretismo: uma que se pauta basicamente no sincretismo como arma do colonizador europeu para, mais eficazmente, dominar os povos do novo mundo, sobretudo indígenas, e outra, que vê o sincretismo como produto da resistência desses povos perante o controle europeu. De qualquer forma, em ambas as abordagens o fenômeno que se apresenta é a mestiçagem²⁸, isto é, o processo de misturas, mas não de fusão, entre culturas na sua acepção mais geral, resultando disso, a existência de algo novo e sem precedentes para ambos os povos do contato, uma situação na qual o “improvisado”, e não a norma, foi a regra do jogo (GRUZINSK, 2001).

Mas como relacionarmos esse contexto mais amplo às origens da devoção a Nossa Senhora de Nazaré em Belém?

A aparição da imagem de uma santa católica a um mestiço também está presente no mito de origem da devoção Mariana em Belém. Plácido José da Souza, o suposto responsável por achar a imagem de Nossa Senhora em 1700 e, posteriormente, iniciar o culto, é reconhecido pela literatura sobre o Círio como mestiço, sendo muitas vezes

²⁷ No México, em 1531, se daria a primeira manifestação de Nossa Senhora na América espanhola, sendo o autor das visões um indígena; na Colômbia e na Bolívia as manifestações ocorreriam na década de 1580, e na Colônia portuguesa na América a primeira aparição da Virgem data de 1535 à índia Paraguaçu (VAINFAS & ALMEIDA DE SOUZA 1999, 206-207-208)

²⁸ Mestiçagem é aqui entendida, segundo Gruzinski (2001), que a define como um processo que está sempre por se concluir e diz respeito ao contato de povos de cultura muito diferentes e distantes. Segundo essa perspectiva a noção de sincretismo pode ser vencida pela noção de mestiçagem já que esta última refere-se aos processos de “mistura” desde o biológico até o cultural.

denominado pelo termo caboclo ²⁹. Dessa forma, concordo com Roque (1981) que acredita que as origens da crença a Nossa Senhora de Nazaré em Belém se ligam a um conjunto mais amplo de crenças em “santos achados”, comuns no Brasil todo. As estórias dos santos achados são mito de origem para várias celebrações, algumas famosas como a de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, no início do século XVIII³⁰, ou de cultos de cunho bastante localizado como Nossa Senhora da Mexiana no município de Chaves³¹. No entanto, se levarmos em consideração as pesquisas de Vainfas & Almeida de Souza pode-se dizer que o achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré em Belém por um mestiço se encontra ligado a um imaginário que extrapola o nacional e diz respeito a um contexto mais amplo da história das Américas.

²⁹ A literatura acerca das origens de Plácido é bastante polêmica; para alguns que trataram do assunto como Rocque (1981), este seria descendente de portugueses; Montarroyos (1992) fala de Plácido como um homem pardo; Alves (1980) afirma que Plácido era um caboclo; Maués (1995) o classifica como um caboclo humilde. Como vimos, à parte as denominações diversas, o origem mestiça de Plácido não é negada, sendo, em muitos casos, claramente explicitada sua condição de caboclo. Sua profissão é outro ponto de polêmica, não se sabe se era lavrador, lenhador, pescador ou caçador, no entanto, tais discordâncias não chegam a ser contradições, podem, inclusive, ser entendidas como complementares.

³⁰ No início do século XVIII, dois pescadores, João Alves Garcia e Felipe Pedroso, teriam pescado o corpo de uma santa e logo em seguida sua cabeça, colaram a cabeça ao corpo e a levaram para casa de Felipe Pedroso que inicia a devoção. Dado o crescimento, o culto é oficializado pela Igreja Católica em 1743, em 1868 a imagem recebeu a visita da princesa Isabel e do Conde D’Eu, que lhe presentearam com uma coroa de ouro. Com o advento da República e a separação entre Estado e Igreja, o culto de Nossa Senhora Aparecida, nome dado à Santa graças às condições em que foi achada, foi entendido como algo genuinamente brasileiro, visto a imagem ser negra, o que simbolizaria a inclusão do negro em uma sociedade então ex-escravista. Em 1903 o arcebispo metropolitano do Rio de Janeiro D. Joaquim Arcoverde solicitou à Santa Sé permissão para coroar solenemente a imagem escolhendo o dia oito de setembro para homenagear a imagem. Em setembro de 1929 o episcopado brasileiro se reuniu na cidade de Aparecida para comemorar o jubileu de prata de coroação da Virgem, momento no qual o arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, liderou um movimento no sentido de pedir ao Papa permissão para que Nossa Senhora Aparecida fosse reconhecida como “Rainha e Padroeira do Brasil”, pedido atendido por Pio XI em julho de 1930 (ALMEIDA DE SOUZA, 2004, p. 64-68).

³¹ A devoção a Nossa Senhora da Mexiana ainda não consiste em uma celebração. Trata-se de um tronco de madeira que lembra a imagem de uma santa, que teria sido achada na Ilha de Mexiana, município de Chaves, por alguns pescadores. Quando ela foi retirada da várzea “seus olhos ficaram”, por isso ela não tem olhos. A família que a achou tem desejo de fazer “uma festinha” para a mesma. Como Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora da Mexiana também voltou muitas vezes ao local do achado. (notas de campo de pesquisa realizada pela equipe responsável pelo Inventário Nacional de Referenciais Culturais da Ilha do Marajó – IRNC, entre os meses de julho de 2004 e dezembro de 2005, da qual a autora fez parte. O IRNC está sendo realizado em Belém pelo 2ª Superintendência Regional do IPHAN- Pará/Amapá).

Gravura representando o achado da imagem



Fonte: Revista Círio, 2000.

Devido à criatividade popular a devoção a Nossa Senhora de Nazaré em Belém ganha características peculiares que a tornam original e única. Assim, para explicar as origens da devoção Mariana em Belém aos fatos históricos são somados os mitos que, solidários entre si, quase não se reconhece os limites entre ambos. Dessa forma, apesar de haver um fundo histórico do achado da Santa, é através das “fugas” da imagem, isto é, do mito, que a celebração se consolida no imaginário popular.

De acordo com o que pode ser considerado como fato histórico em alguns autores, Plácido José de Souza era um homem religioso que possuía em sua cabana a imagem de uma santa, que teria sido achada na Estrada do Utinga, ou Maranhão, às margens de um igarapé denominado Murutucu, (VIANNA, 1968, p. 232-233; ROCQUE, 1981, p. 31; MAUÉS, 1999, p. 175), mas o mestiço não atribuía ao achado nenhum milagre já que o igarapé era um local de passagem de muitos viajantes que poderiam ter perdido a imagem, ou ainda, que a mesma poderia ter sido escondida por algum viajante que, atacado por “selvagens que infestavam o lugar”, teria escondido a pequena imagem no sentido de protegê-la. Após recolher a imagem da santa, Plácido a leva para sua casa que, devido à presença da mesma, “tornou-se ponto de atração não só dos viajantes, como também dos moradores da pequena Belém colonial”, iniciando, dessa forma, o culto a Nossa Senhora de Nazaré, denominada dessa forma porque a imagem achada era “uma santa de feições

portuguesas, vestida de escarlate e azul, sustentando no colo um menino a brincar com um globo, era uma cópia fiel da imagem venerada em Portugal (...)” (ROCQUE, 1981, p. 30-31).

Os fatos não documentados, mas reconhecidos pela tradição oral e pelo costume local narram a seguinte versão:

Um dia errava pelas mattas da tortuosa estrada do Utinga, hoje transformada na bella avenida Nazareth, um destemido caçador que, acossado pela sêde, em vão buscava um igarapé onde bebesse. Na infrutífera pesquisa descobriu umas pedras cobertas de virentes trepadeiras, entre as quaes, em uma espécie de nicho natural, deparou com uma pequena imagem da Virgem de Nazareth. tomado de surpresa, supersticioso e crente, viu o caçador n’aquelle achado um facto sobrenatural que o seu cérebro não sabia explicar; e logo acudiu-lhe á mente a idéia de conduzir a imagem para sua pobre choupana. Sem mais pensar na caça que a sua certa pontaria podia ainda entregar-lhe, e na água que tão avidamente buscara, tratou de regressar com o valioso achado. O fato como era de esperar, causou grande alvoroço na família do caçador e nos vizinhos, chamados a ver o prodígio, todos extasiaram-se ante aquella obra de esculptura que, para maior assombro, nenhum vestígio apresentava das intempéries, expostas a ellas, como achava-se em meio de brutas pedras: o manto de sêda brilhava tal qual outro que estivesse sob a abobada de um templo. Não tinha, porém, de ficar aí o espanto dos admiradores: no dia seguinte quando a família despertou, o lugar onde ficara a santa estava vasio! Desaparecera a imagem, sem deixar vestígios, e foi de balde que a procuraram por todos os escaninhos da palhoça. Em meio do desapontamento geral, alguém lembrou o alvitre de voltar o caçador ao sitio onde havia as pedras e o nicho. Tomou o homem as suas armas e, em passo estugado, embrenhou-se da densa floresta que elle conhecia perfeitamente. No seu oratoriozinho natural, lá estava a santinha, na mesma posição, do mesmo modo, brilhando nos seu manto de seda, como que a protestar contra a mudança forçada de véspera. Trouxe-a de novo consigo o caçador, de novo a recolheu em sua casa, e, no dia seguinte, de novo a foi encontrar no primitivo sitio (VIANNA, 1968, 230-231).

As “fugas” da santa atraíram a atenção das pessoas comuns que começaram a cultuá-la como milagrosa, chamaram a atenção também de uma certa autoridade política da época (seu nome não é citado nas estórias), que resolveu “testar” os poderes da imagem prendendo-a no Palácio do Governo com intuito de verificar se as fugas não se tratavam de “truques”. Mesmo “presa” e “vigiada” por guardas, a imagem escapou e

voltou ao igarapé, comprovando, dessa forma, seu poder. Estando demonstrado que as fugas não se tratavam de “engodos”, foi construída uma pequena ermida no local do achado, esta, abrigaria, a partir de então, a Virgem e seus primeiros fiéis (ROCQUE, 1981 p. 31).

Vianna (1968) julga ser nas estórias relativas às “fugas” que se localiza a especificidade e a originalidade da devoção paraense. No entanto, Rocque (1981) chama a atenção para o fato de que o mito de origem da devoção em Belém não apresenta originalidade, sendo uma adaptação que se encontra inserida em um conjunto, generalizado no universo católico, de crenças atribuídas a imagens de santas(os) achadas(os).

Original ou não, a devoção iniciada por Plácido cresceu e ascendeu, passando de culto marginal a culto oficial em menos de um século de existência, como veremos a partir de agora.

De manifestação marginal a culto oficial: a invenção do Círio

Desde a oficialização da devoção a Nossa Senhora de Nazaré no final do século XVIII, 1793, quando esta passa a chamar-se Círio de Nazaré, a organização da mesma tem apresentado a parceria entre Estado e Igreja em seu processo de realização.

A apropriação da devoção pela Igreja Católica é um processo que vem se construindo ao longo da história. De manifestação de caráter marcadamente popular em sua origem, passando por um processo de apropriação pela Igreja que, em parceria com o Estado, oficializaram a celebração, até a atualidade, onde se discute, a partir da DF, a instituição da marca “Círio de Nazaré”, uma espécie de patente da celebração, da qual acreditamos o projeto Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré³² ser um componente, pode-se dizer que a história do Círio também tem sido uma história, em plano mais geral, de

³² Discutiremos detalhadamente este projeto no terceiro capítulo deste trabalho.

disputa pelo controle da celebração implementado pela Igreja Católica, muitas vezes, em detrimento dos interesses dos representantes do catolicismo popular.

Antes de continuarmos, desejo esclarecer as noções que orientam o que chamo de catolicismo popular e, em sua contrapartida, de catolicismo oficial, visto que estes termos serão mencionados algumas vezes no decorrer deste trabalho. Segundo Maués (1995, p. 171) catolicismo oficial e catolicismo popular são formas distintas, mas complementares, empregadas para denominar a prática e discursos católicos dos especialistas e dos não especialistas no sagrado, respectivamente. Ainda segundo este autor, não deve tratar-se de uma oposição absoluta entre ambas às práticas visto que muitas vezes o povo pode professar um catolicismo que se apresenta mais de acordo com os preceitos do catolicismo oficial, característico dos especialistas no sagrado, assim como é possível que membros do clero partilhem das crenças populares³³.

No início da devoção em Belém supõem-se que esta fosse organizada pelo próprio Plácido que, como muitas pessoas da época, por possuir uma imagem particular de um(a) determinado(a) santo(a) católico(a) para a qual prestava culto sem a necessária presença de sacerdotes católicos, era, possivelmente, reconhecido como um “dono de santo” (MAUÉS 1999, p. 175)³⁴. O culto dedicado à pequena santa se realizava sem a presença de padres ou qualquer outra autoridade religiosa, mas sobretudo pela vontade popular, conforme se percebe no relato abaixo:

... Plácido (...) venerava a Santa Virgem sob essa invocação dentro de sua humilde casa de palha em hum pequeno oratório enfeitado conforme elle sem meios o podia enfeitar; alli em certo dia da semana se reunião alguns devotos de longiquos lugares a adorar a

³³ A estória do achado da imagem é um exemplo de como a igreja às vezes partilha das crenças “inventadas” pelo povo, pois, mesmo tendo uma versão considerada histórica, porque “comprovada”, a Igreja nunca se opôs em acreditar junto com o povo de que a imagem foi achada e, mais ainda, que tinha poderes para se locomover sozinha, como vimos no mito de origem da devoção.

³⁴ A figura do dono(a) de santo ainda é muito comum no interior do Estado. Notadamente na Ilha do Marajó, recente pesquisa realizada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional – IPHAN, demonstrou situações em que o dono do santo é uma figura muito importante, pois ele possui a única imagem de santo de toda comunidade e, não tendo capela, a casa do dono serve de santuário. Quando este tem, por algum motivo, que se mudar do lugar e precisa levar o santo, a comunidade fica sem padroeiro ou, simplesmente muda de santo. Sendo o escolhido ou escolhida, entre outros critérios, aquele santo ou santa que alguém possua a imagem.

Santa Virgem, e lhe offereciam velas e dinheiro, e cantavão sua ladainha, finda da qual se retiravam muito consolados e animados; nas suas aflições recorrião a Ella sempre com tanta confiança, que erão socorridos; e por tanto foi desde logo considerada milagrosa (ALMEIDA PINTO, 1906, p. 89-90).

O primeiro registro do contato de uma autoridade religiosa com a celebração se refere aos anos entre 1721 e 1733, mais precisamente ainda na década de vinte, ocasião em que o primeiro bispo do Grão-Pará, D. Bartolomeu do Pillar, visitou o “pardo Plácido” e sua santa, e muito incentivou a devoção iniciada pelo mestiço (cf. ALMEIDA PINTO, 1906, p. 39; citado também em MAUÉS, 1999, 175 e ROQUE, 1981, p. 32-33). Esta visita seria, na opinião de Maués (1999), a primeira tentativa da Igreja Católica, de apropriar-se e controlar a devoção, que até então, supõe-se, acontecia à revelia da Igreja Católica Oficial.

Outro contato entre uma autoridade religiosa e a celebração se daria no ano de 1772 com a visita do quinto bispo do Pará, D. João Evangelista a Plácido, ocasião em que o religioso ouvira do mestiço a narrativa sobre o achado da imagem e o aconselhou a procurar ajuda para edificar um altar para a mesma, prometeu, ainda, que no ano seguinte voltaria para levar a imagem da Santa à cidade a fim de providenciar sua viagem até o Reino para que a mesma fosse encarnada (pintada) (ROQUE, 1981, p. 33-35).

Assim, em 1773 o religioso voltou à casa de Plácido onde proferiu sermão no qual “colocava Belém sob o manto protetor da Virgem de Nazaré”, e ao regressar à cidade levou a imagem da santa, cumprindo sua promessa de enviá-la ao Reino (ROQUE, 1981, p. 34). Almeida Pinto (1906, p. 89) informa o ano de 1773 como marco da construção de uma ermida dedicada a Nossa Senhora de Nazaré do Desterro, a qual, na presença do governador e de muitos outros devotos, teria sido abençoada pelo bispo de então D. João Evangelista.

No ano de 1774, a imagem que havia sido enviada a Portugal um ano antes para ser encarnada chegou de volta a Belém e, em outubro do mesmo ano, D. João Evangelista convocou todas as irmandades e fiéis de sua diocese para acompanhar em procissão a entrega da imagem ao “nonagenário” Plácido, ocasião na qual foi feita uma doação de

terras (cerca de 400 braças quadradas) a Nossa Senhora, e enviado solicitação ao reino e ao Papa para que se realizasse uma procissão na Colônia segundo o ritual litúrgico em honra à Virgem de Nazaré (ROCQUE, 1981, p. 34). D. João Evangelista faleceu sem receber resposta a sua solicitação; outro pedido semelhante foi enviado no ano de 1788 pelo bispo de então, D. Caetano Brandão, que recebeu autorização no ano de 1790 para realização da celebração. Por esta autorização estava instituído o Círio de Nossa Senhora de Nazaré como manifestação oficial da Igreja Católica na Colônia.

Três anos depois, em oito de setembro de 1793, realizou-se, à tarde, a primeira Procissão do Círio³⁵ antecedida da trasladação da imagem da Santa, em procissão, pelo próprio governador Francisco de Souza Coutinho³⁶ da ermida para a capela do Palácio do Governo no dia anterior³⁷. Na primeira procissão do Círio, estavam presentes tanto autoridades civis, como o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro Francisco de Souza Coutinho e vereadores da Câmara, quanto religiosas, representadas pelo vigário geral, Arcipreste José Monteiro de Noronha, que se encontrava no governo interino da diocese já que o bispado paraense esteve vago do ano de 1790 até 1794³⁸. Presentes no primeiro Círio estavam também a população civil, tanto da capital como do interior do Estado, além de cerca de “dois mil soldados” (MAUÉS, 1995, p. 440). A procissão da Trasladação e a Procissão do Círio eram as únicas celebrações realizadas nas origens do

³⁵ Segundo Rocque (1981, 39) o trajeto do primeiro Círio teria sido o seguinte: a romaria saindo do Palácio do Governo “seguiu a margem do igarapé do Piri até a casa das Canoas (Ver-o-Peso), seguindo pela rua da praia (15 de Novembro) até o convento de Santo Antonio; dobrou pela estrada da Campina (avenida Presidente Vargas), Largo da Pólvora (Praça da República), e entrou na estrada do Maranhão (avenida Nazaré), até alcançar o arraial. Informações relevantes ao primeiro Círio também são encontradas em Vianna 1968, p. 236-237; e Rocque, 1981, p. 39-40.

³⁶ Francisco de Souza Coutinho assumiu o governo do Estado do Grão-Pará e Maranhão em 15 de janeiro de 1790 ano em que foi recebida de Portugal a permissão para realização da devoção em cortejo público, nesta ocasião o bispado paraense encontrava-se em vacância. Fôra o governador que tomou a iniciativa para realização do primeiro Círio, ficando conhecido, por isso, como o “criador do Círio” (ROCQUE, 1981, 38-40)

³⁷ Sobre a primeira Trasladação Vianna (1968, 236-237) nos fornece as seguintes informações: “a imagem foi transportada na véspera d’quelle dia, á noite, da ermida para o palácio do governo. Pela escura estrada do Utinga, onde ainda não chegára a mortiça iluminação de azeite da cidade, escoou-se a multidão que cercava o carro da santa, até desembocar no largo da Campina, então sem as suas lâmpadas de arco-votaico, sem o seu bello theatro, sem os seus circos e restaurantes, e apenas com seu cemitério lugrube, onde jaziam, sómente os cadáveres dos infelizes escravos e dos pobres flagellados pela variola”.

³⁸ Em 1790 o sexto bispo do Pará D. Frei Caetano Brandão por ordens de D. Maria I teve que deixar o Pará (ALMEIDA PINTO, 1906). O Sétimo bispo do Pará, D. Manoel de Almeida Carvalho, assumiria em 1794, quando encontraria “as regras do Círio todas prontas” (MONTARROYOS, 1992, p. 21).

Círio, e o espaço de devoção era então restrito aos trajetos das duas procissões e às imediações da ermida.

Do Largo à fronteira: a territorialidade da celebração do Círio

*De ananindeua a Icoaraci,
Segue pela rodovia
É das mais lindas que eu vi
Esta linda romaria
Saído de Icoaraci
Para aportar na capital
Logo após grande missa
Na romaria fluvial
É para o colégio Gentil
Que segue o motociclista
Em grande número febril
Chega-se a perder de vista
E os romeiros em oração
Em noite fenomenal
Fazem a Trasladação
Do Gentil à Catedral
O povo penitente
Logo cedo ele acorda
E vai procurar urgente
Um lugar bem junto a corda
Para ver o Círio passar
As pessoas se aglomeram
Pra virgem Santa avistar
Todo tempo eles esperam
Quando sai da Catedral
Da Sé, a imagem é nítida
Com multidão colossal
Em direção à Basílica...*

(Apolo Monteiro Barros Círio de Nazaré-
Literatura de Cordel, 2004)

Segundo Vianna (1968) a casa de Plácido ficava no lugar onde se construiu posteriormente a primeira ermida

A habitação de Plácido ficava no lugar da primitiva ermida de Nazareth, sem que existissem, então, o largo, a estrada de São Jeronymo, as travessas que o cortam. A cidade começada a edificar do castello para o Bagé chegava apenas com algumas casas para o largo da campina (VIANNA, 1968, p.233).

Supõe-se assim, que não havia outro lugar para a celebração que não fosse a casa do mestiço, o que autoriza, por outro lado, dizer que o espaço de devoção não extrapolava o ambiente doméstico. No entanto, um espaço limitado para celebração não implicava uma devoção menor, pois “à romaria religiosa faltavam apenas os desilludidos e os mortos; para quem não houvera clemência, e que, jamais contados, nada influíam sobre o culto sempre crescente da Virgem” (VIANNA, 1968, p. 233).

A primeira ermida, que substituiria a casa de Plácido como lugar de celebração, teria sua construção iniciada no ano de 1774, sob o comando de Antonio Agostinho, amigo do “dono” da santa e continuador do culto após a morte de Plácido que, junto a outros devotos, requereu permissão ao governador para abrir um largo quadrilátero que cercasse a igreja (VIANNA, 1968 p. 233-234).

Há, nesse caso, um desencontro de datas sobre a morte de Plácido, visto que conforme comenta Rocque (1981), no ano de 1774 quando a imagem voltou encarnada do reino foi o próprio Plácido “nonagenário” que a recebeu das mãos do bispo, D. Frei João Evangelista. Para Vianna (1968), nessa data o culto se encontrava sob os cuidados de Antonio Agostinho visto que Plácido já havia morrido. No entanto, a informação sobre a doação de terras para a santa no ano de 1774, relatada por Rocque, e mencionada anteriormente, corrobora com a afirmação de Vianna de que tenha sido neste ano que Antonio Agostinho teria criado o Largo, suponho, no espaço das terras doadas.

É nesse Largo que o responsável pela oficialização da celebração, o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro Francisco de Souza Coutinho, instituiu, às imediações da

ermida de Nossa Senhora, uma feira de produtos “agrícolas e indústrias” que tinha como propósito promover o comércio, por ocasião do Círio, entre Belém e o interior do Estado através da vinda de produtores das localidades vizinhas a Belém.

Este official portuguez [governador Francisco de Souza Coutinho] ordenou, em 3 de junho de 1793 que no dia 8 de setembro d’esse anno, se inaugurasse no Largo de Nazareth uma grande feira dos productos agricolas e industriais do Estado, a qual concorressem livremente os agricultores, inclusive os índios (...). Ordenava-se que, em fins de agosto, de cada ano, deviam achar-se em Belém todas as canôas que tivessem subido ao commercio do sertão; (...) afim de virem á feira de Nazareth vender os seus productos e os dos outros que lhe dessem incumbencia de vendel-os (VIANNA, 1968, p. 234-235).

Pelas imagens da Belém Colonial, construídas a partir de relatos de alguns viajantes que passaram pela cidade, percebe-se que o espaço de devoção no século XVIII restringia-se à ermida, ao pequeno espaço em volta da mesma, no qual acontecia a feira, e aos trajetos da Trasladação e da Procissão do Círio. A ermida e o Largo, ou “aldeia de Nazaré”, envoltos pela floresta, se ligavam à cidade através da estrada de Nazaré, atual avenida Nazaré. Bates, de passagem por Belém em 1848, descreve a “rocinha”³⁹ na qual se hospedou e nos fornece a seguinte paisagem.

Pouco depois entramos na posse de nossa nova moradia. A casa era um edificio quadrado, com quatro salas do mesmo tamanho, o telhado projetava-se, formando em torno do edificio uma larga varanda, fresca e agradável para o trabalho. O quintal, que parecia recentemente roubado à floresta, era plantado de árvores frutíferas e de pequenos trechos de roças de café e mandioca. Entrava-se por um portão de ferro, que dava para uma praça gramada, em torno da qual estavam as poucas casas e mocambos cobertos de palha, que então formavam a aldeia. O edificio mais importante era a capela de Nossa Senhora de Nazaré que se erguia defronte de nossa casa (BATES, citado por TOCANTINS, 2000, p. 78).

Tocantins lembra que a praça gramada a que Bates se refere seria o Largo de Nazaré, e a ermida a atual Basílica de Nazaré.

³⁹ Para Tocantins (2001, p. 75) a palavra rocinha é uma típica criação do paraense e somente foi empregada na cidade, pois no interior o equivalente de rocinha era sítio. A palavra rocinha nominava o todo que formava a pequena propriedade rural: o campo, o pomar, a floresta e, enfim, a casa. No entanto, esta denominação

Em 1855 sorvetes, gelo e refrigerantes podiam ser consumidos pelos freqüentadores do Arraial. No final do XIX os teatrinhos e os jogos eram as grandes atrações do Largo, eram tantos que o “excesso” de casas de jogos provocou a reação de personagens da época, que através dos jornais faziam circular notas de protesto em relação ao que era considerada uma “ação maléfica e destruidora no meio da sociedade”. D. Macedo Costa, décimo bispo do Pará que assumiu a diocese no ano de 1861, ao ler uma dessas “crônicas” que tratava sobre “representações indecorosas, indecentes e ofensivas ao bom gosto” no espaço do Arraial, que circulavam diariamente nos jornais sendo assinadas por pseudônimos, resolveu suspender os atos religiosos até segunda ordem. (MONTARROYOS, 1992, p. 65-68). Tal decisão culminou com um confronto entre leigos e sacerdotes que resultou na realização de dois círios, 1878 e 1879, sem a presença de sacerdotes (cf, ROCQUE, 1981, p. 63-80; MONTARROYOS, 1992, p. 68).

Uma detalhada descrição do Largo de Nazaré no final do século XIX, é fornecida no romance *Hortênciã* do paraense Marques de Carvalho, escrito em 1888, neste, um dos personagens centrais da trama, após acompanhar o Círio vestido de “marítimo”, se dirige até o Largo e vivencia a seguinte situação:

À noite, às 8 horas, [Lourenço] voltou ao largo. Milhares de bicos de gás iluminavam a praça em arcarias dignas de ver-se nos seus bonitos aspectos, com galhardetes e festões inumeráveis, cheia de bandeiras multicores. O sino da pequenina ermida repicava simpaticamente com a voz afinada e alegre. De todos os lados vinham ensurdecedores sons de gaita, realejos,, (sic) bandas de música, fazendo enorme *bruhahá*, entre alguns milhares de pessoas que iam e vinham continuamente sobre a areia branca do sol. Da parte central da praça, marginando o passeio de *mac,adam*⁴⁰ (sic), entre os vãos das mangueiras plantadas de espaço e espaço, muitas vendedoras de doces, sentadas em frente às suas bandejas, atendiam apressadas aos numerosos compradores. No meio da praça, barraquinhas elevavam-se, nas quais vendiam-se copiosamente as bebidas baratas usuais da plebe. De espaço a espaço, sobrepujando a todo aquele poderoso arruído de sons encontrados, uma voz fina e estridente de mulher atravessava o ar e apregoava: “Eh! açai...i...i...fresqui...i...i...inho!” E no céu, entre flocos de nuvens

tomou significado mais restrito, mais lírico, mais sensível à idéia bucólica de uma vivenda entre árvores, longe do bulício citadino

⁴⁰ Provavelmente o autor se refere ao macadame, sistema de calçamento de ruas e estradas, que consiste numa camada composta de pequenas peças de granito, basalto etc., misturadas com areia e cimento (cf. Dicionário Aurélio Eletrônico).

caprichosas, empastadas como colossais pedaços de algodão, subia a lua nascente, derramando a lividez fantástica da sua claridade por cima das farfalhantes comas das árvores. Defronte da ermida, cadeiras⁴¹ perfilavam-se, umas por trás das outras, ocupadas por muitas pessoas que em silêncio, ou conversando baixinho, assistiam a passagem de taciturnos passeantes, cujo rostos e gestos apresentavam a expressão aborrecida de quem anda a desempenhar a mais repugnante e difícil obrigação. Às vezes *bonds* chegavam da cidade, cheios de gente, que despejavam no coração da festa. Em certos lugares, homens que aparentavam passear sem segundo sentido, desapareciam rapidamente por feios corredores mal iluminados e do fundo dos quais saía o ruído seco da roleta a girar sobre o tapete verde da jogatina descarada. Crianças corriam a todo o momento, num tripúdio de canitos em festa. Mulatinhas cheirosas requebravam-se em sacudidas gargalhadas, ouvindo as declarações amorosas dos seus apaixonados, cujos olhares envolviam-nas concupiscente em fêrvidos desejos a custo reprimidos. Era uma enorme *kermesse* essencialmente brasileira, onde o convencionalismo da moda tirava toda a cor local e original da espontânea naturalidade (CARVALHO, 1997 (1888), p. 92-93).

Nas décadas de 1940 e 1950 o espaço do Largo de Nazaré se expande a partir da construção de fixos que abrigam atrações que se ligam à festividade, notadamente os teatros, responsáveis por trazer a Belém os mais famosos artistas do Brasil (ROCQUE, 1981, p. 141-153). Nesse caso, já se percebe o Círio como evento que induz à aparição de atividades outras, que irão, com o passar do tempo, se agregando à celebração.

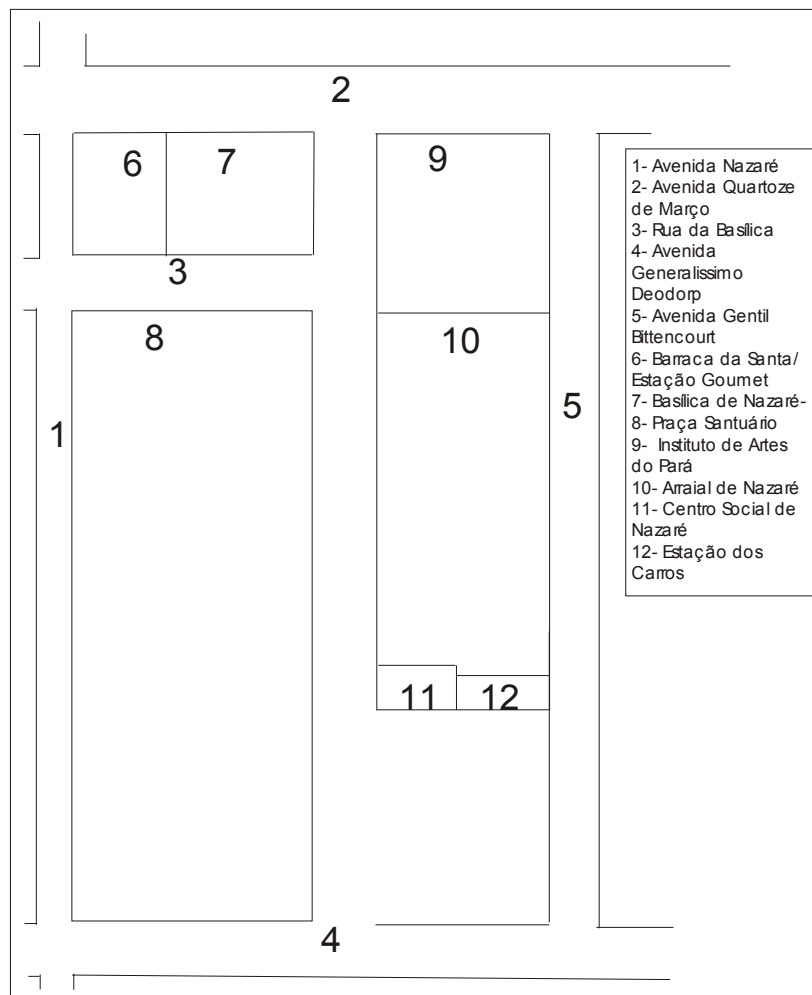
Nos anos setenta do século XX, Alves (1980), destaca a expansão do espaço do Arraial para além do Largo, grafando a forma diferente como as pessoas se referiam aos espaços localizados para além do Largo, chamando-os de “cu da festa”, dado a natureza das relações que ocorriam nesses espaços, devido a relativa ausência do controle da DF no mesmo; o autor destaca também uma certa “mentalidade tecnocrata” na gestão do espaço, através da adoção pelos diretores da festa da “idéia de desenvolvimento”, através da exposição de *stands* do Governo do Estado e alugueis de barraca, em vez de leilões, como se fazia anteriormente (p. 75-87).

⁴¹ As cadeiras a que se refere Carvalho pertenceram à extinta na atualidade Sociedade do Descanso fundada em 1860 que consistia no aluguel de cadeiras para quem desejasse apreciar a movimentação do Largo (MONTARROYOS, 1992, 64).

Como se nota, há uma evolução tanto do espaço quanto das relações nas menções que se fazem ao espaço do Largo. Em Almeida Pinto (1906), Vianna (1968) e Rocque (1981) há relatos sobre a celebração no último quartel do século XVIII, onde o espaço desta se restringia, basicamente, à casa de Plácido, no entanto, estes autores já pontuam uma expansão do espaço de devoção através da construção da primeira ermida e da criação do Largo. Posteriormente, as descrições de Bates, citadas por Tocantins (2000), retratam o espaço em meados do século XIX, onde já se apresentava demarcado pela existência de “praça gramada” (Largo), “casas” e “mocambos”, no qual a “capela” se destacava como “prédio mais importante”. Montarroyos (1992) mostra o Arraial do último quartel do XIX, onde o que chama a atenção são os jogos e “teatrinhos” que retratam o embate de valores entre o “popular” e o “eclesial”. Carvalho (1997), ainda no final do XIX, de forma romaneada fornece uma paisagem animada e, diria eu, atual do Largo, com vendedores, jogos e *bonds*. E, finalmente Alves (1980) comenta sobre o arraial na década de 1970, destacando-o como um lugar de “encontro, circulação de pessoas e comércio dos mais variados”.

Atualmente o espaço interno do arraial é estruturado de forma a permitir que pelas laterais do mesmo se concentrem as barracas de comida e bebida e no centro fiquem expostos os brinquedos do parque de diversões. O espaço externo ao Arraial, na verdade uma extensão do mesmo, se estende pelas avenidas Quartoze de Março, Generalíssimo Deodoro, avenida Nazaré e Gentil Bittencourt, formando uma espécie de invólucro do Arraial “oficial”, representado no croqui pelos números 9,10 e 11, nestes se realizam vendas de todos os tipos, principalmente, comidas e bebidas. A ação de controle da DF é menos presente nesses espaços, o que possibilita a ocorrência de relações que no espaço interno do Arraial, seriam tolidas, como a constante ocorrência de pequenos furtos, assaltos, brigas entre gangues e prostituição; pode-se dizer que estes espaços sejam atualmente o que foi apontado para Isidoro Alves na década de 1970, durante sua pesquisa, como “cu da festa”.

ESPAÇO DO ARRAIAL DE NAZARÉ E PROXIMIDADES



Org.Vanda Pantoja 2006

Em outubro de 2005, por ocasião da pesquisa, visitei o espaço do Arraial muitas vezes, certa ocasião, sentei-me em um bar próximo a avenida Gentil Bittencourt, mas ainda “dentro” do Arraial, onde se concentram muitos bares e pequenos restaurantes. Era uma quinta-feira e as pessoas aproveitavam a noite para encontrarem-se no parque, o espaço estava alegre e movimentado, todos os bares, cerca de 10, estavam como costumamos dizer, “lotados”. A decoração dos bares me chamou atenção. Muitos cartazes “oficiais” do Círio com a imagem da Virgem enfeitavam as paredes dos bares, juntamente com anúncios de cervejas. Uma cervejaria, não apresentada pela DF como patrocinadora oficial, confeccionou cartazes que aliavam seu produto, a cerveja, com símbolos associados ao Círio. Além dos cartazes, a cervejaria confeccionou embalagens que traziam a mesma associação.



Detalhe da decoração do interior de um dos bares localizados no espaço do Arraial de Nazaré. Foto Vanda Pantoja 2005.

Devido a questões de ordem legal os bares somente podem funcionar no espaço do Arraial até a 1 h da manhã. Meia hora antes, mesmo cheios de clientes, os bares começam a se preparar para fechar. Pergunto ao dono do bar porque ele está fechando, o mesmo responde que são ordens do “pessoal aí” apontando para o CSN, esboço um gesto de entendimento e o mesmo resolve sentar-se em minha mesa, conversamos alguns minutos e ele comenta, em tom de reclamação, que paga um aluguel “caríssimo”, cerca de \$ 700 reais, para permanecer a maior parte do ano fechado, visto que fora da temporada do Círio o espaço está sempre sem clientes. Mas, ainda assim, insiste em manter o contrato, e obedecer às regras, pois durante o tempo da festividade ele consegue reaver todo investimento do ano.

Despeço-me e caminho para a saída, estou acompanhada de um amigo mas sinto que o espaço não é mais o mesmo com barulho e gente para todos os lados, de forma rápida o espaço tornou-se escuro e vazio. Não são mais as crianças, estudantes e jovens casais de namorados que o freqüentam. São os “chamados moradores de rua” que refuncionalizam o espaço, transformando-o em território dos mesmos. As barracas que normalmente servem para vender produtos sofrem um processo de readaptação, pois durante a noite se

refuncionalizam em dormitórios para essas pessoas. Um adolescente fazia muito esforço para transformar uma caixa de papelão em uma cama e colocá-la em uma das barracas da Feirinha do SEBRAE montadas na frente do Parque. Um outro grupo de três adolescentes, consumiam drogas e andavam soberanos no centro do Arraial sob a Roda Gigante do parque. O controle tão desejado pela DF e, de certa forma, posta em prática, durante o dia e início da noite no espaço do Parque, e desfaz à noite, dando lugar ao controle dos que durante o dia não podem freqüentar o parque, dado a presença de seguranças no mesmo ⁴².



Aspecto do Arraial de Nazaré no Círio 2005. Foto Vanda Pantoja.

As procissões do Círio e da Trasladação, que traziam a celebração da “aldeia de Nazaré” para a cidade, não significam apenas a expansão da mesma para o que no século XVIII era o centro da Belém colonial, essas duas procissões são os rituais que reafirmam a crença na Virgem ao re-atualizarem o mito de origem da devoção: as já comentadas “fugas” da imagem. Os caminhos da Trasladação e da Procissão do Círio atualizam esses trajetos feitos, em princípio, pela própria Santa em sua peregrinação solitária.

⁴² A organização do Círio tem feito esforços para livrar-se das pessoas, principalmente senhoras, que costumam pedir esmolas nas escadarias da Basílica e proximidades do Arraial, principalmente por ocasião do Círio quando as pessoas freqüentam mais estes espaços. No Círio de 2005, um cartaz foi colocado no gradil da Basílica orientando as pessoas a não darem esmolas a ninguém. “Ajude-nos a ajudá-los, não doe dinheiro para as senhoras que se encontram nas escadarias ou no entorno de nossa paróquia. Doe solidariedade”.

Sobre a celebração do Círio na atualidade

Para os que observam a celebração do Círio, um dos aspectos que mais chama atenção é a capacidade que esta manifestação tem de aglomerar pessoas. É a esta capacidade crescente de atração de participantes que nos referimos aqui como indicativo do crescimento do Círio, que por sua vez, tem levado a uma expansão do mesmo, enquanto festividade, para outros espaços dentro e fora dos limites do município de Belém. Esse crescimento é entendido pela DF como causa e conseqüência do complexo processo de organização do Círio do qual está à frente essa instituição.

A DF é a instituição responsável, desde 1910, por organizar todos os eventos considerados pela Igreja Católica como componentes do Círio. Essa instituição é formada por cerca de trinta diretores, em sua maior parte, leigos, que dado a sua formação católica cristã estão mais próximos ideologicamente dos sacerdotes que da maior parte dos leigos comuns ⁴³.

A DF é composta por um Conselho Consultivo, uma Diretoria Colegiada e oito Diretorias Executivas que, em conjunto, são responsáveis por organizar todas as atividades pertinentes ao “calendário oficial” do Círio; seu regimento reza que a mesma seja formada por presidente, coordenador e diretores. Até o ano de 2003, o presidente era, estatutariamente, o pároco da Basílica de Nazaré, a partir do ano de 2004 mudanças no estatuto possibilitaram com que o atual presidente, o padre Francisco Chagas Santos da Silva, que ocupa esta função desde 1996, permanecesse no cargo mesmo não sendo mais pároco. O cargo de Diretor Coordenador é válido por dois anos e sua escolha é realizada através de indicação do Presidente. Os demais Diretores permanecem no cargo pelo tempo

⁴³ Por aproximação ideológica compreendo uma afinidade de pensamento no que diz respeito às práticas católicas, entre a DF e os sacerdotes. Há entre eles, por exemplo, a concordância de que o leigo comum confunde fê com superstições e, por isso, necessita a todo o momento ser orientado por alguém “preparado na verdadeira fê”. Essa aproximação ideológica deve-se a um certo envolvimento desses diretores com alguns seguimentos da Igreja, como os Grupos de Jovens, o Encontro de Casais com Cristo, os Cursilhos de Oração entre outros, fato que possibilita, segundo estes, uma “caminhada na igreja”, o que, por conseguinte, os diferencia dos leigos comuns, com pouca ou nenhuma formação cristã, segundo o ponto de vista da Igreja.

de um ano e são escolhidos via indicação conjunta do Presidente e do Diretor Coordenador da DF⁴⁴.

Todo processo de organização do Círio se objetiva no chamado “Plano de Trabalho”, documento que especifica as tarefas pertinentes a cada Diretoria Executiva e orienta a maneira como estas devem ser realizadas. O plano de trabalho é único para cada Círio, é o documento mais importante em seu processo de organização; uma espécie de agenda de tarefas que cada Diretoria Executiva utiliza na execução de seus trabalhos; através dele é possível ter noção do processo de “fabricação” do Círio, desde as primeiras idéias até a realização do mesmo.

Os Planos de Trabalho do Círio de 2004 e 2005 me serviram de base para montar um quadro em que aparecem as diretorias e suas respectivas funções no interior da DF.

QUADRO I- DIRETORIAS DA DF DE NAZARÉ E SUAS RESPECTIVAS FUNÇÕES

DIRETORIAS		FUNÇÃO
Secretaria Administrativo/ Financeira	Secretaria	Elaborar a agenda e o Plano de Trabalho do Círio; elaborar e controlar correspondências e relatórios; planejar reuniões; confeccionar atas; definir horários de funcionamento da Secretaria; assessorar o Diretor Coordenador.
	Patrimônio	Inventariar bens; zelar pela conservação da berlinda, dos carros do Círio, da Barraca da Santa e do espaço do Arraial de Nazaré; controlar material de expediente; viabilizar patrocinadores e mantenedores para a Praça Santuário.
	Assessoria. Jurídica	Supervisionar contratos de aluguel das lojas do Arraial de Nazaré; acompanhar as contas da DF junto a SEFIN/PMB; acompanhar processo de registro da marca “Círio de Nazaré” ⁴⁵ , junto ao INPI- Instituto Nacional de Propriedade Intelectual; assessorar a Diretoria de Marketing na elaboração de contratos em geral.
Diretoria de Evangelização		Cuidar de todos os eventos relativos à formação religiosa; elaborar o texto de pregação das procissões assim como o Livro das Peregrinações; organizar visitas da imagem Peregrina à residências e instituições.
Diretoria de Procissões		Cuidar da preparação das procissões envolvidas no Círio.
Diretoria de eventos		Organizar exposições referentes ao Círio, assim como eventos sociais

⁴⁴ Mesmo ocorrendo essas alterações que variam de um a dois anos a DF não muda muito seu caráter, pois há uma espécie de rodízio entre os membros que apenas alternam de cargo de uma gestão para outra.

⁴⁵ Há um pedido da DF que tramita no Instituto Nacional de Propriedade Industrial/INPA desde o ano de 2001 no sentido de patentear a marca “Círio de Nazaré”.

	da DF como páscoa, Dia das mães, Concurso de Redação e outros; fazer apresentações do POCN - Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré- e do Cartaz do Círio.
Diretoria de Decoração	Elaborar projeto de decoração do Círio na cidade como um todo, assim como da berlinda, do altar da Basílica e da Praça Santuário.
Diretoria de Sonorização	Sonorizar atividades em geral relativas ao Círio como um todo.
Diretoria de Arraial	Cuidar das atividades relativas ao espaço do Arraial de Nazaré como um todo a exemplo dos contratos de locações, venda de artigos religiosos e outros.
Diretoria de Marketing	Viabilizar comunicação entre o público e a DF via imprensa e/ou mala direta, promover o lançamento do POCN, assim como atrair outras empresas para o mesmo.

Fonte: Planos de Trabalho 2004 e 2005/DF. Organização Vanda Pantoja 2005

O quadro acima indica que as preocupações da DF relacionadas ao processo de organização do Círio são variadas e circulam desde a preocupação com as flores que enfeitam a berlinda nas procissões, passando pela preocupação em realizar atividades de recreação entre eles, até a elaboração de formas de captação de recursos para realização do Círio e manutenção das OSPAN – Obras Sociais da Basílica de Nazaré. Todas as atividades propostas no Plano de Trabalho necessitam do mesmo grau de preocupação, sejam estas de natureza religiosa, ou não, visto que é a articulação entre estas que dá formato ao Círio enquanto conjunto.

Internamente à DF, pode-se perceber duas formas de ver o Círio: uma que diz respeito às atividades propostas no Plano de Trabalho, que é um documento de acesso exclusivo aos Diretores, e outra que aparece no momento de publicização da festa, que apesar de ser realizada segundo o Plano de Trabalho é diferente em relação a este.

A aproximação ideológica entre a DF e a Igreja Católica leva a uma consonância entre essas duas instituições na definição do que seja o Círio e, num plano mais geral, do que seja religião. Por outro lado, a ideologia que aproxima DF e sacerdotes distancia, ou mesmo distingue, essas duas instituições dos leigos comuns como um todo. Quando se compara a relação entre a DF, a Igreja Católica e os leigos comuns percebe-se uma divergência em relação ao que seja o Círio, isso porque para a DF e para a Igreja o Círio é o conjunto de celebrações organizadas pela DF e reconhecidas pela Igreja, no entanto, num

plano mais geral, para o leigo como um todo, o Círio se refere tanto aos eventos organizados pela DF quanto aos muitos outros que acontecem por ocasião dos mais de vinte dias de festividade, que não são organizados e, em alguns casos, nem reconhecidos pela DF e pela Igreja como “fazendo parte” do Círio.

Nos Planos de Trabalho do Círio dos anos de 2004 e 2005, por mim analisados, o Círio é visto como a totalidade do trabalho das diversas Secretarias Executivas, tanto as várias procissões como a organização do Arraial, por exemplo, tem a mesma necessidade de execução, e são alvo de preocupações da mesma importância, pois para que o Círio aconteça de fato, é necessário que todas as Diretorias Executivas funcionem de forma sincrônica e complementar, sendo o Círio, em certo sentido, a convergência do trabalho coletivo; o resultado de um conjunto de acontecimentos que envolvem tanto atividades consideradas religiosas como outras vistas como não religiosas que, aliadas, dão corpo ao Círio enquanto manifestação. No entanto, a perspectiva de totalidade, presente no momento de organização, se perde quando a DF, ao tornar pública a programação do Círio, não menciona, em seus documentos, por exemplo, nenhuma consideração em relação ao Arraial de Nazaré ou às atividades relativas às Secretarias Executivas de Marketing ou Jurídica, para citar apenas duas, sendo privilegiadas, essencialmente, as atividades de duas secretarias: a de Procissões e a de Eventos, responsáveis, respectivamente, pela realização das procissões e pela organização de atividades e exposições entre as quais o Concurso de Redação⁴⁶ e o Festival de Canção Mariana⁴⁷, eventos denominados pela DF de atividades “litúrgicas” em alusão ao seu explícito conteúdo de natureza religiosa.

QUADRO II- CALENDÁRIO LITÚRGICO CÍRIO 2005

⁴⁶ No ano de 2005 foi realizado a XI versão do concurso de redação. O objetivo do mesmo é escolher o melhor texto, em prosa, que tenha como tema Maria. O público alvo são os estudantes do ensino médio das redes pública e privada do Estado.

⁴⁷ O Festival da Canção Mariana é um concurso musical de caráter religioso organizado pela DF. Em 2005 esteve em sua oitava versão. O concurso premia os três primeiros colocados com prêmios em dinheiro e inclui a música vencedora do concurso no repertório do CD do Círio do ano em questão.

DIA	EVENTO	LOCAL
03/10	Apresentação do manto da Virgem	Salão de Festa da Basílica
05/10	Abertura da Vigília de Oração	Auditório do CSN
06/10	Abertura oficial do Círio 2005	Salão de Festa da Basílica
07/10	Encerramento da Vigília de Oração	Auditório do CSN
07/10	Traslado	Basílica
08/10	Romaria Rodoviária	Ananindeua
08/10	Romaria Fluvial	Icoaraci
08/10	Romaria do Motoqueiros	Praça Pedro Teixeira
08/10	Descida da Imagem do “Glória”	Basílica
08/10	Missa da Trasladação	Colégio Gentil Bittencourt
08/10	Trasladação	Colégio Gentil Bittencourt
09/10	Missa do Círio	Catedral da Sé
09/10	Procissão do Círio	Catedral da Sé
09-23/10	Programação Cultural	Praça Santuário
10-22/10	Terço da Alvorada	Basílica
10/10	Noite dos Eleitos	Salão de Festa da Basílica
11-22/10	Noitários	Salão de Festa da Basílica
12/10	Romaria dos Ciclistas	Praça Santuário
13-15/10	Festival da Canção Mariana	A definir
15/10	Romaria da Juventude	A definir
16/10	Rimaria das Crianças	Praça Santuário
23/10	Procissão da Festa	Praça Santuário
23/10	Missa de Encerramento	Praça Santuário
23/10	Encerramento do Círio 2005	Salão de Festa da Basílica
23/10	Espetáculo Pirotécnico	Praça Santuário
24/10	Subida da Imagem para o “Glória”	Basílica
24/10	Missa do Recírio	Praça Santuário
24/10	Incineração das Súplicas	Praça Santuário
24/10	Recírio	Praça Santuário

Fonte www.ciriodenazare.com.br

Assim, segundo a visão da DF, parece acontecer um hiato entre o momento de organização do Círio, quando este é entendido como um conjunto de atividades que envolvem tanto as procissões como a parte festiva, e o momento de sua publicização, quando o Círio se torna apenas as procissões, isto é, a parte religiosa.

É possível supor que a DF, implicitamente, entende o Círio como um conjunto de celebrações as quais algumas têm uma forte caracterização religiosa e outras não, por isso,

talvez estas últimas não necessitem ser mencionadas no “calendário oficial da Festa”. O Arraial de Nazaré é o melhor exemplo desse silenciamento da DF em relação à parte não religiosa do Círio, pois mesmo sendo as atividades desse espaço gerenciadas, na sua totalidade, pela DF, através da Diretoria Executiva de Arraial, ainda assim, a programação que se desenvolve nesse espaço não merece da DF um calendário de divulgação.

No momento de organização do Círio é possível percebê-lo como um conjunto de atividades que, ao se tornar pública, vai se individualizando a ponto de ser vista como algo duplo, que conteria uma parte religiosa e uma outra não religiosa. Essa divisão tende a acentuar-se quando se compreende o Círio como uma manifestação mais ampla que foge ao desejo de controle da DF, envolvendo, por isso, a criatividade do leigo comum. Quando isso acontece a DF classifica as atividades que “fazem parte do Círio” e as que “não fazem parte do Círio”, visto não serem organizadas por essa instituição. De alguma forma essa classificação tem como critério fundante a noção de oposição entre sagrado e profano, traduzida a partir da noção do que é, ou não, admitido no seio das crenças católicas; Maués (1995), traduziu essa mesma noção ao falar da relação complementar, mas tensa, entre catolicismo oficial e catolicismo popular, assunto do qual voltarei me ocupar mais adiante.

Como o Círio de Nazaré envolve atividades que não são organizadas pela DF há uma espécie de animosidade dessa instituição perante os eventos que não são organizados por ela, essa animosidade é traduzida pelo desejo de que estas manifestações não aconteçam já que, algumas, por sua suposta natureza profana, seriam “degradantes” para o Círio. É bom lembrar que nem todas as atividades não organizadas pela DF têm avaliação negativa da mesma.

QUADRO III- MANIFESTAÇÕES ASSOCIADAS AO CÍRIO DE NAZARÉ

Manifestação	Descrição	Posição da DF em relação à manifestação
Almoço do Círio	Um dos rituais mais importantes da celebração do Círio. Geralmente acontece após a Procissão do Círio, quando as pessoas retornam para casa, recebem amigos e parentes para o rito da comensalidade. Pratos típicos são servidos na ocasião, como pato no tucupi e maniçoba, além de inovações como churrasco, peru e pernil.	Positiva
Arrastão do Pavulagem	Cortejo com música e dança organizado por um grupo musical da cidade chamado Arraial do Pavulagem. O Primeiro “arrastão” foi realizado no ano de 2001. Acontece sempre no segundo sábado de outubro após a Procissão Fluvial, sai da Praça dos Estivadores segue pelo <i>Boulevard</i> Castilho França rumo a Praça da Carmo.	Indiferente
Auto do Círio	É organizado pela Escola de Dança e Teatro da Universidade Federal do Pará e foi realizado pela primeira vez no ano de 1993. É um cortejo teatral-carnavalesco com tema e personagens que lembram o Círio. Tem berlinda, santa estilizada e carro alegórico. O cortejo sai da Praça do Carmo na segunda sexta-feira de outubro às 19 horas e percorre o centro histórico da cidade.	Tensa
Feira de Brinquedos de Miriti	Não se sabe exatamente quando surgiu a tradição do brinquedo de miriti no Círio. Mas sabe-se que é um dos símbolos mais expressivos de devoção à Virgem de Nazaré. A feira acontece na Praça do Carmo e Praça Frei Caetano Brandão (Praça da Sé), desde a segunda semana de outubro até o domingo da Procissão do Círio. Os vendedores são em sua maior parte do município de Abaetetuba.	Positiva
Festa das Filhas da Chiquita	Acontece desde final da década de 1970. É uma festa organizada por homossexuais e simpatizantes. É realizado na Praça da República, no segundo sábado de outubro logo após a passagem da procissão da Trasladação.	Conflituosa

Organização: Vanda Pantoja 2005. Fonte Pesquisa da autora.

Para os leigos comuns que, direta ou indiretamente, estão envolvidos no processo de organização de algumas celebrações associadas ao Círio, a classificação das mesmas não diz respeito ao fato se fazem ou não parte do Círio, como para a DF, mas à construção de uma hierarquia que tem como critério a questão do que é “mais” e “menos” importante no Círio. Por exemplo, percebe-se que são as procissões, notadamente a do Círio, a atividade reconhecida como o momento ápice da festividade, isto é, como o momento mais

importante de todo conjunto de homenagens a Nossa Senhora de Nazaré, sendo as outras atividades compreendidas como “parte do Círio”, independente de sua natureza⁴⁸.

A DF não somente omite alguns eventos do Círio em seus documentos de divulgação da festa, como não reconhece alguns desses, notadamente a Festa das Filhas da Chiquita, como atividade relacionada ao Círio de Nazaré⁴⁹. No entanto, independente do reconhecimento ou não da DF, estes eventos, para a maioria das pessoas já são parte do Círio e, mais ainda, todos esses eventos acontecem à revelia da organização oficial do Círio, o que nos permite pensar, se formos considerar o Círio na sua totalidade, em um processo de organização paralelo ao da DF, que, mesmo sem solidariedade entre si acabam por dar contornos à festa como um todo.

“O maior procissão do mundo”⁵⁰

Não se têm dados sobre o número de participantes do Círio ao longo do século XVIII, a não ser no primeiro Círio (ver quadro IV), mas, a expansão do espaço de celebração deste não deixa dúvida sobre o crescimento no número de participantes, processo semelhante ao que ocorre na atualidade.

A cada nova ritualização do mito de origem da devoção a Nossa Senhora de Nazaré em Belém, tem-se notado um crescimento no número de participantes. Os números oficiais, isto é, aqueles divulgados por instituições responsáveis por fazer a contagem dos

⁴⁸ É bom lembrar que o público que frequenta essa variedade de manifestações também é bastante variado. Em nossa pesquisa de campo realizada nos anos de 2002 e 2003 para execução do Trabalho de Conclusão de Curso foi possível saber que o público que frequenta as procissões nem sempre frequenta, ou mesmo não tem conhecimento de manifestações como o Auto do Círio, a Festa das Filhas da Chiquita e o Arrastão do Pavulagem, por outro lado, dos entrevistados no Auto do Círio alguns revelaram que apesar de se considerarem devotos acompanham as procissões apenas pela TV, restringindo sua participação direta apenas às manifestações como a Festa das Filhas da Chiquita e/ou o Auto Círio e/ou o Arrastão do Pavulagem.

⁴⁹ Por ocasião da pesquisa realizada pelo IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –no município de Belém que resultou na inscrição do Círio como Patrimônio da Cultura Imaterial no Livro das Celebrações desse Instituto, houve uma verdadeira guerra de bastidores entre DF e IPHAN visto que a primeira não reconhecia a Festa das Filhas da Chiquita, dada sua suposta natureza de festa profana, como um dos “bens associados” ao Círio, classificação atribuída pelo IPHAN após pesquisa.

⁵⁰ Essa é uma expressão muito utilizada pelos devotos como um todo para designar a grandiosidade da celebração, não apenas relativo ao número de participantes mas, sobretudo, pela grande devoção à Virgem de Nazaré presente na mesma.

participantes na Procissão do Círio, já que é este o evento que serve como referencial para todo o conjunto da festividade, mostram uma elevação no número de participantes, como é possível observar no quadro abaixo.

QUADRO IV - DADOS SOBRE O NÚMERO DE PARTICIPANTES NA PROCISSÃO DO CÍRIO AO LONGO DO TEMPO

ANO	ESTIMATIVA DO NÚMERO DE PARTICIPANTES
1793	Cerca de 10.000 pessoas
1902	Cerca de 25.000 pessoas
1927	Cerca de 100.000 pessoas
1928	Cerca de 100.000 pessoas
1937	Cerca de 200.000 pessoas
1966	Cerca de 400.000 pessoas
1975	Cerca de 400.000 pessoas
1976	Cerca de 500.000 pessoas
1979	Cerca de 700.000 pessoas
1980	Cerca de 800.000 pessoas
1982	Cerca de 800.000 pessoas
1991	Mais de 1.000.000 pessoas
1992	Cerca de 2.000.000 de pessoas

Fonte: Dossiê Círio. IPHAN Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/, Belém, 2004, mimeo; MONTARROYOS, 1992. Organização: Vanda Pantoja, 2004.

No entanto, as estimativas oferecem uma série de incoerências. Primeiro porque são realizados por instituições que participam do processo de organização do Círio⁵¹, a exemplo da Polícia Militar; segundo, porque não se têm dados estatísticos regulares ao longo da devoção; e, terceiro, porque pela observação da evolução no número de participantes no decorrer do tempo, percebe-se longos períodos com número inalterados, como nos anos entre 1793 e 1902, período que ultrapassa um século e no qual o número de participantes na

⁵¹ As instituições que contribuíram para realização do Círio no ano de 2003 foram as seguintes: Exército, Marinha, Capitania dos Portos, Aeronáutica, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Polícia Civil, Polícia Rodoviária Federal, Polícia Rodoviária Estadual, Paratur, CTBEL – Companhia de Transporte de Belém, SECON – Secretária de Economia, SESAN – Secretária de Saneamento, Prefeitura Municipal de Ananindeua, Agência Distrital de Icoaraci, Cruz Vermelha, SESMA/Defesa Civil – Secretária Municipal de saúde, SINDARPA – Sindicato das Empresas de Navegação Fluvial do Estado do Pará, SINDCARPA – Sindicato das Empresas de Transporte Rodoviário de Carga, Sindicato dos Arrumadores, Sindicato dos Estivadores, Federação de Motociclismo, Guarda de Nossa Senhora de Nazaré (Plano de Trabalho 2003, DF).

procissão se altera em apenas 15.000 e, ao contrário, curtos períodos com grandes alterações no número de participantes como nos anos entre 1902 e 1927, onde o número de participantes teria saltado de 25.000 para 100.000, em um período de apenas 25 anos. E, finalmente, a partir dos anos oitenta do século XX, em que a Procissão do Círio contaria com 800.000 mil participantes, chegando, em 1992, ao número de 2.000.000 de peregrinos, contagem que vem se mantendo, segundo dados da organização do Círio, até a atualidade.

Dada a fragilidade dos números, trabalho a partir de uma dimensão que agrega tanto o aumento no número de manifestações associadas à celebração quanto os espaços utilizados para realização destas manifestações. Dessa perspectiva, acredito ser mais perceptível o processo de expansão da celebração.

Se observarmos o acontecimento do Círio tendo como foco privilegiado sua dimensão espacial, um fato que nos saltará aos olhos será a expansão de manifestações ligadas à devoção e, conseqüentemente, o aumento no número de espaços dentro e fora dos limites da cidade que por ocasião do Círio se associam à celebração.

Quando da oficialização da devoção em 1793 apenas duas procissões a compunham, a do Círio e a Trasladação, logo depois é introduzida a procissão do Recírio e, posteriormente, a Procissão da Festa. A Trasladação, no sábado à noite, era, até 1986, a primeira procissão do Círio, a que abria de fato a “Quadra Nazarena” e que, de certa forma, iniciava a Procissão do Círio, já que é a procissão responsável por trazer do Colégio Gentil Bittencourt a imagem da Santa para a Catedral Metropolitana de Belém, de onde sai no dia seguinte rumo à Basílica a procissão do Círio. A partir de 1986 criou-se um novo cortejo, a Romaria Fluvial, mas é somente no ano de 1989 que o tempo sagrado do Círio se antecipa para as primeiras horas do sábado, com a instituição da Romaria Rodoviária e, finalmente, se antecipa para sexta-feira com a realização do primeiro Traslado no ano de 1997⁵². Dessa

⁵² De fato, do ponto de vista da Igreja, a abertura do Círio acontece no mês de agosto por ocasião da Missa do Mandato, presidida pelo arcebispo de Belém. Esta simboliza o início das peregrinações do Círio, momento no qual as pessoas começam a preparar-se espiritualmente para a celebração que se aproxima. No ano de 2004 a Missa do Mandato foi realizada pela primeira vez fora da Basílica de Nazaré, na Praça Santuário, com a alegação de seus organizadores de que no ano anterior foi expressivo o número de participantes, fato que eles esperavam se repetir nesse ano. A organização esperava que cerca de três mil pessoas participassem da missa

forma, tem-se um crescimento da festividade como um todo, evidenciado pelo crescimento no número de espaços utilizados pelos rituais, e um prolongamento no tempo dedicado à festividade.

Algumas das novas procissões extrapolam os limites da cidade se estendendo até outros municípios da Região Metropolitana de Belém (RBM), como o Traslado e a Romaria Fluvial. A primeira se dirige de Belém até os Municípios de Ananindeua e Marituba e a segunda sai do Distrito de Icoaraci e se dirige até o Porto de Belém (Escadinha).

Atualmente é bastante difícil afirmar quantos eventos constituem o Círio e, em consequência, qual sua abrangência espacial. Dada essa dificuldade, optamos por considerar neste trabalho os eventos reconhecidos pela DF como oficiais e alguns que mesmo não reconhecidos oficialmente pela Igreja, são “oficializados” pela vontade popular. No entanto, é bom dizer, que esses de modo algum dão conta da variedade de eventos motivados pela devoção⁵³. O quadro abaixo fornece exemplos da expansão territorial do Círio, tendo em vista o recorte que propomos.

na Praça, no entanto, a imprensa noticiou, no dia seguinte, um número de participantes de cerca de oitocentas pessoas (cf. Amazônia Jornal On line, 28/09/2004. www.orm.com.br). No entanto para população como um todo a Trasladação e, mais ainda, a Procissão do Círio constituem as principais referências para o início do Círio.

⁵³ Consideramos como oficiais os eventos que constam nos Planos de Trabalhos da DF, estes incluem as procissões, as Peregrinações, o Festival da Canção Mariana e o Concurso de Redação. Eventos como a Feira do Brinquedos de Miriti, o Arrastão do Arraial do Pavulagem, a Festa da Chiquita, apesar de não constarem no calendário oficial da festividade, são associadas ao Círio pela vontade popular.

QUADRO V – CRONOLOGIA DAS NOVAS “ROMARIAS” E DOS NOVOS ESPAÇOS INCORPORADOS À CELEBRAÇÃO DO CÍRIO DE NAZARÉ A PARTIR DOS ANOS OITENTA DO SÉCULO XX

“ROMARIA”	ANO DE ORIGEM	ESPAÇOS UTILIZADOS
Romaria Fluvial	1986	Procissão fluvial realizada na Baía do Guajará com saída do Trapiche do Distrito de Icoaraci até a Escadinha do Cais do Porto de Belém, na manhã do segundo sábado de outubro
Romaria Rodoviária	1989	Cortejo de carros com saída da Igreja da Matriz, no município de Ananindeua, até o Trapiche do Distrito de Icoaraci, nas primeiras horas do segundo sábado de outubro.
Moto-Romaria	1990	Cortejo de motocicletas que sai da Escadinha do Cais do Porto, após a chegada em Belém da Romaria Fluvial, e se dirige até o Colégio Gentil Bittencourt.
Romaria Infantil	1990	Procissão realizada nas ruas próximas à Basílica, voltada para o público infantil, realizada no domingo após Círio.
Traslado	1997	Primeira procissão do Círio, realizada na segunda sexta-feira de outubro; é um cortejo realizado principalmente por carros e bicicletas que se dirigem, por volta das onze horas da manhã, da Basílica de Nazaré até os Municípios de Ananindeua e Marituba; com vigília na Igreja Matriz de Ananindeua e posterior deslocamento para o Distrito de Icoaraci nas primeiras horas do sábado para realização da Romaria Fluvial.
Romaria da Juventude	2001	Procissão que sai de uma das igrejas ligadas a paróquia de Nazaré, no primeiro sábado após o Círio, com destino à Praça Santuário.
Ciclo Romaria	2004	Procissão de ciclistas realizada pela primeira vez no ano de 2004 no dia 12 de outubro, com saída da Praça Santuário e retorno ao mesmo local.

Organização: Vanda Pantoja, 2003.

Mas, porque é necessário demarcar o crescimento da devoção e, mais ainda, porque optei por privilegiar a dimensão espacial desse crescimento e qual a relação que julgo existir entre o crescimento e o processo de organização do Círio?

Primeiro desejo esclarecer que é importante demarcar o crescimento no número de participantes nas celebrações do Círio porque acredito esse fator está relacionado à expansão do Círio para fora dos limites da cidade. Optei por privilegiar a dimensão espacial porque, como mencionei anteriormente, ela esclarece melhor sobre o assunto que apenas os dados do número de participantes. Por outro lado, creio que a expansão da celebração para fora dos limites da cidade, é causa e consequência ao mesmo tempo, do processo de burocratização presente na gestão do mesmo.

Chama a atenção o fato de o crescimento da celebração ter sido orientado para espaços os mais variados, dentro e fora dos limites político e territorial da cidade, como é possível observar no quadro acima, isso supõe que a escolha desse ou daquele espaço, para onde irá se dirigir uma nova procissão, seja sobretudo uma escolha política, do ponto de vista dos organizadores do Círio. Segundo Turner (1975, p. 189) uma das características da peregrinação é seu deslocamento para lugares que foram palco de “manifestações do poder divino ou sobrenatural”. No caso dos novos espaços mobilizados pelo Círio nenhum apresenta natureza religiosa, isto é, não são espaços onde o sagrado se manifestou e que por isso o justifique como local capaz de atrair procissões, nesse caso, é bom lembrar que somente as duas primeiras procissões do Círio revivem o mito de origem da devoção.

Como o crescimento físico do Círio mobiliza um maior número de espaços dentro e fora da cidade para realização da celebração, seu processo de organização fica cada vez mais complexo e a DF necessita cada vez mais se comportar como uma “empresa”, com horários determinados, divisão de trabalho e, principalmente parcerias com outras instituições para efetivação da celebração.

Com o surgimento das novas romarias o Círio que era então um evento geograficamente localizado, tendo na ermida de Nazaré, no Largo (feira) e nos trajetos das procissões seus pontos privilegiados de atuação, se expande para além desses espaços da cidade, alterando e aumentando o território de atuação das procissões – que passam a ser intermunicipais ou interlocais – ao mesmo tempo em que se criam novas modalidades de devoção, a exemplo, como vimos, do Auto do Círio – uma “procissão” em forma de bloco teatral-carnavalesco, entre outros.

No quadro abaixo relaciono algumas das “romarias” surgidas após 1980 e seus respectivos destinos; optei por relacionar apenas as romarias porque acredito que estas representam de forma mais acabada a expansão do Círio, assim como demonstram o deslocamento do mesmo para novos espaços dentro e fora dos limites do município de Belém.

QUADRO VI – SEQUÊNCIA DE REALIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS “ROMARIAS” DO CÍRIO DE NAZARÉ

“ROMARIAS”	DIA	HORA/SAÍDA	LOCAL/ SAÍDA	LOCAL/CHEGADA
Traslado	Segunda sexta-feira de outubro	12 horas	Basílica de Nazaré	Municípios de Ananindeua e Marituba
Romaria Rodoviária	Segundo sábado de outubro	6 horas	Igreja Matriz de Ananindeua	Trapiche do Distrito de Icoaraci
Romaria Fluvial	Segundo sábado de outubro	9 horas	Trapiche do Distrito de Icoaraci	Porto de Belém (Escadinha)
Moto-Romaria	Segundo sábado de outubro	11 horas	Porto de Belém	Colégio Gentil Bittencourt
Trasladação	Segundo sábado de outubro	17 horas	Colégio Gentil Bittencourt	Catedral Metropolitana de Belém
Procissão do Círio	Segundo domingo de outubro	7 horas	Catedral Metropolitana de Belém	Basílica de Nazaré (Praça Santuário)
Círio das Crianças	Terceiro domingo de outubro	8 horas	Praça Santuário	Praça Santuário
Procissão da Juventude	Terceiro sábado de outubro	7 horas	capela ligada à paróquia de Nazaré	Praça Santuário
Ciclo Romaria	12 de outubro	7 horas	Praça santuário	Praça Santuário
Procissão da Festa	Quarto domingo de outubro	8 horas	Praça Santuário	Praça Santuário
Recírio	Última Segunda-feira de outubro	7: 30 horas	Praça Santuário	Colégio Gentil Bittencourt

Organização: Vanda Pantoja, 2004.

O que explicaria o surgimento de tantas procissões em apenas duas décadas tendo em vista os mais de dois séculos de devoção oficializada e mais de três séculos, se formos considerar a data do suposto achado da imagem? Um dos motivos alegados por um ex-diretor da DF para o surgimento de tantas procissões estaria ligado ao aumento do número de pessoas concentradas, principalmente, em duas procissões, a da Trasladação e a do Círio, e que a motivação para criação de novas romarias, algumas especializadas, como a dos ciclistas ou a infantil, estariam ligadas à demanda de devotos⁵⁴. Mizar Bonna, autora de livros sobre o Círio e esposa de Diretor Benemérito da DF, acredita que as motivações para

⁵⁴ Entrevista não gravada concedida em 21/10/2004.

o surgimento de tantas procissões a partir da década de 1980 podem ser por razões de “*necessidades*” ou de “*vaidades*”⁵⁵.

Essa explicação talvez possa se aplicar a algumas das romarias, no entanto, não é regra para todas, tratemos de dois exemplos que, apesar de comungar com a opinião do ex-diretor, apontam outros caminhos: a Romaria Fluvial e a Ciclo-Romaria.

A Romaria Fluvial foi a primeira procissão surgida na década de 1980, é uma procissão que sai na manhã do segundo sábado de outubro, após missa, do trapiche do Distrito de Icoaraci e se dirige ao Porto de Belém (Escadinha). Devido à instituição dessa procissão outras foram surgindo como o Traslado, a Romaria Rodoviária e a Moto-Romaria, isso é perceptível se observamos as procissões em seqüência de realização (observar quadro VI). De acordo com Mizar as razões que levaram à instituição da Romaria Fluvial foram estritamente de cunho turísticos.

A romaria fluvial foi introduzida na Festa de Nazaré no ano de 1986. A proposta foi da Paratur, órgão do governo que cuida de turismo, idéia de seu presidente, historiador Carlos Rocque, e a intenção era turística mesmo. Sendo o Pará um pedaço da Amazônia cortada por rios e as embarcações servindo de transporte ao povo, pensaram em organizar uma homenagem dos barqueiros e todos aqueles que se servem das estradas de água (BONNA, 1993, p. 59-60)⁵⁶.

O exemplo da instituição da Ciclo-romaria ilustra outra situação. Esta romaria foi a última a ser introduzida na devoção até então. Foi criada no ano de 2004 através de pedido da Associação dos Ciclistas. Tal solicitação é mencionada na ata da 5ª reunião ordinária da DF no ano de 2004, realizada no dia 16/08/2004, e é justificada pelo desejo dessa Associação em homenagear Nossa Senhora em cortejo particular. O pedido foi aceito pela DF já que no dia 12/10/2004 realizou-se oficialmente a I Ciclo Romaria a qual foi

⁵⁵ Entrevista realizada na residência de Mizar Klautau Bonna, esposa de Evandro Simões Bonna, Diretor Benemérito da DF. Mizar, além de ter um longo “trânsito” nos bastidores da festividade de Nazaré, já que o casal é ligado ao Círio desde 1965, já publicou alguns livros sobre a festa de Nazaré e prepara nova publicação para o ano de 2005 (entrevista em 12/04/2005).

⁵⁶ O idealizador da Romaria Fluvial, Carlos Rocque tem um envolvimento muito forte com o Círio, pois o mesmo já escreveu um livro sobre a “História do Círio e da Festa de Nazaré” e seu pai, Felix Rocque, esteve a frente das principais companhias teatrais que vinham a Belém nas décadas de 1940 e 1950 se apresentar nos teatros por ele construídos.

acompanhada, em bicicleta, pelo pároco da Basílica, padre Raimundo Silvio Jacques. Os dois exemplos ilustram situações distintas, mas de natureza semelhante. No caso da Romaria Fluvial há uma preocupação formal em criar uma situação que possa atrair os turistas para a celebração, no caso da Ciclo-romaria há a necessidade de controle de uma demanda de fiéis, os ciclistas, que segundo a DF, por não terem um cortejo específico se apresentam em outras procissões e muitas vezes “atrapalham” com suas bicicletas o cortejo. Essa é uma questão que nem com a instituição da Ciclo-romaria foi resolvida pela DF, visto que os ciclistas continuam participando e “atrapalhando”cortejos como a Moto-romaria, o Traslado e a Romaria Rodoviária.

Ciclistas aguardando o início da Moto Romaria no Círio 2005.



Foto Vanda Pantoja

Nem todas as solicitações para acréscimos na celebração são atendidas pela DF, pelo menos não como deseja o solicitante, mas há arranjos.

Na ata da 5ª reunião ordinária do ano de 2004 há menção ao desejo do prefeito de Marituba, Antonio Armando, para que a Imagem pernoitasse por ocasião do Traslado⁵⁷ em seu município, pedido que, segundo informações da ata não poderia ser atendido segundo recomendações do Arcebispo de então D. Vicente Zico.

⁵⁷ Procissão surgida em 1997 que se dirige da Basílica de Nazaré na sexta-feira para o Município de Ananindeua chega até o município de Marituba, volta para Ananindeua no qual pernoita para em seguida se transformar na procissão Rodoviária e levar a Santa até o Distrito de Icoaraci para realização da Romaria Fluvial.

Na 7ª reunião ordinária realizada no dia 13/09/2004 há o relato de que um encontro entre a DF e o prefeito Antonio Armando possibilitaram que o pedido fosse reconsiderado pela DF, não no sentido de aceitá-lo completamente, já que o desejo do prefeito era o de que a Santa permanesse a noite toda em seu município, mas, uma aceitação parcial que consistia em uma permanência por um tempo maior da Imagem em Marituba, até por volta das 22h. Esse fato se constitui em uma mudança, já que até o ano de 2003 a Santa apenas “passava” por Marituba e logo voltava para Ananindeua antes do anoitecer, onde pernoitava para as 6h da manhã ter início a procissão que a conduz até o Distrito de Icoaraci.

Apesar de o processo de instituição de romarias ficar a critério da DF, como vimos no caso da aceitação da Ciclo-romaria e do arranjo efetivado entre DF e Prefeitura de Marituba, após criadas, as romarias não se restringem aos ideais institucionais. Por exemplo, a Romaria Fluvial apesar de ser pensada, segundo entrevista com Bonna, como um evento turístico, para preencher a manhã do sábado dos turistas que vinham a Belém para assistir a Procissão do Círio, não se restringe apenas a esse público, são muitas as embarcações de pescadores, pequenos comerciantes e de homens comuns que participam do cortejo



Círio 2003. Pequenos barcos de transporte de pessoas ou de pesca na Romaria Fluvial. Foto GEEC.

É bem verdade que muito *marketing* é produzido sobre essa procissão, a única que se precisa pagar, caso não se tenha uma embarcação, para acompanhar. Algumas empresas turísticas criam pacotes de viagem que já incluem em seus valores o preço para acompanhar a procissão em barcos ou navios onde o conforto da viagem varia de acordo com o preço.



Cartaz de anuncio turístico da Romaria Fluvial exposto no interior da Basílica de Nazaré. Foto Vanda Pantoja 2005.

No entanto, os pescadores e donos de pequenos barcos não costumam cobrar passagem de amigos e parentes que desejam acompanhar a procissão, realizam verdadeiros encontros de familiares e amigos por ocasião da Romaria Fluvial. Comem, bebem e dançam em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré durante o trajeto de cerca de 3 horas⁵⁸. Assim, mesmo sendo orientadas rumo a um único sentido, aquele que a DF atribui, as procissões não podem ser entendidas como formatadas, mas antes, como relações prenes de outros significados, que podem variar, dependendo dos interesses do agente de que se trata.

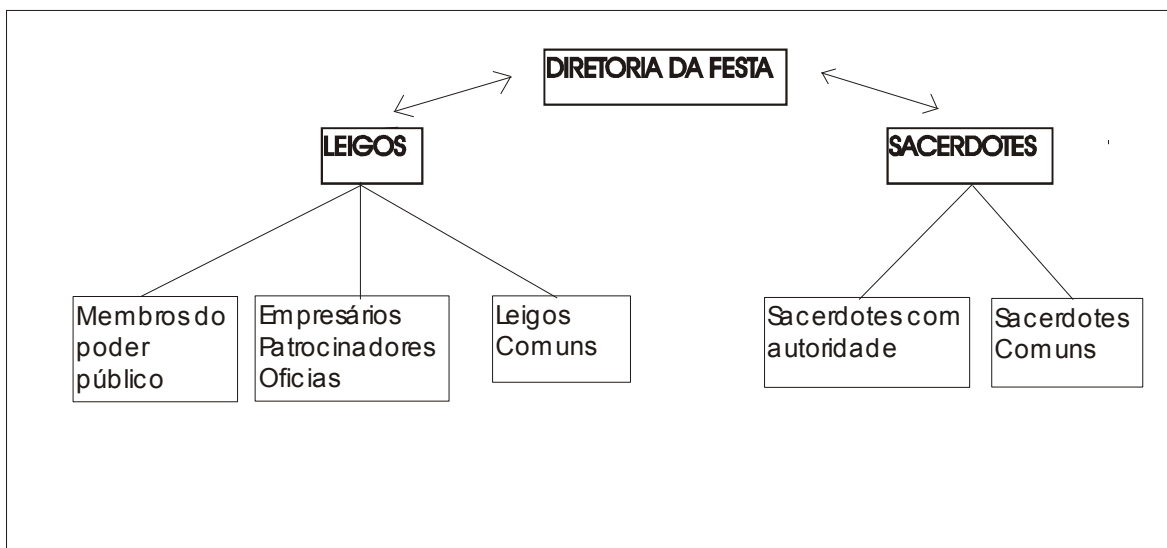
⁵⁸ Durante trabalho de campo no ano de 2003 tivemos oportunidade de acompanhar a Romaria Fluvial no sentido Belém-Icoaraci-Belém, um dos integrantes do grupo que eu compunha era sobrinho do dono do barco que, mesmo sem conhecer todo o grupo, permitiu que 5 pessoas embarcassem com direito a comer e beber.

**II- Os “AGENTES PROMOTORES” DA CELEBRAÇÃO MARIANA
EM BELÉM: as dimensões do Círio de Nazaré**

Oficialmente a DF pode ser entendida como a instituição diretamente responsável pelo processo de organização do Círio e, devido ao perfil de seus membros pode ser classificada como uma instituição de natureza religiosa, para a qual o interesse predominante na realização da celebração do Círio se encerra na função evangelizadora do mesmo. No entanto, uma visão mais ampla permite perceber que para além da DF há outros agentes responsáveis pela organização/realização do mesmo e, pela natureza desses agentes, é possível supor que para além da dimensão religiosa, outros fatores podem fazer do Círio uma celebração muito importante.

Os agentes envolvidos no processo de organização/realização do Círio podem ser classificados em dois grandes grupos: os leigos e os sacerdotes. Os sacerdotes aos quais me refiro são basicamente os que se apresentam enquanto membros da DF. Por leigo, entendo tanto os que se apresentam no interior da DF, quanto os que dela não participam. No entanto, os leigos que estão fora da DF não se confundem com os leigos que desta participam. Os que participam da DF têm uma formação religiosa bastante acentuada sendo relativamente longa sua trajetória nos grupos católicos antes que eles tenham sido “convidados” a integrar a Diretoria. Pode-se dizer que em termos de formação religiosa, estes se encontram em oposição à outra categoria de leigo, chamados aqui de leigos comuns, visto que estes últimos têm uma formação religiosa precária, pelo menos segundo os moldes da Igreja. Todavia, isto não significa que estes não se considerem católicos ou que não tenham algum tipo de iniciação no catolicismo. Há ainda uma terceira variação da categoria leigo, aquele que possui um certo prestígio, dado ser uma representação política ou econômica, e pode estar presente tanto no interior da DF como fora dela. O esquema abaixo tenta condensar as informações acima.

ESQUEMA I- AGENTES PROMOTORES DO CÍRIO DE NAZARÉ



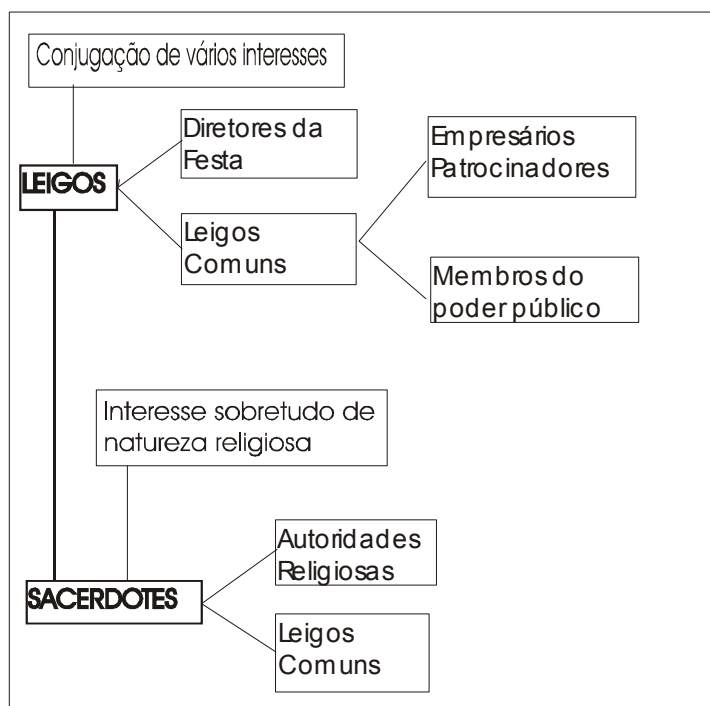
Organização Vanda Pantoja 2005

Ao longo deste trabalho enfatizo que a DF é composta por leigos e sacerdotes, no entanto, esta distinção não é causa para uma diferenciação no significado que a celebração tem para ambos: o Círio é para estes agentes, sobretudo um veículo de evangelização para o povo católico, e todas as práticas da DF, no que diz respeito à gestão da celebração, são justificadas sobretudo pelo sentido religioso da mesma. Tal fato, no entanto, não impossibilita que ocorram outras formas de interesses para esses grupos.

Em se tratando de sacerdotes, na DF vamos encontrar apenas três: o arcebispo metropolitano de Belém, o provincial barnabita Francisco Chagas Santos da Silva, e o pároco da Basílica de Nazaré Raimundo Silvio Jacques. Os três entendidos como autoridades; o arcebispo, com poderes mais amplos e, por isso, menos concentrado nas ações da DF, o pároco, em um contexto de poder mais reduzido e, por isso, mais concentrado nas ações da DF, e o provincial barnabita que tem como preocupação primeira às ações da DF. Há ainda uma freira presente em uma das secretarias executivas, esta mesmo sendo leiga, tem, evidentemente, ligações mais estreitas com os sacerdotes que com os leigos comuns.

No caso dos leigos temos duas variantes, os aqui chamados leigos comuns, neste trabalho representados pelos promesseiros da corda do círio como um todo, para os quais o interesse religioso teria privilégio em relação a outros que possam existir, e os empresários patrocinadores que, conjuntamente ao interesse religioso, que não pode ser descartado, têm sobretudo um interesse financeiro na realização do Círio. Ainda no domínio dos leigos aparece o poder público através das autoridades políticas, estes têm sobretudo um interesse de ordem política, isto é, interesse de ordem pessoal ou de classes restritas, na realização do Círio. Tal interesse político, por sua vez, não descarta um leque de outras possibilidades de interesse, inclusive o religioso.

ESQUEMA II- AGENTES PROMOTORES DO CÍRIO E POSSIBILIDADES DE INTERESSES



Organização: Vanda Pantoja 2005

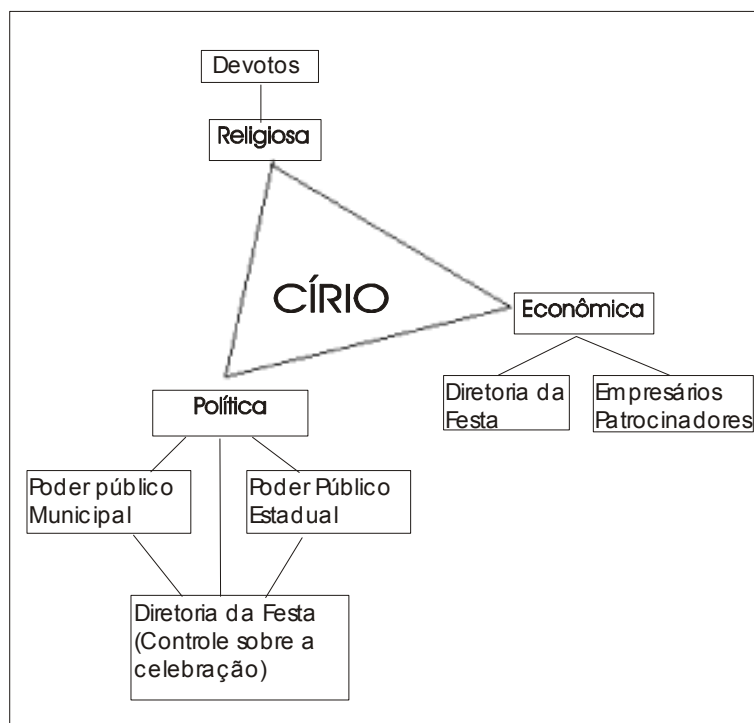
Os múltiplos interesses que o Círio possa suscitar não são excludentes um em relação ao outro, a exemplo de uma das categorias acima mencionadas, o leigo, que pode representar, em momentos diferentes, interesses de ordem religiosa, econômica e/ou

política. No entanto, para elaboração do esquema II, levei em conta sobretudo os interesses que julgo mais característicos de cada grupo de agentes no contexto em questão.

Dimensões religiosas, econômicas e política da celebração do Círio

Dado a variedade de agentes presentes no contexto de organização do Círio é possível a percepção de três aspectos da festividade que, apesar de intimamente ligados, podem ser apreendidos em suas especificidades, quais sejam as dimensões religiosa, econômica e política.

ESQUEMA III- DIMENSÕES DA CELEBRAÇÃO DO CÍRIO



Organização: Vanda Pantoja 2005

O Círio de Nazaré tornou-se um acontecimento de grande importância na cidade, sua importância ultrapassa a dimensão religiosa e o coloca no circuito dos grandes eventos turísticos regionais que reúnem milhões de pessoas do próprio local, de várias partes da Amazônia, do Brasil e de outros países. Dessa forma, o Círio não pode ser entendido

apenas como uma manifestação religiosa, mas como um evento muito mais amplo, uma espécie de fato social total, conforme Mauss (2003), que exprime de uma só vez diversas manifestações: religiosas, econômicas, políticas, morais, estéticas e outras.

A dimensão religiosa aparece principalmente nas procissões, momento ritual no qual pode-se dizer que a devoção é comum ao conjunto de católicos que acompanham a procissão, ao vivo ou pela televisão. O interesse religioso apresenta-se diluído em todas as dimensões da festa, ainda assim, os representantes principais são os leigos comuns, que ao experimentarem um contato mais imediato com sua santa protetora e com os que compartilham da mesma devoção, estabelecem uma relação caracterizada, em sua maior parte, pela reciprocidade (MAUSS 2003) e pelo estabelecimento da *communitas*, (TURNER 1974), visto que no momento da procissão, sobretudo entre os leigos comuns, há uma espécie de comunidade de objetivos e de condição social; momento no qual é possível uma indiferenciação entre todos.

O ideal da *communitas* poderia ser expresso pela busca de uma comunhão fusional, onde a romaria surge como espaço simbólico que ab-roga as regras sociais, as hierarquias e constrangimentos morais (STEIL, 2003, p. 252).

Alves (1980) chamou de *ideologia da comunnitias* a relação coletiva que se estabelece entre os leigos caracterizados por “ideais comunitários, concepções e atos informais” que estão, de certa forma, em relação dialética com a *ideologia do controle*, relação caracterizada “pela ordem e pelo respeito”, posta em prática pela DF em relação à gestão do Círio (ALVES, 1980, p. 103).

A dimensão econômica do Círio é caracterizada pela comercialização de bens de natureza simbólica e também de outros bens: os primeiros são identificados sobretudo como “expressões que designam uma realidade dotada de algum valor, às vezes valor moral e, na maioria das vezes, um tipo de valor positivo” (ROSENDAHL, 2003, 189). Esta dimensão representa uma parte importante do processo de organização da festa, pois que para que a mesma se efetuem algumas transações comerciais precisam ser realizadas, sendo que esta dimensão não pode ser compreendida quando separada da político/ideológica. É

sobretudo na dimensão econômica da celebração que relações de mercado podem ser observadas, principalmente no que se refere ao uso da mesma como “mercadoria”⁵⁹.

Aliada à grande importância religiosa da festividade, a DF, no intuito de melhor apresentá-la aos paraenses e ao mundo como um todo, têm tomado algumas medidas que visam gerenciar melhor a devoção e dela usufruir um melhor rendimento financeiro. No entanto, desse interesse financeiro declarado, é possível supor que a preocupação em angariar maiores recursos para o Círio esteja diretamente relacionado à própria representação que o mesmo possui para seus organizadores, isto é, como grande momento de evangelização para os católicos, pois em momento de instabilidade entre as instituições religiosas (GUERRA, 2003) todos os mecanismos possíveis na manutenção de qualquer instituição precisam ser reavaliados segundo uma ótica mais eficaz, no que se refere a sua funcionalidade enquanto mantenedora de uma determinada crença. É nesse sentido que a DF utiliza situações nas quais seja possível operar com outros mecanismos que não os tradicionais da Igreja católica, que possam fazer engrandecer e prosperar o que ela tem de mais significativo no contato entre igreja e povo, a festa de santo, o Círio de Nazaré.

É nesse contexto que surge em 2003 o projeto POCN – Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré - que consiste basicamente em um contrato firmado entre a DF e determinadas empresas, o qual prevê que estas contribuam financeiramente para a realização do Círio e, em contrapartida, tenham uma série de vantagens que consistem basicamente do direito exclusivo de usos da celebração e de bens associados à mesma na propaganda, ligando, mesmo que provisoriamente, a devoção às empresas em questão, associando, dessa forma, religião e economia. Ainda na mesma linha surge em 2004 a idéia de um outro projeto, o Devotos de Nossa Senhora de Nazaré que, tal qual o POCN, tem como objetivo “evangelizar através do carisma de Maria” ao mesmo tempo em que garante fiéis para a paróquia⁶⁰.

No caso dos empresários patrocinadores, presentes no contexto do Círio, sobretudo através do POCN, pode-se supor, sem descartar a possibilidade de outros interesses,

⁵⁹ Voltarei a esta temática no capítulo III

inclusive o de caráter religioso, que o que caracteriza de fato a relação destes com a organização do Círio seja o interesse econômico, visto que para estes o Círio é, sobretudo, um momento privilegiado através do qual os empresários podem comercializar não apenas seus produtos mas a própria imagem de si, pois ter a marca de sua empresa agregada à da Virgem é altamente positivo. Esse é o caso, por exemplo, da Rede Celpa, umas das empresas patrocinadoras oficiais do Círio em 2003, 2004 e 2005. Uma das “colaboradoras” do recém criado Departamento de Marketing dessa empresa, relaciona o patrocínio dessa empresa à festividade ao processo gerado a partir da compra da concessionária de energia do Estado do Pará pela empresa Rede há alguns anos. Segundo a funcionária, o grupo Rede enfrentou sérios problemas de rejeição justamente por ser uma empresa “de fora”, ficou, nas palavras da funcionária, com a imagem “arranhada”. O patrocínio ao Círio seria, dessa forma, parte de um conjunto de medidas que visam melhorar a imagem da empresa no Estado⁶¹, perante seus consumidores, “é muito importante para a Celpa ter seu nome ligado à maior procissão do mundo”, finaliza a representante da empresa.

A dimensão político/ideológica está ligada aos interesses dos diversos agentes presentes no processo de organização/realização da festa como um todo e, ao uso da celebração enquanto objeto para promoção pessoal ou de grupos restritos. Apesar de centralizarmos esse interesse apenas nos poderes públicos e na DF ele se encontra diluído nos vários agentes, a exemplo da tentativa de criação de uma associação entre alguns promesseiros da corda que, ao implementarem tal atitude, produziram uma representação de si mais fortalecida perante a DF e, com a suposta institucionalização, o grupo se vê, e é visto, de forma diferente a partir de então, pois a DF, ao se referir aos mesmos, trata-os como uma instituição legalizada e, conseqüentemente, mais fortalecida. O retorno objetivo que o grupo tem com isso é uma maior consideração de seus desejos, quando acordos entre a DF e os promesseiros são estabelecidos.

⁶⁰ No capítulo terceiro comentarei sobre os dois projetos citados.

⁶¹ Além do patrocínio ao Círio o grupo Rede investiu em propagandas que estimulam o caráter regionalista da empresa, criou alguns projetos de assistência social como o “Criança Luz” e o “Celpa em Gravite”, além de adotar o nome da antiga empresa estatal.

A dimensão política do sagrado também pode se verificada pelo uso que se faz da celebração enquanto instrumento que pode agregar prestígio para quem a manipula, quanto a partir de sua dimensão espacial, segundo Rosendahl (2003), enquanto estratégia de controle do espaço, colocadas em ação pelos especialistas do sagrado que visam sobretudo controlar, em sentido amplo, ações, que, em última instância, possam ameaçar sua condição de agente dominante. Assim, as formas de organização das festas de santo, sobretudo das atividades de caráter religioso, como as procissões, podem revelar, através de sua configuração espacial, isto é, através das formas como se dispõem no espaço, estratégias de controle de um determinado grupo sobre outro, transformando, assim, o espaço em território, nos quais os diversos grupos se rivalizam e/ou aliam de acordo com os contextos.

No caso da celebração do Círio lançam mão de dois exemplos que evidenciam a dimensão política da celebração a partir do uso do espaço. Por ocasião do Círio o espaço que compreende o Arraial de Nazaré e imediações é cedido pela prefeitura de Belém e fica sobre a gerência da DF, assim, a mesma tem total controle sobre aquele espaço durante o Círio, organizando e fiscalizando todas as relações que acontecem naquele lugar, inclusive, com a presença de seguranças particulares. Outro momento em que se percebe a atuação destacada da DF são as procissões, principalmente a do Círio e a Trasladação, nessas os membros da Diretoria e o clero ocupam um lugar de destaque, e são rigorosamente isolados da multidão de devotos por um forte esquema de segurança.



Círio 2004. Diretores da Festa e clero à frente da berlinda na Procissão do Círio. Foto GEEC.

A organização formal do Círio e os agentes envolvidos

A instituição que formalmente representa a organização do Círio é a DF, e tem sido constante que a função de diretoria desta seja representada por homens que, de uma forma ou de outra, ocupam um lugar de destaque, social e profissionalmente na cidade⁶². Os diretores são, em sua maior parte, advogados, médicos, desembargadores, publicitários, entre outras profissões que, ao longo do tempo não deixaram de estar desvinculadas de uma certa camada da sociedade, que por razões de classe social e todo aparato que daí deriva produzem uma visão de mundo diferenciada da maior parte dos leigos comuns, principalmente os das chamadas classes populares. Todos os diretores possuem formação acadêmica, e são religiosamente “engajados” em movimentos, ou, como eles preferem, “serviços” da Igreja Católica. Essa também é uma das razões que fazem com que o processo de organização do Círio seja fortemente centralizado nas mãos desses diretores. A própria DF se reconhece enquanto coletivo constituído por pessoas “influentes”, ao afirmar que “realmente a Diretoria é composta não resta dúvida por pessoas que tem um certo contato, influência”. Tal prática é justificada como necessária dada a dimensão da festa:

⁶² Isidoro Alves ao realizar pesquisa sobre o Círio no ano de 1970 constatou a mesma situação. Naquele ano a DF era composta por “industriais, comerciantes, profissionais liberais, altos funcionários públicos (...)” (ALVES, 1980, 33).

O Círio é uma festa assim que tem um desenvolvimento muito grande ela é... hoje ela é tida, e não apenas porque nós paraenses estamos dizendo isso, não porque nós paraenses queremos que assim seja, é porque é uma realidade, a festa do Círio é seguramente a maior festa religiosa do Brasil, sem precedentes, pessoas que vêm de fora, vêm pra cá, que são viajadas dizem até que não conseguem ver no mundo uma festa com essa dimensão, como se consegue colocar dois milhões de pessoas caminhando nas ruas, nesse formato não tem precedentes, mesmo de outras religiões.

E por ser uma festividade muito expressiva apresenta, segundo o informante, necessidades específicas que somente poderiam ser resolvidas graças à influência de seu corpo organizador.

...diante dessa relevância então a Diretoria ela procura ser composta também, também, não apenas mas também, por pessoas que tenham contato, pessoas que tenham acesso, de repente nós precisamos, como no ano passado precisamos, de uma intervenção no Ministério Público por exemplo, para resolver um sério problema que nós tínhamos nas transversais, carros ficavam posicionados atrapalhando o curso das pessoas e colocando em risco (...) aí já com a presença de um desembargador, o doutor Carlos Maroja muito influente nisso e do Flávio [Antonio Flávio Américo] que é um advogado que tem nome, realmente chega a ser muito mais fácil do que chegar outro tipo de pessoa que não tem esse acesso, pessoas que tem acesso a grande mídia, a mídia, a imprensa (...) Então, na realidade a Diretoria precisa ser composta também por essas pessoas que tenham esse tipo de facilidade, que precise de repente de uma audiência com o governador (...), em função dessa necessidade que a gente encontra, as coisas precisam ser rápidas, não pode esperar, olha fala com A, fala com B, fala com C, fala com... entende? Não, tem que ser um contato direto, alguém que possa pegar o telefone e, doutor, olha, tô precisando disso, disso e disso...

No entanto, mesmo tendo em vista todos os contratempos possíveis e a necessária presença de um corpo organizador bem relacionado, o que realmente define a DF, segundo o informante, ainda é, conforme mencionei anteriormente, seu perfil de entidade de natureza religiosa.

(...) então é por isso que a Diretoria do Círio ela é também composta por pessoas que têm influência e pessoas que têm formação também, não é que tenha apenas a influência, que tenha a influência e a formação religiosa, *porque se não nós teríamos pessoas sem a menor formação fazendo a festa do Círio* (os grifos enfatizam o tom da fala do informante). (Irséf Ivan, secretário da Diretoria 2005/2006. Entrevista em 10/05/2005).

Nesta fala pode-se perceber mais claramente o que foi pontuado no primeiro capítulo deste trabalho acerca do caráter religioso da DF, o que leva a uma afinidade ideológica entre diretores e sacerdotes, assim como evidencia um outro elemento que se funde ao religioso, e pode, em alguns casos ser obliterado por este, na explicação para o caráter elitizado da DF: a questão da diferenciação de classes. Nesse caso, nível social e formação religiosa caminham juntas na definição do perfil de diretor, aí mais uma vez são percebidos sintomas da diferenciação de perspectivas que há entre as concepções oficiais e popular acerca do catolicismo. Dessa forma, o fator religioso, preponderante na estruturação do corpo organizador da festividade, não pode ser analisado à revelia de outros aspectos, a exemplo das questões de classe. Se para organizar a festividade há necessidade de homens “influentes” e rigorosamente formados na igreja para melhor conduzi-la, há também, em função disso, um certo distanciamento entre a DF e os devotos como um todo, visto que aliada à privilegiada condição material dos diretores há ainda a formação religiosa do grupo que faz com que a Diretoria se encerre em si mesma e sinta grande dificuldade em se comunicar com os devotos das classes mais populares. Essa é uma constatação da própria DF, evidenciada pelas falas do Diretor Presidente da mesma, padre Francisco Chagas da Silva, de que é necessário “mudar” a imagem dessa instituição perante os devotos como um todo, de mostrar o quanto essa Diretoria é “verdadeira” e o quanto trabalha pela Igreja de Belém⁶³.

Instâncias organizativas religiosas e leigas: na “ideologia do controle”

Não apenas a DF é a maior responsável pela organização do Círio, há um grande interesse do poder público local em promover a festividade dada facilidade em atrair turistas através da mesma para a cidade, assim como há, também, a possibilidade desta agregar prestígio à figura do político que dela participa. Nesse contexto é que os governos do Estado e do Município injetam grandes somas na realização do Círio.

⁶³ Em ata de reunião de 18/03/2003 da DF.



Abertura oficial do Círio 2005 com presença de autoridades políticas e religiosas. Da esquerda para a direita: o coordenador da DF, 2005/2006 Flávio Américo, o arcebispo de Belém d. Orani João Tempesta, o prefeito de Belém Duciomar Costa, o presidente da DF, padre Francisco Chagas da Silva e o governador do Estado Simão Jatene. Foto: Vanda Pantoja 2005.

O Governo do Estado e a Prefeitura do município de Belém não são entendidos pela DF apenas como patrocinadores da festa mas como “parceiros”, mais precisamente como “entidades realizadoras”. No quadro abaixo listo, de acordo com a DF, os agentes envolvidos no processo de organização/financiamento do Círio.

QUADRO VII- “ENTIDADES REALIZADORAS” DO CÍRIO DE NAZARÉ

ENTIDADES REALIZADORAS	
RELIGIOSAS	LEIGAS
Arquidiocese de Belém	Governo do Estado do Pará
DF ⁶⁴	Prefeitura Municipal de Belém
Padres Barnabitas	
Paróquia de Nazaré	

Organização: Vanda Pantoja, 2004.

Segundo Maués (1995), os interesses das autoridades laicas na realização das festas de santo são sobretudo interesses de ordem política e econômica, traduzidos, basicamente, pelos ganhos que as autoridades possam vir a ter através da capacidade que as festas de santo têm em atrair turistas para o local da devoção, assim como ao prestígio que poderão lhes ser conferido por sua relação com a mesma. Lima (2002), ao estudar a organização da festa de São João em Campina Grande, chega à conclusão que a mesma pode também ser entendida como “estratégia política e investimento econômico” para os políticos locais.

Um fato recorrente observado na construção e execução da festa junina na cidade de Campina Grande é a participação e a presença dos políticos locais e de seus prepostos, não só em seus espaços, mas em todo um conjunto de produções discursivas que apontam para a disputa da festa como um bem, um instrumento de posse, de apropriação e reivindicação à gestação do evento. De fato, a construção da festa junina no espaço urbano surge como um excelente campo de busca e concretização por prestígio e poder. (LIMA, 2002, p. 153).

A relação entre a organização do Círio e o poder público se mantém ao longo da trajetória do mesmo. Da oficialização da devoção, que fora presidida por uma autoridade civil, à atual realização da festividade, a parceria entre os poderes laico e religioso é uma constante.

Se o primeiro Círio fora organizado tendo à frente os poderes laico e religioso, na atualidade essa relação pode ser considerada como além de uma simples ajuda financeira, mas, sobretudo como apoio político e, porque não, moral, principalmente por parte do

governo do Estado, à festividade; um bom exemplo autoriza nossas considerações. A primeira reunião de preparação para o Círio do ano de 2004, realizada pela Guarda de Nazaré, em agosto daquele ano, teve como convidada especial a vice-governadora do Estado. Sua presença simbolizava o apoio material e moral que o Estado dedica à festividade de Nossa Senhora de Nazaré em Belém⁶⁵. Na ocasião, o Governo do Estado, na pessoa da vice-governadora, homenageou a Guarda de Nazaré presenteando-a com alguns “brindes” que posteriormente seriam distribuídos entre eles⁶⁶. Na verdade, esta primeira reunião não tinha como pauta principal a organização do Círio mas sobretudo a recepção à vice-governadora.

Ainda em relação à ligação entre a DF e o poder público, há que se lembrar a histórica associação entre a igreja católica e as instâncias representativas do poder político, prática esta entendida enquanto estratégia que visa(va) sobretudo a manutenção do poder da Igreja perante a sociedade, conforme investigou Montes (1998). Se por um lado é interessante para o poder público que o Círio lhe seja associado, visto que o mesmo contribui para a construção de uma certa imagem do Estado, muitas vezes a desejada pelos políticos locais, mostrando o Pará ao mundo todo através de sua devoção à Virgem de Nazaré, por outro, para a DF e para a Igreja Católica como um todo é muito conveniente demarcar boas relações com os políticos locais, inclusive, ter boas relações com as autoridades locais pode ser entendido como um dos critérios que norteiam a escolha de um diretor da festa, conforme foi verificado anteriormente na fala de um dos membros da mesma.

Instâncias organizativas religiosas e leigas: “ideologia do controle” x ideologia da *communitas*”

Paralela à preocupação dos diretores da festa com o caráter evangelizador do Círio, caracterizado pela grande preocupação com a formação daqueles que vão “pensar” o Círio,

⁶⁴ Para um melhor entendimento acerca da natureza religiosa da DF é interessante considerar o primeiro capítulo deste trabalho.

⁶⁵ Também por ocasião do Círio tanto o Governo do Estado quanto a Prefeitura Municipal de Belém anunciam em seus sites a festividade com fotos e pequeno histórico da celebração.

⁶⁶ Os Guardas foram agraciados com um aparelho de televisão, um vídeo cassete e bicicletas para realização de sorteio entre os mesmos (notas de campo).

há uma grande preocupação com a ordem e a disciplina na condução da festividade, principalmente quando se trata da Procissão do Círio. (ALVES, 1980; PANTOJA, 2004b)

Nesse sentido dois agentes são especialmente importantes, o corpo organizativo de leigos presentes no interior da DF, os diretores, e o corpo de leigos não presentes na DF, os devotos promesseiros da corda. Para uma compreensão melhor da relação entre esses dois agentes é necessário que compreendamos o Círio a partir de duas esferas distintas, mas complementares, uma pública e outra privada. Na esfera privada, que se refere ao momento de organização do Círio os agentes envolvidos são os mesmos apresentados no esquema I, com ênfase nos diretores da festa. Na esfera pública, referente ao momento de realização do Círio, os agentes mais diretamente envolvidos são os promesseiros da corda e a Guarda de Nossa Senhora de Nazaré.

Essa mudança é possível porque no momento de organização do Círio, há sobretudo uma ênfase no planejamento, do qual participam diretamente os diretores, já que se encontram liturgicamente “preparados” para tanto e, em menor escala, as instituições responsáveis pela segurança das procissões. O papel do leigo comum é quase inexistente.

Já no processo de realização das procissões o papel de leigo comum é de extrema relevância, pois praticamente todo planejamento levado a cabo pela DF durante o ano todo se desfaz por ocasião das procissões. A regra desse cenário quase sempre é o imprevisto, sendo o principal personagem, o leigo comum, mais precisamente o promesseiro da corda que, seguro ao elemento que, de modo geral, controla o andamento do cortejo, a corda, visto que se encontra preso à berlinda, é o agente que literalmente tem nas mãos o controle da procissão. Convém reafirmar que quando falo de promesseiros, me refiro especialmente aos integrantes de uma suposta associação de devotos denominada de “Promesseiros da Corda” que teria sido institucionalizada no ano de 2003, e que se atribui a função de “organizar e ajudar” todos os promesseiros que desejam pagar promessa na corda⁶⁷.

⁶⁷ As informações relativas a essa associação me foram fornecidas através de entrevista em 07/06/2004 por Isa Carmem, 48 anos, professora, cerca de “30 anos de corda”, que se atribui o cargo de vice-presidente do grupo denominado de Promesseiros da Corda. Tenho razões para duvidar da existência formal do grupo enquanto instituição, pois em um momento posterior da pesquisa esse ponto foi negado por um dos promesseiros do mesmo grupo de Isa Carmem, o senhor José Rodrigues, 45 anos, marítimo, promesseiro há cerca de 20 anos,



Círio 2004. Integrantes da Associação Promesseiros da Corda.
Foto Vanda Pantoja 2004.

Se a DF é a instituição responsável pelo processo de organização geral do Círio, a Guarda de Nazaré é responsável por colocar em prática o que fora planejado pelos diretores, principalmente no que se refere à Procissão do Círio.

É bom dizer que há uma grande diferença entre os membros da DF e os membros da Guarda de Nazaré. Eu diria que ideologicamente os membros da Diretoria estão mais afinados com a Igreja pois são representantes de uma classe economicamente mais abastada e com uma longa “caminhada” na Igreja através dos movimentos católicos de caráter tradicional. Já os guardas de Nazaré apesar de reproduzirem a ideologia da Igreja, já que cumprem ordens da Diretoria, em termos de classe e de formação cristã encontram-se mais afinados com a maior partes dos devotos do catolicismo popular, principalmente no que se refere à precária formação cristã, segundo o modelo oficial da Igreja⁶⁸.

que afirmou não existir nenhuma espécie de associação (entrevista em 16/10/2004). Uma terceira entrevista com Reginaldo de Jesus Costa Soares, administrador de empresas, divorciado, 45 anos, ex-diretor da festa (95/99), atualmente “membro fundador” da associação dos promesseiros, relatou que a associação começou a ser pensada no ano de 2000, mas que até hoje não se institucionalizou, que “não existe de direito mas de fato” (entrevista em 21/10/2004).

⁶⁸ Certa vez, encontrei um guarda de Nazaré em um bar na periferia da cidade dançando e bebendo vestido com o uniforme da Guarda, quando inquirido sobre sua condição o mesmo disse que sabia que era proibido mas que seus superiores nunca iam saber do acontecido. Segundo o regulamento da Guarda isso seria motivo para expulsão do mesmo (notas de campo).

A corda do Círio: na ambigüidade do símbolo⁶⁹

*Puxando pra lá e pra cá
A corda vira cordão...*

(Apolo Monteiro Barros. Círio de Nazaré-
Literatura de Cordel, 2004).

Não se pode mudar essa convenção de símbolos importantes. Não vejo nenhuma razão para se separar a corda da berlinda. Seria como pegar um braço meu e colocá-lo a 30 metros de distância da minha frente. Isso não faz sentido faz? (...) por conta da pressa não sei de que e de quem a imagem da Santa passou correndo, feito uma maratonista, Isso porque não querem que o povo da corda seja atendido. Só se faz isso com um povo simples como é o do Pará (...), foi uma coisa planejada e feita de propósito para ver se depois eles conseguem fazer sempre ou não (...) O Círio é como o Rio Amazonas. Não se pode mudar seu curso.(Pe Savino Mombelli. O Liberal, Atualidades, 5/10/2002)

A fala acima fornece mecanismos para pensar a corda como elemento que agrega em si as maiores polêmicas que têm ocorrido ao longo do Círio e, mais ainda, que as divergências a seu respeito não se referem apenas à relação sacerdote/leigo, mas, como está exposto acima, pode suscitar conflitos no interior da relação sacerdote/sacerdote.

Em ambos os agentes, sejam estes leigos ou sacerdotes, a corda é entendida como um dos mais representativos símbolos da devoção e, conseqüentemente, não poderia ser retirada sem prejuízos para a mesma. Por outro lado, a corda pode ser entendida também como o elemento através do qual o povo se manifesta de fato na celebração, ou melhor, a corda é o instrumento pelo qual o povo controla e se apropria da mesma no momento da procissão, contrariando o desejo de controle manifesto pela DF. É comum, como evidenciado na fala acima, que no Círio as idéias de povo e corda sejam associativas, como se uma se referisse a outra, talvez seja porque através dela o povo manifesta sua capacidade

⁶⁹ A corda do Círio é uma corda de sisal de cerca de 400 metros de comprimento e duas polegadas de espessura. É presa à berlinda e puxada por promesseiros em pagamento de promessa. Ela teria sido introduzida na celebração em 1855, quando a berlinda, atolada pela chuva, impedia a continuação da procissão, sendo necessário ser amarrada e puxada por uma corda improvisada na hora. Alguns anos depois a corda substituiu os bois que puxavam a berlinda e passou a fazer parte do Círio. Atualmente é um dos maiores símbolos da celebração, ao final do cortejo os promesseiros disputam pedaços da mesma no desejo de levá-lo para casa. (AMARAL, 2003).

criativa, fugindo ao controle da Igreja entendida como instituição legitimamente responsável por gerenciar os bens simbólicos de salvação. Na corda a relação entre devotos e deuses se dá sem a intermediação da Igreja, o povo se reapropria da capacidade de comunicação direta com sua divindade, pois durante a procissão do Círio Santa e corda podem ser considerados como extensões uma da outra, logo, quase semelhantes em nível de sacralidade, o devoto que segura a corda acredita estar, de alguma forma, materialmente ligado à Virgem.

Mas de que forma o conflito entre as concepções oficiais e leigas acerca do catolicismo pode se materializar na corda do círio?

A corda é um símbolo ambíguo porque ao mesmo tempo que é associada ao povo é entendida também como uma extensão da santa e, conseqüentemente, considerada sagrada por muitos, é ambíguo também porque apesar de ser entendida, na atualidade, pelos organizadores do Círio como um dos símbolos mais importantes da celebração, é através dela que as divergências entre leigos e sacerdotes têm se manifestado ao longo do Círio, pode-se, inclusive, dizer, que a corda vem sendo ao longo da história do Círio o canal de escape para os conflitos entre o catolicismo popular e oficial .

Uma revisão acerca dos conflitos no Círio que envolvem a corda nos leva a verificar duas explicações, advindas da Igreja, que justificariam a corda como alvo privilegiado das intervenções: a primeira alega o caráter não sagrado da corda para tentar suprimi-la da procissão tratando-se de “superstições” do povo; a segunda, e mais recente justificativa, tem como tema privilegiado a questão da segurança no cortejo. Nesse segundo caso, não se fala mais em suprimi-la completamente do cortejo mais em abreviar sua existência no mesmo. É no contexto da “segurança dos romeiros” que surgem os “cortes” ou “desatrelamento” entre corda⁷⁰ e berlinda.

O discurso que possibilitou em décadas passadas a supressão da corda do Círio alegava como motivação para tanto que a mesma possibilitava, através do contato entre os

⁷⁰ “Corte” é a expressão como os devotos como um todo e a imprensa denominam a separação entre corda e berlinda da Santa, já que para que o mesmo ocorra a corda é literalmente cortada, “desatrelamento” é o nome que a DF assim como o clero como um todo se refere ao mesmo processo.

corpos de homens e mulheres, a profanação da romaria sagrada⁷¹. Dessa forma, o embate dizia respeito ao que é considerado sagrado ou profano no Círio, que, por sua vez, está relacionado às concepções oficial e popular acerca do catolicismo, que nesse contexto tentavam a romanização do culto, levada a cabo principalmente na virada do século XIX para o XX tendo como principal personagem romanizador, no caso do Círio, o bispo D. Antonio de Macedo Costa, e posteriormente, na década de 1920, D. Irineu Joffily.

Na atualidade o principal motivo alegado pela Diretoria e pelo clero como um todo, não para suprimir, mas para separar a Santa dos devotos através do “corte da corda”, diz respeito às questões de segurança. Esse contexto mais uma vez nos remete à temática do crescimento no número de participantes no Círio, o que, por vez, pode ter levado ao crescimento da corda de 50 para 420 metros⁷² em um intervalo de sete anos e ao conseqüente aumento do número de promesseiros na mesma.

A questão sobre se a corda é segura ou não surge sobretudo na década de 1990 quando esta passa a ocupar tanto o vídeo nas transmissões da TV (ALVES, 2002) quanto às preocupações do clero no que diz respeito à sua permanência ou não no cortejo. A partir do ano de 1995, quando se tem noticiado pela imprensa de forma mas evidente os “desatrelamentos”, os mesmos têm se tornado um fato comum na Procissão do Círio.

⁷¹ Segundo a regra pensada pela Igreja homens e mulheres ficariam em lados opostos da corda, para que os corpos não se rocem durante o cortejo. No entanto, essa é uma das regras que quase sempre não é cumprida pelos promesseiros, é bom que se diga que muitos promesseiros consideram essa medida importante, outros não. Sobre a questão conferir Rocque (1981, p. 87); e Alves, (1980, p. 95-96).

⁷² Segundo Alves (2002, p 116- 121) o ano de 1985 foi histórico para o Círio pois além da presença de figuras ilustres na procissão como o presidente da República na época, José Sarney, a corda dobra de tamanho assim como ganha pela primeira vez visibilidade na transmissão da TV. Essa mesma autora nos informa que entre os anos de 1983 e 1990 a corda cresce de 50 m para 420 m.

QUADRO VIII- SITUAÇÃO DA CORDA DO CÍRIO NOS ANOS DE 1994/2005.

ANO	SITUAÇÃO DA CORDA
1994	Procissão chega às 12h na Praça Santuário. Início das preocupações da DF com o tempo da procissão.
1995	O atrelamento entre corda e berlinda passa a ser feito no <i>Boulevard</i> Castilhos França e não mais em frente à Sé. Nesse ano a berlinda chega às 10h37 na Praça Santuário, desatrelada da corda dos promesseiros.
1996	Após sete horas de procissão, berlinda e corda chegam atreladas, às 14h na Praça Santuário.
1997	Há confronto entre policiais militares e promesseiros da corda, esta é desatrelada da berlinda.
1998	Há desatrelamento entre corda e berlinda
1999	A corda é cortada no início da procissão, a parte que fica com os promesseiros chega duas horas depois que a berlinda na Praça Santuário.
2000	A corda é cortada e se formam duas. Enquanto parte dos promesseiros da corda chegam à Praça Santuário, a berlinda com a Santa ainda se encontra no meio do trajeto e somente chega à Praça Santuário às 15h47.
2001	A corda é cortada na altura da Av. Presidente Vargas. A procissão chega às 13h30 na Praça Santuário. Quando os promesseiros conseguem chegar nenhuma autoridade religiosa se encontra na mesma para recebê-los.
2002	Devido a um incêndio em uma casa de comércio no <i>Boulevard</i> Castilho França, o Círio muda de percurso e a corda não é atrelada à berlinda. Foi um dos Círios mais rápidos da história, chegou às 11h na Praça Santuário.
2003	A corda foi dividida em três pedaços.
2004	Após a procissão mais longa da história do Círio, que durou cerca de nove horas e vinte minutos, corda e berlinda permanecem atreladas até próximo da praça santuário ⁷³ .
2005	Mudança no local de atrelamento entre corda e berlinda. O atrelamento que desde 1995 era feito em frente ao Solar da Beira, no Ver-o-Peso, passa a ser feito próximo à Estações das Docas. Após uma das procissões mais rápidas corda e berlinda chegam, segundo a DF, atreladas até o final da Romaria

Fonte: ALVES (2002) e pesquisa da autora

Os cortes na corda do Círio têm causado muitas reclamações e reações negativas principalmente dos devotos promesseiros da corda, um bom exemplo dessa reação é a organização destes, em uma associação que teria como objetivo organizar os devotos na corda e com isso garantir o direito de pagamento de promessa dos mesmos.

⁷³ Segundo o planejamento da DF diz-se que corda e berlinda, em 2004, chegaram atreladas até o final do cortejo. Isso porque para a DF chegar atrelada até o final do cortejo significa que corda e berlinda permaneçam juntas até próximo da Praça Santuário, na Avenida Nazaré com Generalíssimo Deodoro, onde um forte aparato policial impede que os promesseiros continuem. Alguns metros antes, as estações da corda já começam a ser retiradas do cortejo. No entanto, para os promesseiros, ter corda e berlinda juntas até o final do Círio significa levá-la até a Praça Santuário, local onde encerra o cortejo e onde eles acreditam que pagaram de fato suas promessas.

O atraso no horário de chegada da procissão não é explicitado publicamente pela Diretoria como algo relevante⁷⁴, no entanto, é comum que haja concordância entre diretores e coordenadores de que é necessário o estabelecimento de um tempo “razoável” para a realização da procissão. Apesar de a voz da Diretoria ser a de que o Círio só “tem hora para começar”, os “cortes” na corda têm demonstrado que o discurso é um é a prática é outra. Como falar em “atraso” para algo que supostamente não teria hora para terminar?

A corda é um símbolo tão problemático para a DF que para o Círio de 2004 foram pensadas mudanças profundas em sua forma. Essas alterações foram primeiramente interpretadas por mim a partir de uma perspectiva: tentativa de maior controle sobre a devoção por parte da DF, já que durante a procissão o número de promesseiros é infinitamente maior que os de Guardas de Nazaré e de Policias Militares, fato que coloca estes últimos em situação de desvantagem em relação aos primeiros o que, por outro lado, poderia comprometer o desejo de controle da procissão por parte da DF.

Com o andamento da pesquisa, na ocasião em que fiz consultas nas atas de reuniões da DF, especialmente na ata do ano de 2003, minha suspeita pôde ser averiguada com mais detalhes. O cerne da questão pode ser entendido a partir da disputa pelo controle da procissão entre Guardas de Nazaré e promesseiros da corda na Trasladação do ano de 2003. Para um melhor entendimento dessa questão transcrevo parte da conversa que tive com um ex-coordenador da Guarda de Nazaré no ano de 2004 quando falávamos sobre os promesseiros da corda. Na ocasião foi relatado o seguinte episódio.

Na trasladação do ano passado [2003] aconteceu uma coisa que foi até bastante chata em relação aos promesseiros. Porque nós saímos atrelados da Quartoze de Março e já tinham passado três horas e nós andado dois quarteirões, e o principal objetivo da trasladação é tão somente levar a imagem para a Sé, só. O ponto alto tem que ser o Círio (...) então nós

⁷⁴ A questão sobre o tempo que a procissão deve levar do seu início até o final é muito polêmica. É comum ouvirmos ou lermos que a DF desatrela a berlinda da corda por motivo de segurança e não por questão de tempo. Quando indagados sobre o assunto os diretores respondem sempre que “o círio não tem hora para terminar” apenas para começar, mas, por outro lado, sempre que possível essa mesma Diretoria evidencia grandes preocupações com a questão do tempo, a exemplo do ex-arcebispo de Belém D. Vicente Zico que foi à TV por ocasião do Círio 2001 para recomendar que os romeiros não atrasassem a procissão do Círio para que não comprometesse o “almoço do Círio”. Sobre o mesmo assunto o atual coordenador da DF comentou-me que o “horário justo” para o término da procissão seria as 14 h, tendo em vista que a mesma inicia as 7 h.

decidimos desatrelar a corda, ou seja, soltar a corda da berlinda e passar a berlinda pela [sobre] corda e a corda ir atrás, isso porque estava previamente acordado com os promesseiros, no qual eles teriam que ficar pelo menos duas horas, isso acertado...que pelo menos duas horas ela ficou atrelada para eles poderem pagar a promessa deles (...) e que a berlinda pudesse chegar a contento na Sé pra poder ter o Círio. Passado três horas, quando nós desatrelamos, ano passado como foi estréia deles [o informante se refere à suposta associação de promesseiros] eles resolveram no meio da multidão mudar de idéia e disseram: por aqui não sai a berlinda (ex-diretor da Guarda de Nazaré. Entrevista em junho 2004).

Desse desencontro de desejos entre as duas partes, sendo que uma desejava desatrelar corda e berlinda e a outra desejava o contrário, surgiu, segundo o informante, uma grande confusão que finalizou com o desatrelamento, no entanto, com dificuldades não antes sentidas pela DF.

A partir desse conflito, que a princípio parece ser mais um dos vários desentendimentos que podem ocorrer no interior da procissão, a DF resolveu alterar completamente o formato da corda do Círio no sentido de diminuir a atuação direta dos promesseiros na corda, principalmente no que eles chamam de “cabeça da corda”⁷⁵.

Nas reuniões da DF seguintes a esse episódio surgiram relatos preocupados de alguns diretores se reportando à Trasladação do ano de 2003. Estes alegavam “perigo de agressão física”, dada a “atitude irresponsável” dos promesseiros “haja vista que houve negociações prévias” entre as partes, mas que os “promesseiros abusados não respeitaram o combinado”, além de que, perante a situação de iminente conflito “a PM se omitiu não tomando nenhuma atitude”. É “por tudo isso” que “é fato que o nosso relacionamento [da DF] com a ONG da corda terminou e que devemos traçar nosso plano junto à Polícia Militar e envolver as Forças Armadas” (ata da reunião da DF de 11/11/2003).

Após essa decisão, os diretores começaram a pensar formas de “criar um grupo nosso [da DF] para se impor no comando [da corda]”, a justificativa para tal decisão lança mão mais uma vez da questão do tempo, pois “a atitude irresponsável [supostamente, dos

⁷⁵ Cabeça da corda seria a parte frontal da mesma. Independente do formato que a corda assuma há sempre uma “frente” na mesma, onde, segundo diretores e promesseiros, se localiza o controle da mesma.

promesseiros] fez com que a chegada à catedral [da Trasladação] acontecesse só as 1:30h da madrugada”, quando o desejo dos diretores é que esta chegue em torno de 23h à Catedral.

Assim, tendo em vista a necessidade de se ter um grupo que represente a DF no comando da corda o que, segundo o planejado, evitaria os conflitos caso se desejasse desatrelar corda e berlinda, e que culminaria, por outro lado, com o andamento da procissão no tempo desejado pela DF evitando os atrasos, foi pensado para o ano de 2004 um formato diferente para a corda do Círio, na qual os Guardas de Nazaré substituem os promesseiros no comando da cabeça da corda.

No entanto, para que a mudança no formato da corda fosse recebida pelos devotos como uma medida positiva era necessário que fosse justificada por outros motivos que não apenas o de realizar a procissão em menor tempo, ou por questões de conflito pelo controle da mesma. Assim, o discurso do principal interlocutor da DF na época, o diretor coordenador, traz à tona a questão da tradição.

Estamos voltando à origem da história dessa tradição que surgiu quando uma corda foi usada para puxar a berlinda que estava atolada. Essa volta a ser a sua função [da corda], a de puxar a berlinda (...) Na verdade não estamos anunciando nenhuma novidade e sim resgatando algumas tradições importantes do Círio de Nazaré. O atrelamento da corda à berlinda é uma coisa que sempre foi reclamada pelos promesseiros e pelo povo católico do Pará (Oswaldo Mendes, Diário do Pará, Cidades, 03/09/04).

O ponto importante dessa alteração é que esta se baseia na idéia de que não ocorra, como nos anos anteriores, o desatrelamento entre corda e berlinda, este fato se constitui em uma mudança radical já que, como vimos no quadro VIII nos últimos dez anos a corda foi “cortada” na maior parte deles.

A proposta da DF de manutenção da corda da procissão até o final do cortejo a reafirma como elemento de suma importância no cortejo para os devotos e para a DF, no entanto, necessita estar mais sob o controle da Diretoria e menos dos promesseiros, para

tanto é que se justifica sua alteração pois doravante os Guardas de Nazaré⁷⁶ terão papel preponderante, em detrimento, algumas vezes, dos próprios pagadores de promessas. A introdução de uma estrutura metálica na “cabeça da corda”, a partir da alteração no formato da mesma no ano de 2004, possibilita que o controle passe das mãos dos promesseiros para as mãos da Guardas de Nazaré e, conseqüentemente para a DF. No entanto, a experiência que se tem nos dois anos de alteração é que isso não tem sido possível, pois de fato, na hora da procissão, principalmente na do Círio, são os promesseiros que têm conduzido, em conjunto com os Guardas a “cabeça da corda”, até porque as estruturas pensadas no ano de 2004, não suportaram o peso de tantas mãos e quebraram. Em 2005 a estrutura foi repensada, sendo maior e mais forte, capaz de suportar um maior peso e conter um maior número de Guardas. No entanto, mais uma vez foi o imprevisto que valeu, pois nos momentos de maior dificuldade de locomoção do cortejo, guardas e promesseiros, se rivalizando e solidarizando ao mesmo tempo, preencheram os espaços da “cabeça da corda” e caminharam juntos.

⁷⁶Digo que a Guarda de Nazaré é representante direta da DF nas procissões, principalmente na Trasladação e no Círio, por que é essa Guarda que cumprindo recomendações da Diretoria é responsável pela segurança da Berlinda da Santa e, a partir de 2004, com a alteração no formato da corda, eles são responsáveis, também, pela condução da corda dos promesseiros.



Trasladação 2005. Formato da estrutura da “cabeça da corda”. Foto Vanda Pantoja.

Pode-se dizer, dessa forma, que o Círio de Nazaré, enquanto manifestação, envolve motivações religiosas, políticas, ideológicas, econômicas e estética sem perder, com isso, seu caráter de manifestação da cultura local tradicional. Essas dimensões da festa – a religiosa, a econômica e a política - não podem ser compreendidas de forma separada pois que se o Círio pode ser entendido como um ótimo produto de marketing para alguns agentes, é porque este pode ser compreendido, também, como um bem de natureza simbólica, dotado de um alto valor positivo; valor atribuído por grupos que, apesar de apresentarem objetivos semelhantes, dado a devoção ao mesmo santo, ou melhor, à mesma santa, apresentam, por outro lado, muitas divergências, devido à diferença nos interesses que os movem.

III - MERCADO E RECIPROCIDADE NO CÍRIO DE NAZARÉ

Do vendedor ambulante

Para vender mercadoria

Ouvem-se gritos distantes

Para chamar a freguesia

Broche, fita e retrato

Da Santa ele vai vendendo

Seja em qualquer formato

Ele vai oferecendo...

(Apolo Monteiro Barros. Círio de Nazaré-
Literatura de Cordel, 2004).

Gestão do sagrado sob a ótica do mercado: o bem como produto

Uma abordagem do fenômeno da religião orientada pelo Paradigma do Mercado Religioso supõe que a introdução de uma lógica racionalizante no seio das instituições religiosas leva a uma transformação na forma de gerenciá-las, visto que se opera uma alteração em sua esfera de significação, passando a prevalecer sobretudo a lógica da racionalização, ou da objetividade, em detrimento da subjetividade na gestão dos bens de salvação. Uma das conseqüências dessa alteração seria a transformação das práticas e discursos das organizações religiosas em produtos, e a estruturação das atividades administrativas das mesmas rumo a uma racionalização (BERGER, 1985; GUERRA 2003; IANNACCONE, 1995; FINKE & STARK, 1988).

O pano de fundo que orienta as teorizações acerca do Paradigma do Mercado Religioso traz à tona a questão da secularização. Segundo esse instrumental, o processo de secularização, dado à sua profunda racionalidade, coloca a eficácia da religião em dúvida, submetendo-a, por isso, a uma crise no que diz respeito à sua maneira de explicar o mundo. Um dos desdobramentos desse processo é a perda do monopólio de uma única religião, instalando-se, assim, uma situação de *pluralismo religioso*. A situação de pluralismo leva as instituições religiosas a se comportarem como empresas, que competem entre si, em busca de reconhecimento, daquela, que dentre todas, melhor representa a verdadeira fé, o que pressupõe, por outro lado, que esta necessita arregimentar um maior número de fiéis em relação à sua concorrente. Para Berger, a situação de pluralismo religioso pode assim ser caracterizada:

A característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí, que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*. Ela tem que ser “vendida” para uma clientela que não está mais obrigada a “comprar”. A situação pluralista é, acima de tudo, uma *situação de mercado*. Nelas as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado (BERGER, 1985, p. 149).

Segundo esse paradigma, a leitura e o tratamento do fenômeno religioso em termos de mercado seria pertinente devido às seguintes questões:

- As organizações religiosas exercem uma real competição por membros, isto significa que há uma situação de mercado religioso, na qual o pluralismo é uma situação “natural” das religiões que de fato fortalece a *economia religiosa*.
- A afiliação religiosa é uma questão de escolha individual, visto que ao aderir, total ou parcialmente, a uma determinada instituição religiosa, os indivíduos avaliam seus bens religiosos da mesma forma que avaliariam outros bens disponíveis em outras formas de mercado.
- O nível de regulação ou *a mão invisível do mercado* não pode ser desconsiderada quando se deseja avaliar o eventual crescimento, estagnação ou declínio de determinadas organizações religiosas (GUERRA, 2003, p. 34).

No Brasil, essa abordagem é bastante recente e o seu mais representativo autor é Lemuel Dourado Guerra. No entanto, esta é uma perspectiva que surge enquanto metáfora nos trabalhos de Weber (1991, 2000) e Bourdieu (2001), e que adquire status de teoria com os trabalhos de Peter Berger na década de 1960. Mais recentemente, principalmente a partir da década de 1980, partindo das discussões de Berger, um grupo de sociólogos americanos têm (re) formulado algumas de suas idéias, constituindo o que convencionou-se chamar de *Novo Paradigma do Mercado Religioso*. Passemos a uma rápida avaliação dessa abordagem em Berger, no grupo de sociólogos americanos e, finalmente em Guerra.

O Paradigma do Mercado Religioso em Berger

Na visão de Berger, a constituição de uma situação de mercado religioso está diretamente relacionada ao que este autor chama de processo de secularização. Este processo destituiria as organizações religiosas da força moral que as mesmas representavam para a sociedade. A partir do avanço do processo de secularização na sociedade duas conseqüências se colocariam segundo Berger: um individualismo exacerbado, que produziria, por sua vez, uma relação de privatização da religiosidade ao nível individual, já que esta se encontraria em situação de instabilidade, logo, fragilizada; a religião, tendo perdido seu papel de centralidade na vida do indivíduo, teria sua eficácia questionada no

que se refere à resolução dos problemas que afligem as pessoas, surgindo, dessa forma, a possibilidade de a religião ter que competir com outros modelos de explicações para a vida, a exemplo do científico, ou mesmo com outras formas de religiosidade, instalando-se, assim, a *situação de pluralismo religioso*. A condição do pluralismo religioso, na qual se encontrariam as instituições religiosas, levariam a segunda consequência apontada por Berger, o processo de burocratização das ações das instituições religiosas visando manterem-se em situação confortável no mercado competitivo de bens simbólicos.

Nesse sentido, apesar de extremamente burocratizadas e com tendência à centralização de seu comando, cada instituição religiosa teria como meta principal, enquanto condição para sua manutenção no mercado, agradar de forma irrestrita os consumidores de seus produtos simbólicos, o que faria com que estes possuísem papel fundante na (re)organização das instituições religiosas.

...é impossível, quase a priori, colocar no mercado um bem de consumo para uma população de consumidores, sem levar em conta os desejos destes em relação ao bem de consumo em questão (BERGER, 1985, p. 156).

Todo esse movimento se resume, para Berger, na idéia de que a situação de mercado religioso, em que se encontram as instituições religiosas, teria como efeito principal uma crise do sistema religioso, dado à descrença a que as mesmas encontram-se sujeitas, devido à situação apontada anteriormente de secularização das relações sociais. Assim, para este autor a situação de mercado leva ao enfraquecimento da religião enquanto sistema explicativo do mundo.

O “novo” Paradigma do Mercado Religioso: Finke & Stark e Iannaccone

As idéias de Berger datam da década de 1960. Inspirados em suas proposições, surge nos anos de 1980, um grupo americano de estudiosos de Sociologia da Religião que propõe o que se convencionou chamar de “novo” Paradigma do Mercado Religioso. Os principais representantes dessa abordagem são Stark & Finke (1988) e Iannaccone (1995).

Stephen Waerner (1993), citado por Frigerio (2004), compreende que as teorizações desse grupo podem ser entendidas como o desenvolvimento de um novo paradigma nos estudos de Sociologia da Religião, sobretudo em relação ao esquema de Berger, devido ao fato de apresentarem novos elementos em suas explicações. A contribuição do grupo adviria, principalmente, a partir dos seguintes pontos segundo Waerner:

- Por se inspirarem mais em experiências religiosas norte-americanas que européias.
- Por visualizarem a religião não como uma propriedade da sociedade como um todo mas como restrita a grupos específicos.
- Por tentar rever de forma crítica a questão da secularização, apontada por Berger como causa do enfraquecimento das religiões.
- Por utilizar em suas análises conceitos da teoria econômica para compreensão do fenômeno religioso.
- Pela tendência a ver positivamente a separação entre Igreja e Estado, afirmando que a situação de pluralismo religioso seria o estado natural das religiões.
- Por entenderem as trocas e os intercâmbios entre grupos religiosos como algo esperado dentro de uma situação de mercado, e não como uma forma de degradação do fenômeno religioso.
- Por considerarem com especial ênfase a questão da oferta religiosa em vez da demanda, como faz Berger.

A distinção fundamental, entre as colocações de Berger e a do grupo “liderado” por Stark, está na constatação diferente a que chegaram as duas teorias quanto ao efeito da situação de mercado sobre a religião. Para Berger, como vimos anteriormente, a religião tenderia a se enfraquecer quando confrontada por uma situação de mercado. Para o grupo de Stark, ao contrário, em situação de mercado, a religião tende a se revigorar. A explicação do grupo para tal afirmação se pauta em dois pontos, a saber: (a) a situação de pluralismo, que caracteriza o mercado religioso, proporcionaria um crescimento nos níveis de *mobilização religiosa*, visto que para manterem-se no mercado, as igrejas necessitam atrair e manter uma membresia capaz de sustentá-la moral e economicamente; (b) em

situação de pluralismo o discurso religioso tende a ser mais eficaz devido às maiores possibilidades de responder às diferentes demandas dos diversos consumidores, fato que em uma situação de monopólio religioso seria impossível.

Um outro ponto fundamental que difere o “novo” paradigma do mercado do modelo de Berger diz respeito às motivações que levaram à transformação no campo religioso; as duas propostas se encontram em situação contrária: para Berger o papel do *consumidor* é que define as alterações na forma de agir das instituições religiosas, nesse caso a ênfase recai sobre a demanda de fiéis, ou *consumidores*. No “novo” paradigma a ênfase recai não sobre a demanda, mas sobre a oferta. Nesse caso, seriam as transformações estruturais sentidas ao longo do tempo pelas instituições religiosas que proporcionariam mudanças no campo religioso. Um outro ponto fundante, que pode ser caracterizado como diferença entre os dois modelos, diz respeito aos efeitos do pluralismo religioso para as religiões. Se em Berger ele é visto como causa maior das “crises de plausibilidade” que levariam ao enfraquecimento das religiões, no “novo” paradigma o mesmo processo é visto como razão de um “re-avivamento” da religião, dado a uma maior mobilização religiosa, tanto dos *consumidores* quanto dos produtores de bens religiosos. No que se refere ao processo de secularização também há discordâncias; em Berger a secularização é o ponto de partida para toda situação preocupante em que se encontra a religião, para os representantes do “novo” paradigma este é visto como “possibilidades” de mercado.

Assim, a secularização é considerada como um processo auto-limitado que não leva a sociedade para a irreligiosidade, mas para o re-avivamento. Seu resultado não é o declínio da religião em geral, mas, se bem analisado, o declínio de organizações religiosas específicas, que dão lugar a outras novas formas no mercado (FINKE e STARK, 1992, p. 43 citado por GUERRA, 2003, p. 59).

Demanda e oferta: a proposta de convergência de Guerra

A noção de mercado religioso em Guerra (2003) está pautada principalmente nas teorizações de Berger e dos representantes do “novo” paradigma Rodney Stark, Laurence Iannaccone e Roger Finke.

São, os trabalhos de Guerra, o principal expoente dessa proposta de análise dentro do campo da Sociologia da Religião no Brasil. Segundo este autor, somente uma proposta que possa convergir as duas teorias, a de Berger e a do grupo de Stark, aliando a ênfase na demanda dos fiéis à ênfase na oferta dos produtores de bens simbólicos, seria capaz de

construir uma abordagem que considere a totalidade da estrutura mercadológica e que se preocupe não apenas em explicar os níveis de participação ou de mobilização religiosa, mas também em oferecer alguns pressupostos explicativos das mudanças nas religiões em termos mais amplos de dinâmica da esfera da religião (GUERRA, 2003, p. 71).

Nas análises de Guerra dois temas centrais norteiam suas colocações acerca da religião em situação de mercado. Primeiramente a constatação de que há, na esfera nacional, um processo crescente de transformação da religião em produto de consumo; tal constatação pressupõe que o procedimento a ser utilizado no entendimento do fenômeno religioso é compreendê-lo em termos de mercado.

...isso significa na prática analisar o fenômeno da religião com referência às categorias de oferta e procura de bens simbólicos, num ambiente marcado por uma crescente competição pela preferência dos fiéis que se traduz, dentre outras coisas, num gradual aumento da racionalização da atividade das organizações religiosas estabelecidas (GUERRA, 2003, p.13).

O segundo ponto marcante na análise de Guerra é a decisão do autor em abordar a religião como um produto de consumo “semelhante a outros oferecidos no mercado”, e a compreensão de que os indivíduos podem ser tratados como “consumidores dos bens religiosos”.

O que este autor propõe às colocações dos autores que orientam sua análise é a importância de se considerar, no trato do fenômeno religioso, tanto a força que os fiéis, ou

consumidores, dispõem no momento de (re)definição de práticas e discursos religiosos, quanto a importância do movimento gerado pelas próprias instituições religiosas no sentido de (re)ordenarem-se.

Ao nosso ver, é mais adequado tentar uma abordagem do fenômeno religioso que inclua fornecedores e consumidores como sendo partes de um mesmo processo, no qual um determina outro, da mesma forma que acontece nos mercados econômicos seculares. Assim não podemos considerar a constituição de produtos religiosos e das estratégias pelas quais eles vão ser propostos no mercado separadamente dos consumidores aos quais se dirigem, da mesma maneira que não podemos pensar que as necessidades religiosas dos indivíduos em sociedade, e, ainda mais, as formas pelas quais eles conseguem satisfazê-las, se construam apenas a partir de características humanas fundamentais, gerais ou como resultado de decisões isoladas que ignorem as alternativas e os lugares de poder de onde estas lhes são oferecidas (GUERRA, 2003, p. 72-73).

Considerações sobre a gestão da celebração do Círio à luz da teoria do mercado religioso: problemas e possibilidades

Ao avaliar o processo de gestão do Círio de Nazaré em Belém, principalmente nos últimos três anos, 2003, 2004 e 2005, é possível perceber alguns movimentos que me conduzem a pensar a celebração religiosa a partir de uma perspectiva de análise que pode ser associada à Teoria do Mercado Religioso. Essa associação é possível, principalmente, a partir da observação de dois projetos apresentados recentemente pela DF, instituição responsável pela organização do Círio. Trata-se dos projetos Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré – POCN e Devotos de Nossa Senhora de Nazaré, daqui para frente DNSN, ambos instituídos pela DF⁷⁷, sendo o último pensado em parceria com o IBMC- Instituto Brasileiro de Marketing Católico.

A seguir apresento os dois projetos, mostro seus objetivos, e analiso seus significados em relação ao Paradigma do Mercado Religioso, sem, contudo, desconsiderar dos significados outros que possam estar implícitos nos mesmos. Esses significados,

⁷⁷ Como os projetos são bastante recentes, uma análise prática dos mesmos fica de fato prejudicada, dessa forma, minha análise se pauta principalmente no que se idealizou para os mesmos. O projeto Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré foi implantado no ano de 2003 e o Devotos de Nossa Senhora de Nazaré foi previsto para ser lançado em 2005, mas até o momento não se tem nada definido.

quando levados em consideração, permitem um olhar diferenciado ao da teoria do Mercado Religioso, possibilitando entrever uma racionalidade pautada não em valores do mercado capitalista mas com nuances de reciprocidade, segundo Mauss (2003).

Projeto Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré – POCN: lucrar para melhor evangelizar ou evangelizar visando o lucro?

O projeto, patrocinador Oficial do Círio de Nazaré, *grosso modo*, consiste em parcerias entre a instituição organizadora do Círio, a DF, e empresas públicas e privadas. A DF dispensa às empresas a possibilidade de uso comercial da celebração assim como de bens associados à mesma, em contrapartida, as empresas dispensam à DF o pagamento, em espécie ou serviços, de uma cota estipulada pela mesma. Dessa forma ambas “saem ganhando”, segundo membros da DF. A Diretoria ganha porque tem um rendimento financeiro mais “folgado” para fazer o Círio e as empresas lucram porque se aproveitam do grande potencial de vendas presente na celebração para promover seus produtos. A redação do projeto POCN foi elaborado pela própria Diretoria Jurídica da DF; sendo o objetivo, segundo seus proponentes, disponibilizar ao Círio um maior conforto financeiro, evitando, assim, que verbas doadas pelo poder público estadual e municipal, para realização do mesmo, sejam “desviadas” para as Obras Sociais da Paróquia de Nazaré - OSPAN⁷⁸, que não tem outro rendimento que não as doações direcionadas para o Círio. Através do projeto POCN a Diretoria tem não apenas a realização da celebração, mas a garantia de que as Obras Sociais da Paróquia de Nazaré terão verba para suas ações durante o ano todo, explica o diretor coordenador da DF 2005/2006, o advogado Antonio Flávio Américo.

Cada empresa cumprirá, pelo contrato, o pagamento de uma taxa, à vista ou parcelada à DF. Essa taxa estava prevista no ano de 2003 em 50.000 mil reais por empresa, em 2004 custou 55.000 mil e em 2005 a quantia foi estipulada em 60.000. Feito o

⁷⁸ As OSPAN envolvem sete comunidades de assistência social que atendem crianças e adultos: Comunidade São Braz, Comunidade Santo Antonio Maria Zaccaria, Comunidade Sagrada Família, Comunidade São José, Comunidade Padre Afonso, Creche Sorena, Comunidade Nossa Senhora das Graças.

pagamento, as empresas terão o direito de portar um selo ⁷⁹; esta logomarca lhes dará os seguintes direitos.

- *Banners* virtuais no *site* oficial do Círio de Nazaré, os quais dão acesso direto para os *sites* das respectivas empresas.
- Convite especial e citação destacada na Abertura do Círio.
- Notícias sobre o Círio através da assessoria de imprensa da DF.
- *Back Light* instalado no frontispício do CSN nos meses de agosto a dezembro do ano em questão.
- Cota de propaganda no sistema de sonorização das procissões.
- Cota de patrocínio durante a festividade na Rádio do Arraial de Nazaré.
- Direito a um broche de ouro exclusivo, alusivo ao Círio do ano.
- Direito a 5.000 cartazes oficiais do Círio com logomarca e mensagem específica de cada patrocinador.
- Direito a 1.000 folders da “programação do Círio 2005” com logomarca e mensagem específica de cada patrocinador.
- Dez *minioutdoors* colocados nas caixas de sonorização do percurso das procissões do Círio e Trasladação.
- “Benção Oficial” à empresa patrocinadora com a presença da imagem peregrina, momento no qual será doada uma imagem da santa à empresa.

QUADRO IX - EMPRESAS PATROCINADORAS OFICIAIS NOS CÍRIOS DE 2003, 2004 E 2005

⁷⁹ Penso que este selo seja uma alusão à marca “Círio de Nazaré” que de fato não existe legalmente, mas a DF tem grandes esperanças em conseguir. Para tanto, há um pedido da DF que tramita no Instituto Nacional de Propriedade Industrial/INPA desde o ano de 2001. Mas independente da existência da patente há, segundo o POCN, restrições quanto ao uso de elementos associados à devoção. O selo pensado pela DF funciona nesse sentido, pois somente as empresas patrocinadoras oficiais podem portar o mesmo. Em 2003 o selo trazia a

EMPRESAS/2003	RAMO DE ATUAÇÃO	EMPRESAS/2004	RAMO DE ATUAÇÃO	EMPRESAS/2005	RAMO DE ATUAÇÃO
Agropalma	...	Agropalma	...	Amazônia Celular	Telefonia móvel
Amazônia Celular	Telefonia móvel	Amazônia Celular	Telefonia móvel	Bradesco	Financeiro
Bradesco	Financeiro	Bradesco	Financeiro	Castanheira Shopping Center	Comércio
Cervejaria Antarctica	Bebidas	Castanheira Shopping Center	Comércio	Centro de Estudos Superiores do Pará – CESUPA	Ensino superior
Castanheira Shopping Center	Comércio	Centro de Estudos Superiores do Pará – CESUPA	Educação superior	Cola-Cola	Variado
Centro de Estudos Superiores do Pará – CESUPA	Educação Superior	Companhia Vale do Rio Doce	Mineração	Companhia Vale do Rio Doce	Mineração
Companhia Vale do Rio Doce	Mineração	Empresa de Correios e Telégrafos	Serviço de postagem	Empresa de Correios e Telégrafos	Serviço de postagem
LOTERPA	Jogos	Farmácias Big Bem	Comércio	Farmácias Big Ben	Comércio
Rede Celpa	Concessionária de energia	Itambé	Alimentos	Grupo Sacramento	Segurança
Texaco	Combustíveis	Grupo Sacramento	Segurança	Rede Celpa	Concessionária de energia
UNIMED	Saúde	Mariza Alimentos	Alimentos	TELEMAR	Telefonia fixa
		Rede Celpa	Concessionária de energia	UNIMED	Saúde
		TELEMAR	Telefonia fixa	Linhas áreas TAM	Transporte aéreo
		UNIMED	Saúde		

Organização: Vanda Pantoja, 2005. Fonte: www.ciriodenazare.com.br

Há ainda, outra forma de patrocínio, o *patrocínio Plus*, que consiste na possibilidade de que a empresa patrocinadora possa agregar ao patrocínio oficial uma segunda opção. A adesão ao *patrocínio Plus* se realiza a partir do pagamento de uma cota extra que dá direito a outras contrapartidas para a empresa proponente. No momento da pesquisa as vantagens

imagem da Basílica, em 2004 foi utilizada a figura de um barquinho de miriti em meio à procissão de fiéis, em 2005 o selo trouxe as fitinhas da Virgem como elemento principal.

se davam a partir de duas possibilidades: a colocação da logomarca da empresa em questão nas 1.800 camisas da Guarda de Nazaré, mediante o pagamento de vinte e cinco mil reais e/ou que o carro que faz o transporte da imagem da Santa no Traslado, Romaria Rodoviária, e Moto Romaria⁸⁰ seja da frota de uma das empresas patrocinadoras mediante o pagamento de vinte mil reais. Além das negociações formais previstas em contrato, a DF faz negociações de acordo com as possibilidades e necessidades da empresa; mesmo quando esta última se encontra impossibilitada de pagar em espécie o valor estipulado, há outras formas de pagamento⁸¹.

O critério para escolha das empresas patrocinadoras, *a priori*, não foi estabelecido e a DF esperava que as próprias empresas fizessem contatos com a mesma. Assim, no Círio de 2003 ainda foi possível verificar a presença de empresas do ramo de bebidas alcoólicas e de jogos patrocinando o Círio (ver quadro IX) fato que gerou um certo desconforto para diretores e sacerdotes.

... a diretoria não estará longe de receber críticas por permitir, por exemplo, que uma empresa que comercializa bebidas alcoólicas esteja presente no Círio. Ano passado, já houve manifestações contrárias quando uma empresa de aguardente colocou um balão gigante em forma de garrafinha de cachaça no bulevar Castilho França. Este ano, a Ambev (que comercializa cervejas) é um dos patrocinadores oficiais. O coordenador da festa disse que não houve restrições à empresa sobre quais produtos serão divulgados. Para escapar de uma possível saída justa, Oswaldo Mendes [coordenador da DF 2003/2004], argumentou que a Ambev comercializa também refrigerantes e que espera “bom senso” da empresa(...). Durante a cerimônia de assinatura dos contratos, o representante da Ambev não adiantou qual será a estratégia de marketing para o Círio 2003, mas não perdeu tempo na hora de fazer propaganda: “Uma festa como esta só podia ter Antártica” disse ele na frente do pároco de Nazaré, Padre Francisco Silva (O Liberal, Cidades, Caderno 3, 29.06.2003).

Temendo reações capazes de causar algum embaraço para a Igreja, no Círio do ano de 2004 foram selecionadas como patrocinadoras oficiais da celebração quatorze empresas de variados seguimentos do mercado; essas empresas foram “parceiras” da DF na

⁸⁰ Essas procissões estão apresentadas no cap. I do presente trabalho.

⁸¹ Exemplo disso é o Grupo Sacramento que em 2004 não negociou o valor estipulado pela Diretoria para o *patrocínio plus* mas cedeu funcionários para realizar trabalhos de segurança no espaço do Arraial de Nazaré durante os dias de funcionamento do mesmo e, em contrapartida, teve a logomarca na camisa da Guarda de Nazaré (notas de campo).

realização do Círio. As comerciantes de bebidas alcoólicas, e as que atuam no ramo dos chamados *jogos de azar*, assim como as de segmentos semelhantes, possíveis concorrentes, foram evitadas pela DF como patrocinadoras. No entanto, apesar desta suposta recomendação no Círio de 2004 uma grande empresa do ramo de bebidas, incluindo alcoólicas, utilizou imagens do Círio na propaganda de televisão e nos rótulos de suas garrafas de cerveja⁸². De acordo com o perfil do Patrocinador Oficial, traçado pela DF, esta empresa não se encaixaria visto que seu produto de maior saída refere-se ao comércio de bebidas alcoólicas.

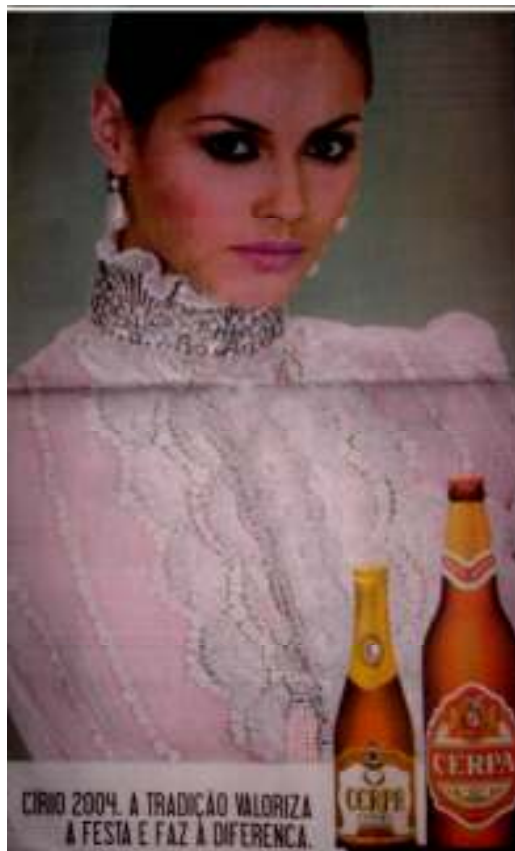
⁸² Trata-se da cervejaria Cerpa que não era patrocinadora oficial.

Mesmo com a instituição do projeto de patrocínio oficial, não há um uso exclusivo apenas das empresas que realizam contratos com a DF, muitas outras empresas compram cotas de patrocínio que pertencem a outras empresas e conseguem associar seu nome ao da celebração. No ano de 2003, este foi o caso, por exemplo, de muitas empresas entre as quais a cervejaria Cerpa, a *Blue-life*, as linhas áreas TAM e o colégio GEO.



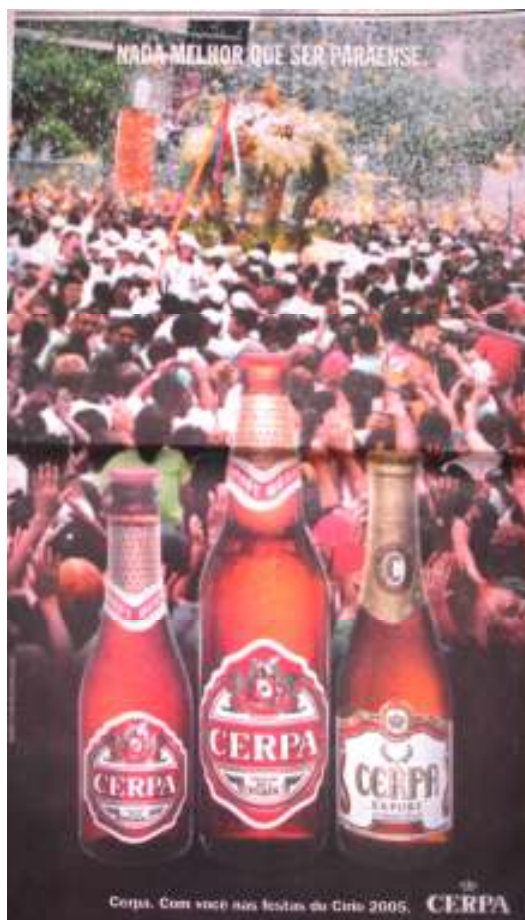
Propaganda da cervejaria Cerpa fazendo menção à celebração do Círio 2003. Reproduzido por Vanda Pantoja, original de O Liberal 12.10.2003.

No ano seguinte, 2004, novamente a cervejaria Cerpa, a rede de farmácias Extra-Farma, a água mineral Nossa Água e a Caixa Econômica Federal, entre outras, associaram seu nome à celebração mesmo não sendo patrocinadoras oficiais.



Propaganda da cervejaria Cerpa fazendo menção à celebração do Cirio 2004. Reproduzido por Vanda Pantoja de original do O liberal 10.10.2004.

No Círio de 2005, empresas como a Agropalma, que foi patrocinadora oficial em 2003 e 2004, Copala, Cursos de Inglês Aslan, Colégio Ideal e novamente a cervejaria Cerpa fizeram uso da celebração em suas propagandas, mesmo não figurando entre as empresas patrocinadoras oficiais.



Propaganda da cervejaria Cerpa fazendo menção à celebração do Círio 2005. Reproduzido por Vanda Pantoja, original do O liberal 9.10.2005.

Não é recente a relação do Círio de Nazaré com agentes responsáveis financeiramente por sua realização. De fato, pode-se dizer que o primeiro agente responsável por prestigiar economicamente a celebração tenha sido o próprio Estado, quando se responsabilizou pela realização da primeira procissão oficial em 1793, assim como quando pensou a realização de uma feira de “produtos agrícolas e industriais” no Largo durante o tempo da celebração, que pudesse propiciar, ao mesmo tempo, um sistema de trocas de produtos entre os habitantes do interior do Estado, assim como promover uma maior participação de pessoas nas celebrações do Círio.

No momento não é possível fornecer com segurança um histórico que disponha sobre a relação da celebração com instituições patrocinadoras da mesma, o que se pode dizer é que a prática do patrocínio oficial é bastante recente quando se fala de Círio de Nazaré, no entanto, por outro lado, não é possível desconsiderar a longa relação da celebração com agências patrocinadoras⁸³. A inovação que se coloca na atualidade é a institucionalização dessa relação através do projeto POCN, que oficializa a prática de doação de quantias em dinheiro para a santa, transformando-a de uma prática de pagamento de promessa, ou de simples contribuição, para o estabelecimento de negócios regidos por regras previstas em contratos. De fato, se analisada à luz do Paradigma do Mercado Religioso essa relação pode ser vista enquanto sintoma do processo de burocratização/racionalização presente na gestão da celebração do Círio.

O Círio, desde há muito, cria uma situação favorável para o estabelecimento de trocas. Para além da dimensão simbólica do rito, ocasião na qual as pessoas de fato se encontram mais solidárias e, eu diria, sensíveis à presença do outro, situação na qual são capazes de realizar atos que em outro momento não realizariam, o tempo da celebração do Círio propicia uma oportunidade privilegiada para o comércio local circular. Penso, inclusive, que a tradição local de se dizer que o Círio é o natal dos paraenses esteja, também, relacionada ao fato de que é nesta data que o comércio local tem o segundo maior faturamento do ano⁸⁴. Há movimentações positivas na rede hoteleira⁸⁵, no comércio de objetos de cera⁸⁶, de alimentos específicos da época como pato, maniva, e tucupi⁸⁷, além de aquecer a comercialização de produtos religiosos, como imagens de santos, terços, fitinhas e similares⁸⁸.

Até o ano de 2003 o Círio contava, para sua realização, com doações do Governo do Estado, da Prefeitura Municipal, de alguns empresários que informalmente doavam

⁸³ De fato não é possível pensar a realização do Círio, ou de qualquer outra festa de santo sem o necessário suporte financeiro. Até a instituição do POCN a relação do Círio com o patrocínio era informal e baseada em doações, a partir deste, em vez de doações, há pagamentos, com valor estipulado em contrato pré-estabelecido.

⁸⁴ Cf. Amazônia Jornal. Painei, 21.09.2004.

⁸⁵ Cf. O Liberal. Atualidades pagina 3, 1. 10.2002.

⁸⁶ Cf. O Liberal. Atualidades página 3, 04.10.2004.

⁸⁷ Cf. Amazônia Jornal. Painei. 18.09.2004.

quantias à santa e dos milhares de doadores anônimos que circulam durante o ano todo pela igreja. O “grosso” da arrecadação vinha do poder público e do empresariado local, fruto, na maior parte dos casos, segundo a DF, dos esforços de seus diretores que, por ocasião do Círio, saíam em peregrinação junto ao empresariado local no sentido de que este fizessem suas doações para realização da celebração.

Antes da instituição do POCN o maior orçamento do Círio era o valor que advinha do poder público local. A partir da instituição do patrocínio oficial a celebração tem a garantia não mais de doações esporádicas do empresariado, mas do pagamento de cotas previamente estabelecidas em contrato comercial, acordadas através da realização de negócios entre a DF e empresas públicas e/ou privadas.

A partir da implementação do projeto a diferença nos caixas da DF fez-se sentir rapidamente

O Círio de Nazaré 2003 será a festa mais rica e bem equipada dos últimos anos. Em uma decisão inédita e corajosa, a *DF se profissionalizou*, chamou publicitários e marketeiros agressivos e foi à caça de *empresários interessados em colocar seus nomes ao lado da Virgem de Nazaré*. O resultado do chamado Projeto Patrocinadores Oficiais é que, em menos de dois meses de trabalho, a festa garantiu chegar a outubro com mais de \$ 1 milhão em caixa, algo que não acontecia há pelo menos dois anos. Além disso, a festa ainda vai receber mais de \$ 800 mil do Governo do Estado e da Prefeitura de Belém. Ou seja o Círio 2003 será bilionário. Com um orçamento que passa dos \$ 700 mil, além de fazer dinheiro irá dar folga às finanças da paróquia de Nazaré, que há tanto tempo não tinha tanto dinheiro em caixa (grifos meu) (O Liberal, Cidades, Caderno 3, 29.06.2003)

Segundo o padre Luciano Bambrilla a razão para a instituição do projeto POCN repousa no fato de que por ocasião do Círio *todos lucram*, menos a própria Igreja, fato que se deseja reparar a partir de então através do estabelecimento de regras para a utilização de imagens da celebração e de bens associados à mesma. Para o arcebispo de Belém à época, dom Vicente Zico, a razão que justifica a adoção do projeto é sobretudo a necessidade que as Obras Sociais da Paróquia de Nazaré – OSPAN apresentavam no momento, pois caso

⁸⁸ Cf. O Liberal. Atualidades. 14.10.2004.

não houvesse este projeto teria que se retirar verba do Círio, angariadas através de doações do poder público estadual e municipal, para viabilizar a reprodução das obras assistenciais, o que, de certa forma, comprometeria a realização do mesmo, além de que, é por ocasião do Círio que todas as formas de doação são feitas à Igreja, ficando o resto do ano praticamente vazio em termos de doações, daí a necessidade de aproveitar o tempo do Círio para potencializar a possibilidade de doações que possam garantir verbas para o ano todo. Ainda assim

Engana-se quem pensa que a decisão de “comercializar” o Círio foi fácil. A diretoria passou meses elaborando o projeto e teve que convencer o arcebispo metropolitano de Belém, dom Vicente Zico, de que a estratégia não era comercial demais para uma festa religiosa que mexe tanto com as emoções dos paraenses (O Liberal, Cidades, Caderno 3, 29.06.2003).

Em relação ao projeto um dos pontos observados na pesquisa de campo é que a relação da DF com o POCN apresenta alguns contratempos que a mesma não sabe, muitas vezes, como conduzir da melhor maneira. Por exemplo, não tem sido clara a divulgação das empresas patrocinadoras oficiais do Círio pela DF, principalmente quando estas empresas lidam com produtos que moralmente não se associam a uma forma de conduta pensada pela Igreja. As formas de divulgação que a DF tem para apresentar os patrocinadores do Círio são a imprensa local, o site do Círio, e os *back light* no frontispício do CSN, no entanto, nem sempre os nomes divulgados pela imprensa, por ocasião do lançamento do projeto a cada Círio, são os mesmos que se apresentam no site oficial do Círio⁸⁹, ou no frontispício do CSN. Resulta daí uma grande dificuldade em afirmar quem de fato são as empresas patrocinadoras a cada ano. Na composição do quadro IX utilizei informações do site oficial do Círio, mas, nem todas as empresas que se apresentam neste, são as mesmas presentes no frontispício do CSN ou em outras formas que a DF utiliza para divulgar as empresas patrocinadoras. Um bom exemplo é a marca Cola-Cola, patrocinadora oficial em 2005, mas presente apenas no site do Círio.

⁸⁹ Esta foi a fonte que utilizei para compor o quadro IX. Nas conversas que travei com alguns membros da DF, o POCN foi um assunto sempre evitado pelos mesmos.



CSN apresenta *back-lights* das empresas patrocinadoras do Círio 2005. Foto: Vanda Pantoja

A intenção da DF era iniciar o projeto de forma experimental no ano de 2003 e, a partir disso, gradativamente aprimorá-lo para os Círios seguintes. A previsão do projeto é que vinte empresas aderissem ao mesmo. No entanto, em 2003 apenas onze foram selecionadas, subindo este número para quatorze no ano seguinte, e doze em 2005⁹⁰. A não adesão ao projeto de acordo com o planejado pela DF, pode ser entendido como um problema para a mesma, que não consegue atingir o número de empresas proposto na concepção do POCN, mesmo a celebração do Círio sendo uma manifestação que possui, no mercado de bens simbólicos, um alto valor positivo capaz de agregar prestígio a quem se associe ao mesmo, como aconteceu no caso do patrocinador oficial Rede Celpa⁹¹.

⁹⁰ Em matéria veiculada pelo jornal O Liberal de 31.03.05, a lista dos patrocinadores do Círio 2005 continha 14 empresas: Amazônia Celular, Bradesco, Rede Celpa, Bunge, Big Bem, Companhia vale do Rio Doce, Cesupa, Castanheira Shopping Center, Telemar, Mariza alimentos, Grupo Sacramento, Itambé e Correios. Em Visita ao site do Círio em 19.09.05 as empresas Mariza Alimentos, Itambé e Bunge não constavam na lista e já se apresentava a Cola-Cola como uma das patrocinadoras.

⁹¹ Ver segundo capítulo.

A DF, o IBMC e os Devotos de Nossa Senhora de Nazaré

Em abril de 2005 o idealizador do Instituto Brasileiro de Marketing Católico-IBMC⁹², Antonio Miguel Kater Filho, esteve em Belém a convite da DF para palestrar sobre o tema “Marketing Aplicado à Igreja Católica” para membros da Diretoria, na mesma ocasião foi apresentado aos diretores o projeto “Devotos de Nossa Senhora de Nazaré”-DNSN. O projeto que, segundo o palestrante, já possui a logomarca patenteada, tem como objetivos fundamentais evangelizar o povo católico e ao mesmo tempo gerar um maior rendimento financeiro para o santuário, através do carisma de Maria.

O DNSN pretende ser de âmbito nacional. A prática é, de certa forma, comum em vários santuários brasileiros e consiste na realização de um cadastro dos devotos da Santa, que se corresponderiam, receberiam revistas e folhetos da Virgem e, em contrapartida, contribuiriam financeiramente para a Paróquia de Nazaré em Belém, através de depósitos e/ou pagamentos em boletos bancários previamente estipulados⁹³.

Kater Filho define-se como um marketeiro e sua fala assemelha-se, em alguns pontos, a dos pastores neopentecostais; o mesmo utiliza o discurso diretivo para as pessoas, circula entre os convidados durante a sua fala, vez ou outra se dirigindo especialmente a alguém, utiliza de uma certa dramatização no tom da fala, aliado a uma dose de descontração e jovialidade no vocabulário, características do discurso mais freqüente no catolicismo entre adeptos do Movimento de Renovação Carismática.

⁹² Este instituto foi fundado no ano de 1998 com o objetivo de *promover, difundir e incentivar a utilização das modernas técnicas de marketing e comunicação entre as instituições católicas* (www.ibmc.com.br/ibmc.htm).

⁹³ Segundo o senhor Kater Filho a definição do valor da contribuição no DNSN será único para todas as pessoas, no entanto, ele reconhece que esta é uma situação muito delicada visto que o valor da contribuição deve representar os variados segmentos sociais possíveis de aderirem ao projeto. A estipulação do valor é crucial para o sucesso ou fracasso do projeto pois um valor muito alto pode representar a não adesão ao projeto e, por outro lado, um valor muito baixo, não é interessante em termos de arrecadação. Um outro ponto que segundo o palestrante deve ser considerado é a questão do perfil regional quando da elaboração do projeto. No caso da Região Norte os níveis de arrecadação devem ser bem menores que de uma região como a do Nordeste, por exemplo, que apesar de mais pobre, segundo o palestrante, é muito mais católica. (notas de campo).

Em seu discurso há uma grande ênfase no fato de que existe uma racionalidade que precisa ser eficazmente explorada no que diz respeito às potencialidades do Círio, pois a imagem de uma “festa com um bando de fanáticos segurando uma corda”, que é repassada pela mídia, precisa ser melhor “lapidada” para então se nacionalizar a festa, até então de caráter regional.

As técnicas utilizadas para melhor “lapidar” o Círio precisam, segundo Kater Filho, aliar emoção e razão, isto é, necessitam lançar mão da fé, “mas visando o lucro”. Lançando mão principalmente da técnica do marketing, que segundo Campos (1999), é a ação capaz de diferir produtos semelhantes no processo da propaganda. As técnicas para conseguir doações para o projeto DNSN se pautam sobretudo no talento em utilizar imagens de forte sensibilização, como crianças e assistência social, segundo o palestrante, já presentes no Círio através das OSPAN, mas que devem ser melhor utilizadas para que o processo de convencimento se torne eficaz. Segundo o mesmo, o processo de “conversão” de uma pessoa é complicado, e precisa ser bem elaborado, pois converter no coração é fácil, na cabeça mais ou menos, sendo o processo de conversão no bolso a parte mais difícil, principalmente no caso dos católicos.

Durante toda a fala do senhor Kater, o mesmo fez comparações entre o comportamento católico e o comportamento protestante, sobretudo os neo-pentecostais da IURD – Igreja Universal do Reino de Deus. As comparações diziam respeito tanto ao comportamento dos dirigentes dessas representações religiosas quanto aos fiéis. No caso dos fiéis ele pontuava que os ‘crentes’ contribuem mais financeiramente para sua igrejas que os católicos. Quanto aos dirigentes o palestrante comparou a imagem do padre à de um velho que não sabe comunicar-se com as pessoas, enquanto os pastores, segundo o mesmo, são dinâmicos e extremamente comunicativos, sendo, por isso, sua ação mais eficaz no processo de convencimento dos fiéis, o que, segundo ele, explicaria o avanço dos pentecostais. Outro fator que influenciaria na explicação do sucesso pentecostal em relação a uma certa desmotivação católica, na opinião de Kater Filho, seriam as péssimas condições dos templos católicos, com bancos duros, pouca iluminação, ausência de um sistema de

refrigeração, falta de estacionamentos, restaurantes e banheiros. Equipamentos, que segundo o mesmo, que já estão inseridos em alguns espaços protestantes.

Esta fala de Kater Filho me faz lembrar dois aspectos da teoria do mercado religioso presentes em Berger (1985): a questão da *assemelhação de produtos religiosos*, quando o mesmo considera que o discurso do pastor é mais interessante que o do padre e que para ser eficaz o discurso do último precisa se assemelhar ao do primeiro; e a questão da *diferenciação marginal* que seria a prática de manipular algumas maneiras de se tornar diferente do outro, mesmo se utilizando de produtos semelhantes, presentes na sua fala quando menciona a falta de qualidade dos espaços católicos em relação aos protestantes. Em Berger a *diferenciação marginal* é uma variante da *assemelhação de produtos* e se caracteriza por um esforço das instituições religiosas em apresentar diferenciações em seus produtos, quase sempre muito semelhantes, em relação aos de outras instituições religiosas, daí essa diferenciação se dar basicamente através de uma particularidade na forma de prestação de serviços. A fala de Kater Filho transforma, o que seria para Berger diferenciação marginal, em assemelhação de produto, quando deseja que os espaços católicos sejam tão dinâmicos quanto os protestantes. Dessa forma, o que era *diferenciação* em uma instituição religiosa pode ser transformado em *semelhança* quando “copiado” por outra instituição, o que pode ser um indicativo de que as instituições religiosas estão sempre em busca de “novidades” que possam ser cada vez mais eficazes na competição por mercado.

Considerações sobre projetos POCN e DNSN à luz da teoria do Mercado Religioso

Os dois projetos, o POCN e o DNSN, são recentes e não se pode, nesse momento, considerar as possíveis implicações que estes possam vir a acarretar para a celebração. No entanto, algumas questões podem ser apresentadas como indícios de que o trato com a celebração do Círio se mostra de forma diferente para a DF, a partir da implementação de um dos dois projetos.

A instituição de uma racionalidade empresarial e um trato burocrático na gestão dos bens de salvação, assim como uma forte ênfase no mimetismo do discurso e das práticas religiosas que, por sua vez, levam a uma certa padronização dos produtos religiosos conforme comentados por Berger (1985), podem ser observados em práticas desenvolvidas pela DF em relação à celebração, a partir dos dois projetos apresentados.

Sob a perspectiva dos dois projetos, cria-se a necessidade de que a devoção possa ser entendida enquanto um produto que precisa ser consumido para que possa se realizar enquanto tal, isto é, para que o Círio aconteça de fato é necessário que a devoção seja entendida como um produto que algumas empresas desejam consumir, sendo o lucro obtido a partir de sua comercialização, a razão material para sua existência. Dessa forma, a devoção pode ser entendida como mercadoria, pois segundo Polanyi (2000) uma mercadoria se caracteriza pelo fato de ser produzida para ser trocada no mercado, através de relações de comércio que envolvem o lucro. O Círio, enquanto fato religioso, passa a ser entendido, também, como um fato econômico, que pode ser consumido como bem que, por agregar alto valor simbólico, possui também um alto valor de troca.

A partir da implementação do POCN no ano de 2003 algumas mudanças na organização do Círio foram percebidas, uma das mais significativas, ao meu ver, é que a partir do patrocínio oficial a DF deixa de fazer o que poderia ser entendido como uma prática de “esmolação” para a santa, através de visitas constantes de membros da DF a empresários e entidades públicas no sentido de que estes contribuíssem para a realização do Círio. A partir do patrocínio oficial há uma inversão, são os empresários que, visando sobretudo potencializar economicamente seus produtos, passam a procurar a DF para candidatar suas empresas ao cargo de patrocinador oficial.

O projeto Devotos de Nossa Senhora de Nazaré apresenta, também, em sua concepção inicial, alguns sintomas da situação de mercado religioso que ora vivem as religiões, nesse caso específico o catolicismo. A idéia inicial do projeto é que o mesmo seja de caráter nacional, isto é, que seja de certa forma descolado de sua base geográfica e

veiculado para outros lugares e pessoas que, independente de suas especificidades, tenham, ou venham a ter, em comum, a devoção à mesma santa.

Esse caráter nos lembra o que Berger (1985) chama de *fenômeno de padronização dos produtos religiosos*, no entanto, com uma especificidade. Este autor considera enquanto fenômeno de padronização as práticas e discursos de diferentes formas religiosas que se assemelham, tendo como fundo a questão da concorrência no mercado. No caso do projeto DNSN o que se percebe é uma variante dessa questão. Tem-se um processo de assemelhação de algumas práticas dentro de uma mesma matriz religiosa, pois nesse caso a padronização estaria ocorrendo no campo do catolicismo, havendo uma espécie de imitação de católico para católico, visto que a prática de criar formas de contribuição para os santuários, via construção de um cadastro de devotos em nível nacional, é comum em alguns santuários católicos. No entanto, o sentido que esta prática representa é o mesmo apontado por Berger: a prática de assemelhar produtos religiosos enquanto uma estratégia para se obter resultados positivos no processo de concorrência entre as instituições religiosas. Mesmo que a base do DNSN possa ser considerada como uma variante do fenômeno de padronização de produtos religiosos pelo fato de acontecer dentro de uma mesma matriz religiosa, ainda assim, o “inimigo” que mais se teme nesse movimento não são os católicos, os quais se copiam, mas os protestantes; são estes que “ameaçam” arrebatam os católicos para seus templos, caso medidas não sejam tomadas pelos mesmos. Chegada a essa conclusão, voltamos, assim, ao modelo de Berger, pois mesmo os católicos imitando os próprios católicos, o que se deseja é frear o avanço protestante.

No processo de concorrência entre as instituições religiosas, a questão fundamental que se coloca frente às igrejas é de que o produto religioso por elas manipulado precisa ser igual, e ao mesmo tempo diferente, para que possa, dessa forma, ser funcional no sentido de vir a agradar a variados tipos de pessoas. Sobre a questão Guerra comenta:

Esse processo, que determina a padronização de produtos direcionados para um mesmo mercado, coloca uma dificuldade a ser enfrentada pelas organizações religiosas: elas devem ter produtos parecidos e ao mesmo tempo diferentes, dificuldade também encontrada nas economias secular, por empresas não religiosas. Para resolver essa questão de duplo nó, que é

precisar ser parecida com o concorrente que faz sucesso e ao mesmo tempo ser original as empresas fazem modificações que Berger chama de “marginais”. Essa diferenciação marginal toma muitas formas: em termos de programação, de estilo de liturgia, de seleção dos líderes religiosos, e finalmente de itens oferecidos em termos de infra-estrutura (conforto dos prédios, variedade e qualidade dos serviços, da música, dos professores de bíblia e outros) (GUERRA, 2003, p. 51).

A dificuldade em “imitar” as práticas de uma instituição religiosa concorrente e ser ao mesmo tempo diferente desta, foi uma das questões centrais na fala do vice-presidente do IBMC por ocasião da palestra para membros da DF em abril de 2005. Nesta, o consultor em marketing utilizou comparações entre os pentecostais e os católicos dizendo que os primeiros há muito já dominam a técnica de angariar fundos para suas igrejas mobilizando eficazmente seus fiéis, prática que a igreja católica ainda não domina, mas necessita lançar mão, dado o risco de perder espaço para aqueles, leia-se os pentecostais, que sabem fazer marketing.

Considerações finais ou a propósito do “velho” e dos “novos” paradigmas de análise para a celebração do Círio

Ao longo do trabalho tratei sobretudo de como funciona o processo de organização do Círio, verificando, vez por outra, questões importantes surgidas a partir desse tema gerador. Vimos o que pode ser entendido como a gênese da celebração em Belém, sua oficialização, expansão para além do município de Belém, sem que se transforme em uma outra celebração, e, finalmente sua organização do ponto de vista da captação de recursos para realização da mesma, especialmente nos anos de 2003, 2004 e 2005. Nas considerações finais, tento mostrar que a celebração do Círio, sobretudo no que se refere à sua organização, pode ser compreendida a partir de dois referencias, Paradigma do Mercado Religioso e Teoria da Dádiva que, *a priori*, entendidos enquanto opostos, ao final do trabalho se revelam como complementares.

A necessidade de mais de um instrumento capaz de explicar uma única realidade nos lembra Weber (2000) ao tratar da questão da ética protestante como *um* dos fatores, a partir da idéia de multicausalidade dos fenômenos sociais, na explicação do surgimento de um tipo especial de racionalidade no ocidente que culminaria com o estabelecimento do capitalismo. No caso da celebração do Círio e da relação deste com empresas patrocinadoras, um outro autor nos auxilia no mesmo sentido proposto por Weber. Para Polanyi (2000) a humanidade ao longo de seu desenvolvimento teria passado por várias formas de trocas, desde aquelas regidas por normas referentes à magia e à religião, nas quais a obrigação da reciprocidade positiva estava restrita a grupos familiares, até aquelas onde há o estabelecimento de um mercado comum, na qual a maior parte das relações de troca são orientadas para o lucro. O fundamental da análise de Karl Polanyi é que as distintas formas de se realizar trocas não são somente sucessivas na história, mas também se recortam umas às outras; mesmo que uma sociedade apresente características mais marcantes de uma determinada relação de troca, como é o caso de sociedades capitalistas que se pautam na troca dentro de um mercado auto-regulador de forças, isso não significa que outras formas de troca não possam se apresentar, mesmo que de forma marginal, nessa mesma sociedade.

Neste sentido, agora mostro que a celebração do Círio pode ser analisada a partir dos dois primas por mim tratados no texto: o Paradigma do Mercado Religioso, de Berger (1985), Guerra (2003), Iannaccone (1995) e Finke & Stark (1988), e o sistema de prestações totais de Mauss (2003). Esses dois instrumentais, apesar de aparentemente contraditórios, como muitas vezes pode ter parecido ao longo do texto, podem ser entendidos como complementares, pois

Dom e mercado podem coexistir, compenetrarem-se, corrigirem-se, no âmbito das sociedades complexas (...). Se, na aparência [o dom] ele se baseia em um movimento de oferendas protocolarmente voluntárias e generosas, não deixa de ter por fundamento a prestação de serviços. No entanto, inversamente a uma ordem de solidariedade, o princípio que o orienta e que dirige a participação de parceiros é estranho a qualquer consideração “econômica” (NICOLAS, 2002, p. 46).

A complementaridade entre o que poderíamos chamar de uma lógica econômica e outra pautada na reciprocidade, gera, o que Alves (1993) chamou de *lógica do compromisso*, isto é, a expectativa, nas relações sociais, da obtenção de pressupostos recíprocos, que extrapolam o mero interesse econômico.

Essas relações complementares, às vezes ambíguas, foram percebidas ao longo do trabalho de campo por mim realizado. Houve momentos em que a abordagem do mercado era tão pertinente ao meu objeto que eu não conseguia ver outro instrumento para analisá-lo, a exemplo da palestra do representante do Instituto Brasileiro de Marketing Católico – IBMC, aos membros da DF. No entanto, em outras ocasiões, sobretudo nos momentos em que a participação do leigo na celebração era mais evidente, eu percebia que a abordagem do paradigma do mercado era reducionista e não dava conta da complexidade das relações por mim visualizadas

Dessa forma, pude constatar que os diferentes agentes organizadores do Círio apresentam, em diferentes graus, nuances de ambas as relações quando se trata do significado da celebração do Círio.

Se por um lado para a DF é necessário o estabelecimento de uma racionalidade empreendedora na gestão do Círio, na qual podem ser localizadas relações caracterizadas por trocas que envolvem lucros, acordos financeiros e contratos comerciais baseados em um modelo de mercado que prima pela contrapartida do lucro, possibilitando, dessa forma, a entrada, na esfera da celebração religiosa, de relações características do mercado capitalista; por outro, é necessário que se leve em consideração que a alegação da DF para implementação do POCN diz respeito ao desejo de que a celebração do Círio tenha cada vez mais “brilho”, e mais ainda, não se pode desconsiderar o fato de que é com a captação de recursos via o patrocínio oficial que a DF garante a permanência das Obras Sociais da Paróquia de Nazaré, atividade marcada também por relações de solidariedade e ajuda ao próximo, sem que, necessariamente, o lucro financeiro seja a contrapartida esperada.

Situações como essas ressaltam nuances de reciprocidade não mencionadas pelo Paradigma do Mercado Religioso, sobretudo nos momentos em que a religião é considerada como um movimento, no mais das vezes, mecânico, que pode ser interpretado como destituído de sua razão emocional. Neste, as organizações religiosas se constituem em verdadeiras empresas de tipo capitalista, que primam sobretudo pela racionalidade nas suas ações, sendo o objetivo principal das mesmas, como em uma empresa qualquer, maximizar lucros e expandir-se territorialmente através de suas filiais. A dimensão mais subjetiva da religião, nessa abordagem, não é levada em consideração, visto que o desejo do lucro pelo lucro, isto é, arregimentar um maior número de fiéis para seus templos, no desejo que essa membresia possa sustentá-los moral e economicamente, parece dominar as ações das instituições religiosas. Nesse sentido, a economia enquanto regra não estaria submersa nas relações sociais, mas, ao contrário, as relações sociais é que estariam submersas na economia. (POLANYI, 2000).

Desejo deixar claro que não descarto a viabilidade de uma análise que parta da metáfora do mercado na compreensão do fenômeno religioso, o que pressupõe, de alguma forma, que se considere a religião como em produto de mercado, os fiéis como consumidores e as igrejas como empresas. No entanto, não se pode exacerbar tal

perspectiva, pois, dessa forma, estaríamos reduzindo a religião a produto, os fiéis a meros consumidores e as instituições religiosas a empresas.

Caso considerássemos apenas os princípios do patrocínio oficial, poderíamos falar de uma certa mercantilização da celebração, no entanto, por outro lado, segundo o discurso da DF, e nesse caso esse fator é fundante para essa análise, porque é através dos discursos que os vários sentidos atribuídos à celebração irão se manifestar, o mesmo seria cada vez menos “pomposo”, pois as verbas de sua realização, doadas pelo poder público, seriam canalizadas para as OSPAN e esvaziariam, de certa forma, o Círio, enquanto dádiva em agradecimento à bondade divina, o que poderia comprometer, segundo a teoria da dádiva, a relação entre homens e deuses. Nesse sentido, a representação de práticas consideradas mercadológicas pode ser avaliada por um prisma no qual importa, para além da manutenção da celebração, que esta seja cada vez maior e mais bonita, tal qual nos orienta Mauss sobre a necessidade de o presente retribuído obliterar, de certa forma, o presente recebido, para que a aliança seja continuada através da retribuição e, assim, sucessivamente (MAUSS, 2003).

Apesar das supostas inovações propostas pelo “novo” paradigma do mercado religioso, uma questão ainda persiste nos dois modelos, tanto no de Berger e de Stark e seus seguidores, quanto na proposta de convergência elaborada por Guerra. Apesar de que as duas últimas propostas consideram a situação de mercado de certa forma positiva para a religião, já que esta seria revigorada através do aumento nos níveis de mobilização religiosa, tanto por parte dos produtores de bens simbólicos quanto pelos consumidores, nos três modelos há uma ênfase exacerbada na questão da racionalidade capitalista na gestão das instituições religiosas. Em todos esses autores está implícita a noção de que o tratamento da religião nos moldes do mercado é possível e, certamente, coerente, visto que o objetivo central de cada instituição religiosa seria o de manter-se em situação de suposta hegemonia em relação às outras. Concordo com tal premissa, no entanto, considero que essa teoria exagera, de certa forma, uma dimensão que, mesmo se fazendo presente no fenômeno religioso, não a define. Nesse sentido, o que se destaca nesse paradigma são as características “racionalizantes” e “burocratizantes” (BERGER 1985), do fenômeno, em

detrimento da dimensão simbólica do mesmo, necessária, em uma desejada abordagem *totalizante* do fenômeno.

Questões como a do sincretismo e do ecumenismo, por exemplo, são reduzidas a estratégias políticas de preservação de territórios de ação das instituições religiosas. O sincretismo seria uma técnica de mimetismo que visa a cópia das ações de uma instituição religiosa por outra, através da utilização das mesmas técnicas, que por ventura tenham sido bem elaboradas. O ecumenismo seria um mecanismo prático de auto-regulação, um acordo, que teria como objetivo impor limites territoriais às igrejas em expansão, no processo de competição por mercado.

Por outro lado, a transposição direta de termos, historicamente utilizados na análise de práticas sobretudo financeiras, como, *demanda, oferta, mercado, consumidores*, que ao longo de sua construção não deixaram de estar associadas à práticas objetivas, nas quais o lucro financeiro era a contrapartida esperada e, por outro, a criação de teorias específicas a exemplo da *escolha racional (rational choice)*, que prevê ganhos e perdas no momento de um indivíduo optar por uma determinada instituição religiosa, podem dar margens às críticas, que não deixaram de vir a esta teoria.

É justamente sobre este aspecto que se assenta a principal crítica ao paradigma do mercado religioso, especialmente no que se refere às razões que movem os indivíduos a optarem por esta ou aquela instituição religiosa. De forma geral, o que se critica de forma mais aguda dentro do paradigma do mercado é a teoria da *escolha racional (rational choice)*, que seria a prática de avaliação, feita pelo indivíduo, no sentido de prever possíveis perdas e ganhos no momento de optar por uma determinada forma religiosa no intuito de maximizar os possíveis benefícios (FRIGERIO, 2004, p. 44).

Dessa forma, na perspectiva do Paradigma do Mercado Religioso, a relação entre homens e deuses é mediada pela *escolha racional*, fundamentada na avaliação de que os indivíduos, ao fazerem escolhas sobre qual ou quais instituições religiosas irão seguir, avaliam essas escolhas tendo como parâmetro os custos e benefícios que as mesmas podem

oferecer. Finke e Stark, citados por Guerra (2003) denominam esse processo de *microeconomia do sagrado*, esta que se pautaria em três princípios:

-Na avaliação dos custos e benefícios sobre determinadas opções no mercado de bens simbólicos, com escolha pela(s) opção(s) que mais possa(m) maximizar os ganhos pessoais.

-Pelo grau de confiança despertado pela instituição religiosa no indivíduo.

-Pela possibilidade de participar de uma determinada instituição religiosa, ter os ganhos maximizados sem, necessariamente, ter que se afiliar à mesma.

A noção da escolha racional, se aplicada ao leigo devoto de Nossa Senhora de Nazaré, não deixaria entrever que a relação deste com a Virgem tem um significado mais simbólico que prático. Para este o significado do Círio é melhor traduzido pela crença, pela fé, pela devoção; por ações para as quais não se mede o sacrifício, quando são direcionadas ao santo ou santa de devoção. Pela contração da dívida de promessa que, apesar de individualizada, traz em si anseios coletivos de uma vida melhor para os homens entre si, mas, principalmente como meio de (re)ligar, continuamente, homens e deuses.

No comércio entre homens e deuses, segundo Mauss (2003), a razão da troca repousa no direito que os deuses possuem sobre todas as coisas, desta forma, o *contra-dom* prestado pelos homens aos deuses não deixa de ser uma forma de pagamento, ou agradecimento, por uma dádiva outrora recebida e sempre devida. Além desse caráter obrigatório de retribuição do presente dado pelos deuses, os homens realizam trocas com estes também com a esperança que os mesmos sejam generosos, pois *o presente dado deve ser equivalente ao presente recebido*. Ainda, segundo Mauss, nesse mercado de trocas entre os homens e os deuses o que se comercializa não são apenas objetos, há uma verdadeira doação dos próprios indivíduos que, não podendo doar-se materialmente, doam-se simbolicamente através de objetos os mais variados, esperando em troca presentes que nem sempre podem ser avaliados racionalmente mas, sobretudo, simbolicamente; afinal, trata-se de trocas mágicas nas quais perdas e ganhos não podem ser traduzidos nos moldes de custos e benefícios, pois o que se deseja está para além de uma troca material. Trata-se de

dar e receber dádivas, num processo em que os ganhos são traduzidos na idéia de prestígio e as perdas podem significar a morte social do grupo.

Isso porque a relação do leigo comum com a celebração é mais caracterizada por relações que dizem respeito à magia e à religião que a operações financeiras. As trocas que se dão entre homens e homens, e homens e deuses, ou santos, são mediadas pela crença na reciprocidade; na troca sem fundamento de lucro material, mas sobretudo uma relação simbólica, sobrenatural, mediada pela crença na existência de algo que, não sendo material, não pode ser medido, mas sentido. As trocas, nesse caso, envolvem produtos de uma natureza diversa à dos produtos comuns a qualquer empresa.



Círio 2003. promesseiro do interior do Estado carrega cruz de madeira em pagamento de dívida à Santa. Foto GEEC, 2003.

A idéia do sacrifício, do sofrimento, da privação, da auto-exploração e, por outro lado, da alegria, do júbilo e da certeza de que seu pedido será atendido são alguns dos sentimentos que norteiam a relação dos leigos comuns com a Virgem de Nazaré no Círio. Os peregrinos que vêm de outras localidades se preparam o ano todo para o grande momento do Círio, fazem economias, preparam roupas, e enfrentam longas distâncias, às vezes caminhando, para estar alguns momentos com sua santa de devoção. Os devotos que moram na cidade também se preparam de uma maneira especial para o Círio, enfeitam suas casas, compram roupas novas e, se vão à procissão, passam por momentos que têm um

misto de prazer e de expiação, desde aqueles devotos que apenas acompanham a procissão mas, principalmente o promesheiro que enfrenta grandes sacrifícios para saldar sua dívida de promessa. E, caso não vá à procissão, assiste em casa pela TV, cercado de familiares e amigos, comovido e feliz ao mesmo tempo.



Grupo de peregrinos oriundos de Salinópolis. Foto Vanda Pantoja 2005

Mesmo intermediado por relações que envolvem trocas financeiras, já que para pagar sua promessa necessita adquirir produtos confeccionados especialmente para esta ocasião, o leigo comum mantém uma relação de verdadeira veneração para com a imagem, ou objetos relativos à santa. Mas é uma veneração de um tipo particular, pois pude constatar na pesquisa que a atenção ao detalhe é um aspecto pouco observado por ele, tive tal constatação ao perceber que a presença das empresas patrocinadoras ao longo do trajeto das procissões, nos *minioutdoor* presentes nas caixas de sonorização, são pouco notadas pelos leigos como um todo, talvez porque a propaganda seja um fenômeno tão presente na vida das pessoas, que já se torna meio que *natural*, ou ainda porque este seja um fato de pouca importância para os mesmos.

No ano de 2005, durante os dias de festejo, as barracas de comidas e bebidas do Arraial de Nazaré foram decoradas com motivos que combinam a imagem da santa, ou de bens associados à celebração, à marca de uma cervejaria que fora patrocinadora não oficial

na ocasião. Não percebi nenhuma atenção especial ou constrangimento das pessoas que circulavam pelo arraial em relação ao fato. Isso me permite comentar sobre a condição ambígua que caracteriza a relação das festas de santo como um todo com as bebidas alcoólicas, especialmente as cervejas. Pelo fato dessas festas serem marcadas por um caráter marcadamente popular, essa bebida é imensamente consumida pelas pessoas que participam das celebrações. Especialmente na celebração do Círio, essa é uma questão bastante delicada para a DF, pois, se por um lado, há uma questão moral que causa um certo impedimento na associação declarada entre religião e bebida alcoólica, por outro, sabe-se que esse é um dos produtos mais consumidos pelas pessoas que, concomitantemente aos atos religiosos, freqüentam os bailes e bares que fazem parte das festas de santo. Em alguns casos as cervejas servem de indicativo do número de participantes nas festas de santo; quanto maior a venda da bebida, maior e melhor a festa. Na Ilha do Marajó, por exemplo, uma das formas que os organizadores das centenas de festas de santo existentes na Ilha utilizam para contar a participação das pessoas nas mesmas é pelo número de grades de cervejas vendidas durante o festejo.

Especialmente nas festas de santo, mesmo as que são organizadas por coletivos que já se encontram institucionalizados, como é o caso do Círio, a noção de crença presente nos gestores dos bens simbólicos, mas sobretudo entre os leigos comuns, não pode ser entendida senão como relação que prevê direitos e deveres entre os homens e deuses, e entre os homens entre si, como bem traduziu Alves (1993) pela idéia de *intercambio ritual*. A idéia da *escolha racional*, do *consumidor* movido pela noção de *perdas e ganhos* é suplantada pelo peso da tradição, do costume, da noção de bem e de mal, e pelo temor ao sobrenatural, característicos da moral cristã, assim como pela crença em uma relação de afinidade com a divindade que, não desconsiderando a qualidade utilitária de todas as religiões, conforme comenta Weber (1991), tem sido a marca de uma sociedade eminentemente religiosa, na qual a relação com os santos, encantados e visagens adquirem grande relevância no cotidiano (GALVÃO, 1976).

No caso dos empresários patrocinadores vimos que, se por um lado, a celebração não deixa de ser uma forma eficaz de aliar à marca de sua empresa símbolos da celebração

no intuito de que possam potencializar a venda de seus produtos, no desejo declarado da obtenção do lucro, por outro, não podemos desconsiderar ganhos que não dizem respeito ao lucro financeiro, mas sobretudo ao prestígio social garantido à imagem da empresa graças à associação desta à celebração. Ou, mais ainda, há casos em que antes da associação ao Círio como patrocinadora a empresa em questão, na figura de pessoas influentes presentes na mesma, têm uma relação de amizade, ou mesmo convivência com membros da Diretoria e clero ligado à Basílica de Nazaré como um todo, o que facilita o contato destes com a celebração, sendo, nesses casos, uma relação que lembra o compadrio, ou o parentesco, já que todos se unem na figura de Maria, antes que seja um contrato entre instituições.

Segundo Polanyi, uma das descobertas mais “importantes” nas recentes pesquisas histórico antropológicas é a que diz respeito a nuances de reciprocidade impressas nas relações econômicas

Ele [o indivíduo] não age desta forma para salvaguardar seu interesse individual na posse de bens materiais, ele age assim para salvaguardar sua situação social, suas exigências sociais, seu patrimônio social (POLANYI, 2000, p. 65).

Para os sacerdotes vimos que o Círio, para além de qualquer interesse político de manutenção do *status quo*, significa o momento de maior possibilidades de evangelização do povo católico; dessa forma, todas as medidas, tomadas no sentido de “organizar melhor” a celebração, são tomadas, tendo como objetivo, sobretudo, a importância religiosa do Círio. Assim como catolicismo popular e catolicismo oficial, leigos e sacerdotes, promesseiros e Guardas de Nazaré são entendidos enquanto oposição de um em relação ao outro - sem que a idéia de complementaridade esteja ausente dos mesmos, visto que não se pode pensar em um sem que, imediatamente, se pense no outro - a lógica do Paradigma do Mercado Religioso e a lógica da reciprocidade podem ser entendidas como relações opostas, mas complementares, no entendimento de um *fato social total*, como são as festas de santos e santas de devoção popular, em nosso caso específico, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém.

Referências bibliográficas

ALMEIDA DE SOUZA, Juliana Beatriz. “Uma rainha para a república”. In. *Revista Nossa história*. Ano I, nº 12, outubro 2004.

ALVES, Isidoro. *O carnaval Devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém*. Petrópolis, 1980.

_____. *Promessa é dívida... Valor, tempo e intercambio ritual em sistemas tradicionais na Amazônia*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, 1993, mimeo.

ALVES, Regina. *Círio de Nazaré- da taba marajoara à aldeia global*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará/Universidade Federal da Bahia. Programa de Mestrado Interinstitucional em Comunicação e Cultura Contemporânea. Belém, 2002 (mimeo).

ALMEIDA PINTO, Antonio Rodrigues. *O bispado no Par*. In *Annaes da Biblioteca e Arquivo Público do Pará*, tomo V, 1906.

AMARAL, José Maria Freitas. *Círio de Nazaré – informações úteis e importantes*. Belém: Mendes Publicidade, 2003.

ASSUNÇÃO, Paulo de. *Negócios Jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos*. São Paulo: EDUSP, 2004.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado – elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BONNA, Mizar. *Círio: painel de vida*. Belém: SECULT, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 2001.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro Templo e Mercado: organização e Marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade de São Paulo, 1997.

CARVALHO, Marques de. *Hortências*. Belém. CENTUR/SECULT, 1989.

CÍRIO DE NAZARÉ. Plano de trabalho Círio 2003. “Honrar a virgem de Nazaré, contemplando os mistérios da vida de Jesus”. Arquidiocese de Nazaré, Basílica de Nazaré, Diretoria da Festa de Nazaré. Mimeo.

CÍRIO DE NAZARÉ. Plano de trabalho 2004 “És filha, esposa e mãe de Deus, que é uno e trino”. Arquidiocese de Nazaré, Basílica de Nazaré, Diretoria da Festa de Nazaré. Mimeo.

CÍRIO DE NAZARÉ. Plano de trabalho Círio 2005 “*Com Maria, em Belém, queremos ver Jesus*”. Arquidiocese de Nazaré, Basílica de Nazaré, Diretoria da Festa. Mimeo.

CORRÊA, Roberto Lobato. “A geografia cultural e o urbano”. In CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand: Brasil, 2003.

DOSSIÊ CÍRIO DE NAZARÉ. Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN, 2º Superintendência Regional/ Pará-Amapá SR, 2004.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992.

FRIGERIO, Alejandro. *Teorías económicas aplicadas al estudio de la religión: ¿ hacia un nuevo paradigma?*. In Boletín de Lecturas y sociales y Económicas – UCA- FCSE, 2004, ano 7, nº 34.

FINKE, Roger & STARK, Rodney. *Religious economies and sacred canopies: religious mobilization in American cities, 1906*. In *American sociological Review*; Feb. 1988; 53,1; ABI/INFORM Global.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GODELIER, Maurice. “Antropologia e economia”. In. *Horizontes da antropologia*. Lisboa: Edições 70, 1973.

GUARDAS DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ. Regimento interno. Gráfica Alves, Dez. 2003.

GUERRA, Lemuel Dourado. *Mercado religioso no Brasil – competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião*. João Pessoa: Idéia, 2003.

_____ As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na Igreja Católica. In *Rever – Revista de Estudos de Religião* nº 2, 2003b p, 1-23. ISSN 1677-1222.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOUTART, François. *Mercado e religião*. São Paulo: Cortez, 2003.

LANNA, Marco. “Festa e política”. In *Vivência, Dossiê Festa*. Revista do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN, V. 13, nº 1, jan/jun 1999.

LIMA, Maria Dorotéia; MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Reflexões a propósito de registro do Círio de Nazaré como patrimônio de cultura imaterial”. In. FALÇÃO, Andréa. *Registros*

e políticas de salvaguarda para as culturas populares. Rio de Janeiro: Funarte: IPHAN, CNFCP, 2005. (Encontros e Estudos; 6).

LI MA, Elizabeth Cristina de Andrade. *A fábrica dos sonhos-a invenção da festa junina no espaço público*. João Pessoa: Idéia, 2002.

LUSTOSA, D. Antonio de Almeida. *Dom Macedo Costa – Bispo do Pará*. Belém: Secult, 1992, (Lendo o Pará 13).

MAIA, Carlos Eduardo Santos. “Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares”. In CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL (orgs.) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesial*. Belém: Cejup, 1995.

_____. *Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. Belém: Cejup, 1999.

_____. “Histórico do Círio de Nazaré”. In AZEVEDO, Josimar (coordenador) *Círios de Nazaré*. Belém: Graphitte, 2000.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MONTARROYOS, Heraldo. *Festas profanas alegrias ruidosas*. Belém: Falângola, 1992.

MONTES, Maria Lúcia. “As figuras do sagrado: entre o público e o privado”. In SCWART, Lilia Moritz (org.) *História da vida privada – contrastes da intimidade contemporânea*. Volume 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

MOREIRA, Eidorfe. *Visão geo-social do Círio*. Belém: Imprensa Universitária, 1971.

NICOLAS, Guy, “O dom ritual, face velada da modernidade”. In MARTINS, Paulo Henrique. (org.). *A dádiva entre os modernos: discussões sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu”. In TEIXEIRA, Faustino. *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

PANTOJA, Vanda. *A Praça pública e a festa sagrada: manifestações culturais e territorialidades móveis no Círio de Nazaré em Belém-Pa*. Monografia de conclusão de curso, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Pará, 2004a, mimeo.

_____ *Os homens de branco e o terço da Virgem – fé o controle no Círio de Nazaré.* trabalho apresentado à disciplina “Aprender fazendo análise de discurso”, disciplina optativa do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFPA. 2004b, mimeo.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: As origens da nossa época.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

POUILLON, François (org.). *A Antropologia Econômica.* Lisboa: Perspectiva do homem/Edições 70, 1976.

ROCQUE, Carlos. *História do Círio e da festa de Nazaré.* Belém: Mitograph, 1981.

ROSENDAHL, Zeny. “Espaço, cultura e religião: dimensões de análise”. In. CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. *Introdução à geografia cultural.* Rio de Janeiro: Bertrand: Brasil, 2003.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica.* Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 1996.

_____ “O sagrado como elemento de coesão rural. Análise de dois centros de convergência religiosa: Muquém e Santa Cruz dos Milagres”. In *Hierópolis: o sagrado e o urbano* Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

STEIL, Carlos Alberto. Romeiros e turistas no Santuário de bom Jesus da Lapa. In. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 249-261, outubro de 2003.

SANCHIS, Pierre. *Arraial: Festa de um povo- as romarias portuguesas.* Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SOUZA, Daniel Aguiar. *Ecumenismo no campo religioso de Belém do Pará. uma abordagem através do paradigma da dádiva.* Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará, 2005, mimeo.

SOUZA, Marcelo Lopes. “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. In *Geografia conceitos e temas.* Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2001.

TOCANTINS, O rio comanda a vida – uma interpretação da Amazônia. Manaus: Valer/edições Governo do Estado, 2000.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura.* Petrópolis: Voss, 1974.

_____ *Dramas, fields and metaphors: symbolic action in human society,* Cornell, University Press, 1975.

VAINFAS, Ronaldo & ALMEIDA DE SOUZA, Juliana Beatriz . “Nossa Senhora o fumo e a dança”. In NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente.* São Paulo, Cia. das Letras, 1999.

VIANNA, Artur. *Festas populares do Pará*. Anais da Biblioteca e arquivo público do Pará. Tomo III, 1968.

WARNIER, Jean Pierre. *A mundialização da cultura*. São Paulo: EDUSC, 2003.

WEBER, Max. *Economia e sociedade- fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 1991.

_____ *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2000.

JORNAIS CONSULTADOS

O Liberal, caderno turismo, p, 2. 13/10/1989.

A Província do Pará, p, 9. 15/10/1996.

O Liberal. Atualidades. 5/10/2002.

O Liberal. Primeira página, 12.10.2003.

O liberal. Atualidades. 10.10.2004.

O Liberal, Atualidades. 4.10.2005.

O Liberal, Paineis. 9.10.2005.

O Liberal, Cidades, Caderno 3, 29.06.2003)

Diário do Pará, Cidades 6. 7.10.2005.

SITES CONSULTADOS

www.ciriodenazare.com.br consultado em setembro/outubro 2004 – setembro/outubro 2005

www.governodoestado.gov.br consultado em outubro 2004

www.portalprefeitura.com.br consultado em outubro 2004

www.cerpa.com.br consultado em outubro 2004

www.amazoniacelular.com.br consultado em setembro/outubro 2004

www.bradesco.com.br consultado em setembro/outubro 2004

www.redecelpa.com.br consultado em setembro/outubro 2004

www.portalorm.com.br consultado em setembro/outubro 2004- setembro/outubro 2005

ANEXO

ESQUEMAS DA ANTIGA DISPOSIÇÃO DA CORDA DO CÍRIO ATÉ 2004.



Fonte: Diretoria da Festa, 2004.

ESQUEMAS DA NOVA DISPOSIÇÃO DA CORDA DO CÍRIO APARTIR DE 2004.



Fonte: Diretoria da Festa, 2004.